

**VIDA MUNDIAL**

**ILUSTRADA**

SEMANARIO GRAFICO DE ACTUALIDADES



**NATAL**  
**1945**



FOTO DA CASA J. O. F. VAREZ

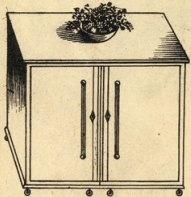
**ANO V**

**NÚMERO EXTRAORDINÁRIO 6\$00 / 24 DE DEZEMBRO DE 1945 N.º 240**

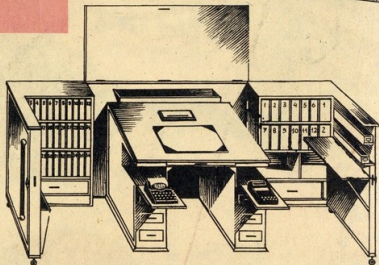


ECONOMIA  
BOM GÔSTO  
CONFÔRTO

Sinteselar



FECHADO

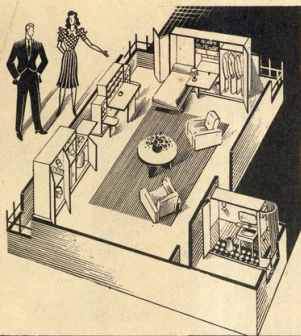
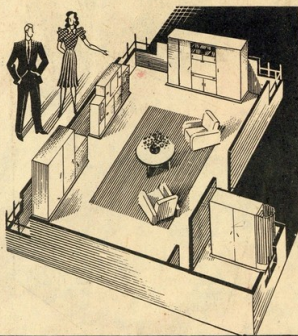


ABERTO

ARMÁRIO—QUARTO  
DE DORMIR



ARMÁRIO—ESCRITÓ-  
RIO (SINTESE)



# QUATRO MÓVEIS..UMA CASA!

MODELOS DE MÓVEIS REGISTRADOS NA REPARTIÇÃO DA PROPRIEDADE INDUSTRIAL

SINTESELAR

É a marca de quatro móveis simples, económicos e confortáveis, que têm o condão, como se demonstra, de resolver o problema da vida económica, suprimindo o número de casas e, conseqüentemente, reduzindo as despesas da vida quotidiana.

AVENIDA SACADURA CABRAL, 36-B

LISBOA





# NATAL

**M**

ENINO JESUS da minha rua, que pisas, descalcinho, o asfalto gelado, garoto que cometes o pecado de passar andrajoso por entre vestes ricas e de fazer duma cêdeia de pão a tua triste consoadá, são para ti estas palavras.

Fixa com os teus olhitos tristes a grande árvore de Natal que é o mundo, e não invejes a riqueza — que riqueza sem Paz breve pode transformar-se em miséria...

E a Paz não chegou, Menino Jesus da minha rua! Chegou, sim, aos nossos ouvidos a palavra Paz... Mas olha a árvore de Natal do mundo, menino ansioso por brinquedás, e verás novas armas penduradas nos ramos tristes, que até parecem ciprestes! Olha a árvore de Natal do Menino Mundo e verás armas de destruição e dor, iluminadas por velas, tão tristes que até parecem cirios...

Mas não te importes, Menino Jesus da minha rua. Os homens podem continuar lutando. Uns, conquistarão glórias e grandezas; outros obterão a morte como prémio de terem sido mouos ou de não terem sabido ser fortes...

Mas tu continuarás a pisar com os pés descalcinhos o asfalto gelado da rua. Mas tu continuarás a ter como triste consoadá uma cêdeia de pão!

E quando fôres homem, Menino Jesus da minha rua, que quâsi nasceste numas palhinhas humildes, como Ele, o Menino que nasceu para salvar o mundo, hão-de dar-te uma espingarda. E tu, e outros meninos como tu, hão-de sentir-se orgulhosos de ter uma espingarda a sério — uma arma que já não é brinquedo, e hão-de querer lutar e colher glórias e fama de heróis...

Entretanto, quando isto acontecer, Menino Jesus da minha rua, outras crianças como tu devem estar pisando com os pés descalços o asfalto gelado e hão-de fazer a sua triste consoadá duma cêdeia de pão!

ANIBAL NAZARÉ



## MITOR DOS TUSASAS PINTURA

QUEM não estará lembrado da surpreendente redimida de quadros portugueses dos séculos XV e XVI, que aos olhos maravilhosos do público ofereceu a Exposição dos Centenários em 1940? Surpreendente, na verdade, aquêles tão vastos arsenal de arte dos nossos antepassados, aquela floração de um génio próprio, bem português, e aquele reflexo do esplendor da vida nacional, em plena junção na era das nossas empresas marítimas.

Percorrendo as salas e corredores das Janelas Verdes, o visitante de nós certificar-se de que a sua pequena Pátria vive há muitos séculos de uma vida própria, e no concreto das nações apresenta personalidade bem acentuada, que as mais profundas influências não lograram destruir.

Cada vez é mais necessário aos portugueses descobrir Portugal a fim para imparem de patriotismo, sentimento óco, feito de desprezo pelo estrangeiro e de ignorância dos valores universais, mas para que, conhecendo bem a sua terra e a sua nação, se possam nela melhor e com amor a possam servir.

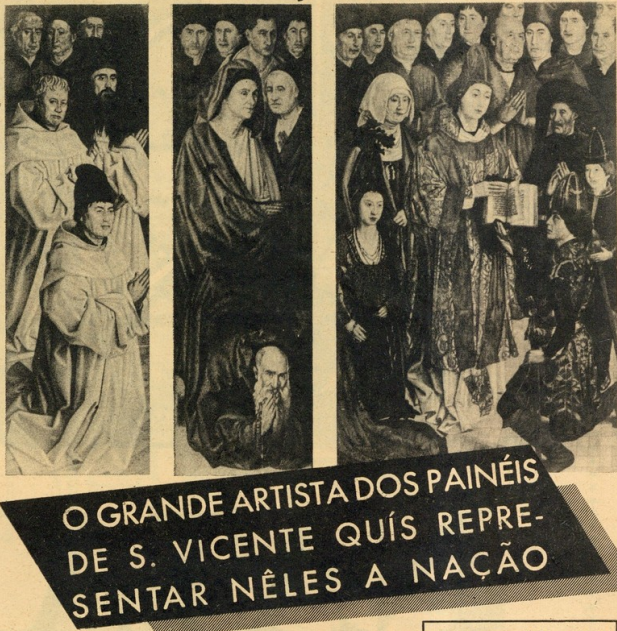
Felizmente, no campo da arte, têm tido já os portugueses tempo os illumine Ainda não há muito tempo, numa síntese empolgante, Resnais, quando tantos lhe disse as linhas gerais da arte portuguesa, através das quaes se descobre a própria índole da grel.

Na maravilhosas exposição dos Primitivos portugueses, em 1940, a cor, os géstos, os trajos, as minúcias, o ar, as figuras, a expressão das pinturas revelaram certamente, aos que a percorreram com atenção e sem temer bater um coração lustano dentro do peito, alguma coisa do seu ser próprio, no que tinha de mais íntimo e de mais inalienável da alma. Uma sã distribuição das peças expostas conduziu o visitante, nessa igreja do gosto português, ao altar-mor da arte, e como sobeiro representante, deparava-se-lhe «uma disposição em políptico, de grande valor, e as linhas gerais da composição depois germinam, e a magnífica obra dos painéis de São Vicente, pela forma que publicamos.

Uma sã distribuição de tantos investigadores trabalhos árcia desta obra-prima da nossa pintura, apesar das contribuições de grande valor que têm trazido para o estudo dela, segundo cremos, pelo que se tem lido e ouvido. Alguns eruditos investigadores, que se creia lesado por esta afirmação sincera, ditam, a par de uma sincera concolução, a origem, os motivos, os fins, o pensamento dominante dos quadros. Mas o Sr. Henrique Nuno Gonçalves aos pintores permanentes enigmáticos. Para uns tratam-se de glorificação do Infante D. Henrique. Para outros, da veneração de São Vicente. Para outros... Mas não que a pena mencionas opiniões que atados podem ler nos estudos de abalizados mestres.

Todos, porém, mais ou menos concordam em que por aquêles painéis se pode ajuizar do que seria o Portugal do século XV. Mas isto também mostra extranha ou implicitamente aquela expressão que, Henriques, para outros, da veneração de São Vicente. Para outros... Mas não que a pena mencionas opiniões que atados podem ler nos estudos de abalizados mestres.

Vejamos, por exemplo, o que escreve Afonso Lopes Vieira, auscultando com o seu coração de grande



## GRANDE ARTISTA DOS PAINÉIS DE SÃO VICENTE E DA SACRA FAMILIA

poeta e as luzes da investigação contemporânea essa obra-prima da arte medieval.

«O painel dos pescadores deve representar os fundadores da Companhia de Lagos, organizada pelo Infante, afirma na Demanda do Santo Graal aquêste escritor, segundo a doutrina de que a glorificação do Infante D. Henrique, como centro propulsor dos nossos empreendimentos marítimos, explica os painéis. Mas o Infante não é o único figurante dos quadros e nem sequer está em primeiro plano. E quem sabe se os pescadores representados no painel são simplesmente... pescadores? «No painel da reliquia», continua o mesmo autor, encontra-se com um livro aberto, que poderá ser uma Bíblia ou um tratado astroológico, uma figura de judeu, cuja presença não é ali claramente explicável».

«Ricos donatários, senhores de comendas... vestem os seus capotes de bordo, sem uma insignia ou uma jóia», diz ainda. Ao lerem-se tais passos, que esboçamos como representativos de quanto a penetração científica, aliada à poesia, conseguiu achar, não podemos deixar de sentir que os problemas suscitados carecem de solução. «Porquê tanta gente e tão diversa numa pintura? porquê pescadores? porquê ricos — homens de capotes de bordo e não com trajas distintivos?»

Ao lado dos santos, apenas costumavam os Primitivos pintar o retrato dos benefactores da casa onde os mesmos santos se veneravam, ou o dos que tinham encomendado a obra. Como explicar uma série tão grande de retratos?

Casualmente, ao lermos, com Intuições diferentes dos de buscar a explicação disto, as páginas do Leal Conhecimento do rei D. Duarte, deparou-se-nos o seguinte trecho, em que o rei Elzequino, traça aos leitores o quadro da Nação nos seus classes, compartimentos ou estados sociais:

«Os estados, geralmente, são cinco. Primeiro, o dos oradores, ent que se entendem clérigos, frades de todas as ordens e os ermitões, porque seu próprio e principal ofício destes é per suas orações rogar Nosso Senhor por todos os outros estados, e por seus officios louv-lo e honrar por suas boas vidas e devotas cirimontas, e ministras os sacramentos. Segundo, dos defensores, os quais sempre devem ser prestes para defender a terra de todos contrários, assi dos aversarios que de fora lhe querem empercar, como sobervos e maliciosos que moram em ella, de que não menos empecimento muitas vezes recebem (...). Terceiro, dos lavradores e os que toda a cousa publica se mantem e sustenta, são chamados, aos quaes pertence com esto sempre continuadamente se occupar, sendo muito relevados, quanto se mais puder fazer, de todo o outro serviço e mau trilhamento, mas dar-lhes [isto é: dando-se-lhes pelo contrário] lugar (de) favor para tirarem per seu trabalho aquelles frutos da terra em que todos nos governamos. Quarto, dos officiais, em que se entendem os mais principais conselheiros, juizes, regedores, vedores, escriptes e semelhantes, os quaes bons, leais, entendidos, sollicitos, tenentes a Deus devem ser escolhidos. Quinto, dos que usam de algumas artes aprovadas e mestres, tançadores, armeiros, ourivezes e assi dos outros que são per tantas manieiras que não se poderiam brevemente recontar, aos quaes convém bem e lealmente e com devida diligência usar de sua boa maneira de viver (Cap. IV).

Em face deste trecho, não é difícil concluir que Nuno Gonçalves quis nos seus painéis representar a Nação. Os pescadores são simplesmente pescadores, e a seu lado hão-de estar os outros «pés da cousa publica»: os lavradores.

### UMA CONTRIBUIÇÃO INÉDITA POR FRANCISCO JOSÉ D'ABREU FONSECA VELLOSO

Com os capotes de bordo, não estão os ricos-homens, ocultando a sua grandeza, mas os mareantes, tirados de todas as classes sociais com outros membros do quinto estado.

Lá estão também os clérigos, a que preside simbólica ou realmente um arcebispo (não será o Prímaz das Hispánias, o prelado de Braga?); lá estão os representantes da igreja à direita do observador, enchendo quasi o fundo do painel maior da direita, e continuando no mesmo plano pelos outros menores (painel dos cavalheiros e painel da reliquia). Talvez tivesse o artista esquecido o ermitão das barbas e os frades que se vêem no último painel da esquerda, e a pessoa que encomendará a obra lhe chamasse a atenção para a falta dessas personagens do estado dos oradores: ou «quem sabe?» talvez houvesse de se retratar em algum lugar distante, já depois de, para aproveitar o tempo ou a presença de todos os outros figurantes, ter pintado a figura destes. Nem de outra forma se compreenderá que não occupem o centro da pintura.

Ao lado de cada um dos outros vem-se as pessoas reais, que são a corça da Nação.

Para a direita do observador os guerreiros, ou defensores; para a esquerda, os lavradores e pescadores, no mesmo plano. No painel grande da esquerda, chamado do Infante, está o Rei: ao fundo hão-de estar os seus conselheiros e representantes do seu poder, os officiais. E para a esquerda, também ao fundo, o próprio Nuno Gonçalves, os mareantes, enfim todos os que usam de artes aprovadas e

(Continua na página 48)



# CARTAS QUEROZIANAS

## A EXPOSIÇÃO EVOCATIVA DO GRÊMIO LITERÁRIO

Contempla agora:  
— «1870 — Pronuncia a 4.ª conferência do Ca-  
sino»;  
— «1879 — Publica O Mandarim»;  
— «1891 — Aparece a 1.ª edição de Os Maias».

Não me esqueça: o tal original para o *Diário de Notícias* são, aliás, tiras de almanacço com os capítulos de O Egípcio, inédito até 1922.  
Desvieimo a vista, que, depois de tanta festa para a festa, estas trapalhadas causam desgosto. Reparemos, todavia — com certo espanto — que foi impossível ao S. N. I. encontrar grande parte das primeiras edições dos livros de Eça.

Não libertaram também as publicações em que colaborou, a não ser *As Farpas*. Nem a *Revista Occidental*, em que saiu a primeira versão de O Crime do Padre Amaro, nem um só número da *Revista de Portugal*!

A ausência de *Um feixe de penas* (1888), onde se encontra a primeira versão de O Susse Milagre, será notada por todos aqueles que tratam de brindar-nos com um Eça mítico.

Ora, pois, vamos ao segundo compromisso... Depara-se-nos logo um quadro horroroso, em que fluram dez Venenos da Vida — todos assassina-  
dos. E desvanteira!

Como se consente isto?  
Refiguramo-nos num recanto da sala: aí se vê uma quadra que pretendem ser a reconstrução do gabinete de trabalho de Eça em Neully. E gelido! Não sei se pior que o painel criminoso.

Agora, que libaria é esta? Cartazes, retratos, recortes, pedaços de jornais, com o diatlico: — «Os Teatros e os Circos — orgia dumá época».

Só visto: é pirâmida!  
Mas trat' bom humor... Aproveitamo-nos para saborear outros diatlicos: — «Os «Fracidos» eram um resumo dos Cencilhos»; — «Antes de Eça de Queiroz a vida literária morria em deliquios românticos».

E segue, querido Amigo, e segue impreviavelmente! A direita, depois dumas prateleiras que encerram recordações de várias famílias, damos com outra reconstrução malaventurada — um quarto onde já a cabala analfabeta do mandarim...

Agora, de saite, entremos no salão. A tódá a volta, umas coisas que fingem livros abertos, com páginas assinaladas para a formação dum *Ideário* em Eça, destacando os conceitos com traços ovulados e vermelhos.

Alguns são do Conde de Abranhos... Creio que há outros do Conselheiro Acácio.

E o «sclor» da Exposição?  
E infame? Não? E riavel simplesmente.

Só tu me faria sofrer esta humilhação de ter vindo aqui. E o nosso grande Eça — que está morto há quarenta e cinco anos — que diria?

Por éle, antes de sair, eu grito bem alto: — Pro-  
teja-se o teu velho, bem do coração amigo!

LOPES DE OLIVEIRA

Querido amigo:

Respondo com a possível brevidade à tua pergunta: «Valoré e pena fr., de propósito, a Língua?»  
Tão-a peito tomei a tua consulta que, contra o costume inveterado pelas minhas decepções sempre que corro aos foguetes de reclamo, fui ao Grémio Literário à tal Exposição evocativa de Eça de Queiroz.

Logo à entrada me ofereceu o moço de porta dois aliciosos impressos (bon papel), que me confirmaram que ali se veria uma das «comemorações promovidas pelo Secretariado Nacional de Informação, Cultura Popular e Turismo»...

Estive para voltar para trás, porque, sendo do Turismo, caber-te-ia a obrigação, só por isso, de a corroborares com a tua prestigiosa presença — sem necessidade da minha averiguação. *Noblesse oblige!*...

Mas, enfim, dos fracos não reza a História; e, para servir um amigo, eu irei mesmo ao próprio inferno.

\*\*\*

No primeiro compartimento estão, à esquerda, objectos que não se distinguem bem por carência de iluminação, talvez proposital: parece-me um limbo, donde emergirão, daqui a um século, as traduções da obra queiroziana.

A direita ficam umas vitrinhas, com luz a jorro, onde há coisas interessantes: — o diploma de bacharel formado em Direito; um caderno e um caderninho de notas da viagem ao Oriente (quem nos deia a mim); uma fotografia do Conde de Rezende; o original dum folhetim para o *Diário de Notícias*; um cartaz: *Le Chevalier de Queiroz*; o passaporte para Alexandria; um diploma de nomeação para administrador de Leiria, com «El-Rei — António Bispo de Viseu»; um passaporte para Havana; outros diplomas de nomeação; mais cartões de visita; carta de participação do casamento; envelopes com a direcção — *Madame de Queiroz, 38, Avenue de Rome, Neully S/Seine, Paris*; uma luneta; o diploma de sócio da Academia; fotografias diversas de Eça e de moradias suas; um projecto de contrato para a ressurreição da *Revista de Portugal*, de que se não vê data; ofício de T. de Sousa Rosa, dirigido a Eça — cavaleiro da Legião de Honra...

Não apontei mais; mas há aqui novidades, de que se tirará algum proveito. Todas elas provêm do espólio do Mestre.

O pior é que se deu à Exposição o pretencioso título de itinerário — *De Pócos a Neully* — e «Mas recordações de família não bastam para pñhê-lo»...

E há uns diatlicos impressos, bastante vezes atraiçoados...

## UMA ENTREVISTA COM A ESCRITORA

# MARIA LAMAS

grande público desconhece a existência em Portugal de um organismo com equivalência às colectividades feministas do estrangeiro, o Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas.

Não admira que isto aconteça porque a sua actividade tem sido muito restrita nos últimos anos e a sua permanência em se manter através de todos os obstáculos seja indicio de que há no nosso país uma consciência feminina latente, que deseja acompanhar a renovação mundial que a vida atravessa, nos seus aspectos mais caros e apaixonantes: o humano e social.

Por nos parecer que essa força íntima tomava novas energias e se dinamizava com o advento da nova direcção eílita, procurámos a sua Presidente, sr.ª D. Maria Lamas, para que nos dissesse alguma coisa sobre essa organização.

— Tem razão — começa por nos dizer — o Conselho entra precisamente num período de grande labor e revive dum passado que já é longo para um organismo desta natureza.

— Uma data? —  
— 1914, a da sua fundação — e um nome que se não deve esquecer: Dr. Adelaide Cabete.

— Quais os objectivos do Conselho? —  
— Vastos. O Conselho pretende permanecer em contacto directo com todas as agremiações congéneres do estrangeiro...

— E daí resulta...  
— Se não bastasse ser uma afirmação de que em Portugal há mulheres que compreendem a vida para além do que ela tem de fútil e transitório, bastaria a troca de idéias e de sugestões que poderão fructificar no nosso país, com vantagem, para que esse intercâmbio fosse muito nota. Há mesmo certos problemas...

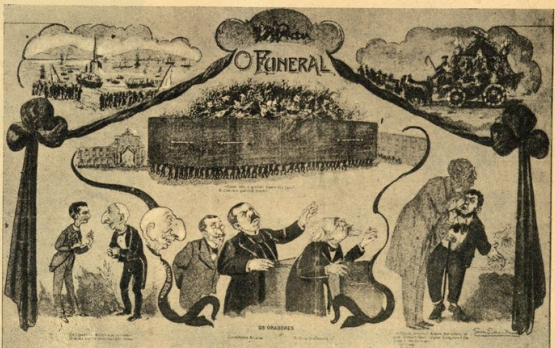
Faz-se uma pausa. A illustre escritora, porém, prosegue logo com vivacidade.  
— O problema social da mulher e da criança! Veis que imensa tarefa para um organismo como o nosso. Antes de mais nada é preciso colber novas associadas, para que a nossa precípua actividade seja mais fructifera.  
Sem uma sólida base económica, que o Conselho está longe de possuir, não podemos dar expansão nem realismo ao programa. Assim o compreendiam as mulheres do nosso país, e os homens também, porque o Conselho espera o apoio e o estímulo de todas as pessoas de boa-vontade.

«Para já — continua a illustre Presidente — lançou-se as bases para uma grande Exposição de Livros escritos por Mulheres, em que pretendemos enobiliar o maior número de volumes de escritoras de todo o mundo.

E onde realiza esse certame?  
— Em Lisboa. Durante a exposição haverá conferências, assim como podemos fazer passar em cinemas filmes extraídos de romances de mulheres.

Faz-se uma pausa.  
Um clarão de esperanças brilha no olhar da illustre escritora.

E assim seja. O nome de Maria Lamas em Portugal tem já o prestigio dum personalidade que há muito se interessa pela Mulher — e que por isso lhe dedica o melhor da sua brilhante actividade.



O funeral de Eça de Queiroz, famosa página do jornal «A Paróquia», desenho de Rafael Bordalo Pinheiro





O grande empresário espanhol Juanito Carcellé, falando ao jornalista José Figueiroa de Oliveira



**G**RAN Via madrilenha. Os automóveis desenham curvas sobre o asfalto. Os pequenos arranha-céus, estremeceem perante a móla da «Telefónica». Num ottavo andar, Juanito Carcellé espera a nossa visita.

Numa sala acolhedora, com as paredes semeadas de caricaturas, aguardamos que Carcellé resolva, pelo telefone, uma questão relacionada com o seu trabalho. No entanto, a nossa vista curiosa pára-se ante uma foto de «Manoletes» e uma outra de Josephine Baker. Mentalmente estabelecemos um paralelo. O acaso juntou estas duas grandes figuras num mesmo local. Mas não se trata de recordar o que já passou, mas sim de entrevistar o homem que mais fama conseguiu na organização de espectáculos circenses, como antes conseguira conquistá-la nos espectáculos de variedades. O seu nome é conhecido em toda a Espanha. E todas as grandes figuras — nacionais e estrangeiras — da arte, lhe dedicaram a sua amizade e admiração. Josephine Baker, Manoletes; dois polos opostos e uma mesma fama: dois ídolos dum mesmo público...

Sobre uma mesa descansam três livros: «El Circo», de Ramón Gómez de la Serna, o grande enamorado dos artistas ambulantes; «Os 50 Anos do Coliseu dos Recreios», de Ricardo Covões, obra e autor bem conhecidos em Portugal, e «En la Jaula de los Leones», título sugestivo em que Alfredo Marquerite reduziu as suas críticas teatrais. Três livros que bem à vontade evocam o amor a uma actividade...

Juanito Carcellé (ninguém o conhece pelo altissonante D. Juan), é homem novo. Homem novo e dinâmico. Vive para o seu trabalho, esforçando-se em trazer a Espanha as últimas criações da arte circense mundial.

A sua «scharia» é animada e jovial. Entusiasma-se infantilmente quando consegue «descobrir» um truque ou lhe contam uma anedota de circo. Ele que conhece tantas...

— Há cinco anos — começa por nos dizer — que me dedico inteiramente ao circo. Antes, desde muito novo, fui empresário de variedades. Mas o meu pensamento sempre esteve pôsto no circo, nesse espectáculo variado, conjunto harmónico do humorismo e de sangue-frio, de riso e de emoção...

— Crê que o circo está em decadência?

— Sim e não. Creio que antigamente havia melhores palhaços do que hoje. Mas creio também que a acrobacia, os trabalhos em que o músculo e o cérebro caminham jun-

tos, progrediu muito. Não esqueça que a vida actual, moderna, impõe a educação física e que o público de todos os países do mundo admira os artistas que conseguem executar trabalhos arriscados ou simplesmente vistosos.

— O cinema não tirou importância ao circo?

— É possível. No entanto, o circo conseguiu entrar plenamente dentro da arte cinematográfica. Pense que muitas coisas que nos parecem irrealizáveis numa pista circense, são perfeitamente naturais no cinema. Os saltos duma altura de trinta ou mais metros; o galope dum cavalo sobre o qual balla uma amazona, etc., são provas duma realidade circense exagerada pelos meios técnicos de que dispõe o cinematógrafo...

— Mais concretamente: o humorismo circense não triunfou no cinema?

— Absolutamente. Os Irmãos Marx, caso de todos conhecido, ou uma prova clara desse triunfo. O humorismo da pista é, nativamente, mais lento. Não consente os exageros próprios do cinema, nem reúne as possibilidades técnicas de execução e truque daquela arte...

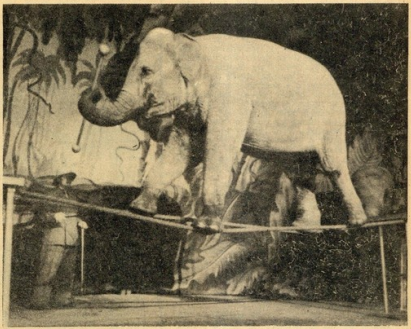
— Uma última pergunta: Qual é o número que julga mais atraente na actualidade?

— Sem dúvida nenhuma o dos elefantes equilibristas, que pela primeira vez foram apresentados ao mundo pelo «Circo Knie», e que muito em breve virão à Península. Tenho muito prazer em mostrar-lhes uma fotografia que hoje mesmo recebi.

E enquanto Carcellé, Juanito Carcellé, remexe nos seus papéis, nós entretemo-nos em passar revista às centenas de fotos que cobrem as paredes do escritório. Artistas de todas as nacionalidades. Dedicatórias em todas as línguas e em todas as grafias. Corpos lindos misturados com monstros. Animais sábios, equilibristas, ferozes. Ballarinas, domadores, palhaços...

— Olhe, cá está! Isto é único! Até agora não se conseguiu, quando muito, que uma pantera fizesse equilíbrios sobre uma corda. Mas um elefante...

E aqui terminou a nossa conversa. Depois, as suas frases amáveis, ou melhor, carinhosas para Portugal, começaram a sair, em torrentes, dos seus lábios. Nós ouvimos sem dizer palavra. Pensávamos, talvez, nas maravilhas que os nossos olhos de criança tantas vezes viram no circo e que os nossos olhos de homem tanto gostam de ver ainda...



Há elefantes equilibristas!

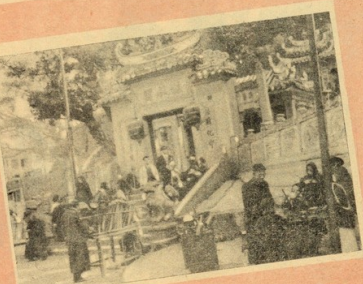
Entrevista de José Figueiroa d'Oliveira



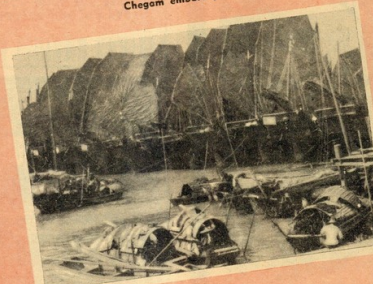
# FESTA DO ANO NOVO EM MACAU



Chegam embarcações...



À porta dum espagode, durante as festas do Ano-Novo



O pôrto, pejado de «juncos»...



Uma rua do bairro chinês, em Macau

**É** hoje o primeiro dia da primeira lua, a grande solenidade do Novo Ano, para o imenso povo de toda a China.

O pôrto está pejado de juncos com bandeiras vermelhas no topo dos mastros em sinal festivo. Desde os últimos dias que têm chegado inúmeras embarcações, mesmo as que andavam há muito afastadas por paragens distantes.

Mas outros indícios anunciavam a quadra em que entrávamos.

A proximidade do Novo Ano é, em geral, assinalada por misteriosos incêndios, maneira prática de liquidar contas que não se podem pagar, e como os piratas aproveitam a ocasião em que os cofres dos comerciantes abarrotam de patacas e a colheita promete ser mais abundante, assaltando as povoações, é frequente avistarem-se no horizonte negros róis de fumo e de mau presépio...

Chega, finalmente, o dia da festa e por toda a parte se observa a paralização completa do trabalho durante dois a três dias, único descanso para esta pobre gente laboriosa que não tem domingos nem feriados.

À porta das casas e nos barcos que enchem as docas, aparecem então colados dezenas de

retângulos de papel vermelho com caracteres dourados louvando os deuses, implorando um venturoso ou com diferentes votos de amável significação. Queimam-se, ininterruptamente, panchões, cujo estalar continuado deverá, durante muito tempo, afugentar os espíritos daninhos; as ruas ficam vermelhas com os montões dos canudinhos da panchoadia, que espalha pelo ar um cheiro activo a pólvora.

Nas casas, mesmo nas mais humildes, os altares dos manes e das divindades protectoras, têm as suas ofertas de gulodices, arroz e fruta, e as famílias, desde o pequenino de peito ao colo da mãe, até à transparente velhinha—estas velhinhas de incrível magreza de que a China tem o segredo—vêm fazer reverências, genuflexões, tocar com a cabeça no chão repetidas vezes, batendo as palmas para despertar a atenção dos espíritos.

Durante a cerimónia são queimadas cartas com cumprimentos aos deuses mais íntimos.

Também, durante este período, não se varrem as casas em homenagem ao espírito da poeira e para que não vá, na que se detta à rua, alguma parcela de felicidade!

Nos dias que se seguem ao do Ano Novo são celebradas homenagens ao porco, ao boi, a outros animais domésticos, aos cereais de maior utilidade; e este povo que leva uma

vida de mísera e sacrifício, celebra o «bem da existência»...

Fazem-se vistas protocolares, organizam-se jantares de festa, trocam-se presentes e é costume os europeus residentes em Macau enviarem aos seus amigos chineses doces em forma de castelo, cuja altura depende da importância das pessoas a quem são oferecidos.

As ruas animam-se extraordinariamente; o movimento é acrescido pela população que deixou os armazéns e as oficinas, pela chinesada envargando os seus trajes de cerimónia, de sédas claras, pelos marfíticos e pelos europeus, que também gozam fartado por dois dias.

São permitidas todas as diversões, os vendedores ambulantes multiplicam-se e surgem, às centenas, bancas de «gi-gi», um jogo de dados cujo nome limita o barulho das pedras quando chochaidas no copo.

As praças públicas, as ruas, as vielas mais recônditas, os vãos de escada, regorgitam destas pequenas batotas improvisadas.

Para jogar, os criados pedem ordenados adiantados, abandonam as casas, vendem o que podem spanhar ao alcance da mão, e não se contentam muitos dólares em ser simples «spontas», armam banca por sua conta, onde o próprio amo virá como cliente.

(Continua na página 481)





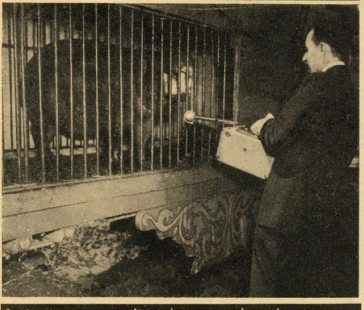
Quem diria que este terrível «boa constritor» tinha uma «vozinha» tão meiga?

## Qual a intensidade de voz nos animais de circo?

Um velho adágio reza que leão não morde" foi recentemente desmentido, ao descobri-se, cientificamente, que os mais feroces animais do famoso circo americano Ringling Brothers-Bar-num Bailey têm talvez a voz mais humilde do que a de qualquer animal doméstico. Descubri-se, por exemplo, com o auxílio de um medidor de som que dois dos mais feroces gorilas do circo roamam com a intensidade de 73 decibels (o decibel é a unidade de intensidade de som), enquanto que, em condições idênticas, um pequenino canário chilês com a intensidade de 77 decibels. «Leo», o leão, quase que perdeu o seu ceptro de rei dos animais — quanto à voz, escusado é dizer-se, finalmente, porém, ficou vencedor, mas apenas por um decibel. «Toby», o elefante, ofereceu uma séria resistência, elevando a agulha do indicador até aos 109 decibels. Depois de não alcançar esta marca, por diversas vezes, «Leo» rugiu finalmente com a intensidade de 110.



O elefante, seria competidor do rei dos animais, «fala» perante o medidor de som



O hipopotamo surpreendeu todos por o volume da sua voz ser superior ao que se esperava

Excepto o caso da girafa que não fala, a voz mais humilde do circo foi a da cobra gigantesca «boa constritor», cujo silvo, a 60 centímetros de distância, elevou a agulha a 60 decibels apenas, o equivalente a uma conversa em voz baixa à mesma distância... O medidor de intensidade de som levou à conclusão de que o tigre de Bengala, geralmente considerado a seguir ao leão, apenas podia emitir um rugido de 89 decibels. O hipopótamo, a quem no circo se chama «Zé silencioso», surpreendeu a máquina com o seu grunhido de 90 decibels. A pantera negra, o Kanguru e o chimpanzé conseguiram levar o indicador até aos 79 decibels, som equivalente ao de um aparelho de telefonia tocando em volume normal, ao passo que o tocoas papagaio atingiu as 84 unidades. O mestre de cerimónias do circo, finalmente, colocou-se em terceiro lugar, atrás do leão e do elefante, com um volume de 100 decibels, ou seja o mesmo que uma buzina de automóvel à distância de 60 centímetros. Vejam que vozes débeis e humildes têm, afinal, alguns animais feroces!

PRODUTOS DE BELEZA

Rainha da Hunsria

ENCANTO NATURAL DA MULHER QUE QUERE CONSERVAR A SUA BELEZA

MEDICINAL

PASTA COUTO

TRATA gengivas descarnadas ou sangrentas

EVITA estomatites mercuriais ou bismuticas

MATA os microbios da boca, que dão causa a terribes doenças graves

Medicinal pequena — tubo 17800  
 Medicinal grande — tubo 17850  
 Vulgar pequena — tubo 13800  
 Vulgar grande — tubo 7800

Tiká

MATA

PERCEVEJOS BARATAS PULGAS TRAÇA

À VENDA EM TODA A PARTE

Caixa pequena..... 3800  
 Caixa grande..... 8300

Dep.º: COUTO, L. 44 — Porto

L. S. Dominges, 166









# EIA *Minor*

Um rádio sueco já da produção do «após-guerra», englobando por isso as mais recentes inovações da técnica. Equipado com 5 modernas válvulas electrónicas, funcionando em todas as correntes (alternas e contínuas de 110 e 220 volts), captando todas as ondas (curtas, médias e longas) com extrema facilidade e com grande volume de som. Não é um rádio «miniatura», mas sim um receptor de dimensões normais com caixa de madeira finamente polida e bem acabada, apto a satisfazer as maiores exigências.

Distribuidores exclusivos em Portugal:

\* SUL: David J. Lopes, Ld.\* — Rua da Prata, 266, 1.º — Lisboa \*

NORTE: Santarém, Ld.\* — Rua Ramalho Ortigão, 40 — Porto



# A razão porque, muitas vezes, não conseguimos ligar para um número...



**1** Ela vai ligar para uma amiga, para recordar a festa do véspero, em que estiveram juntas...



**2** Olá! És tu? Então que me dizes àquêl rapex com quem dançei?



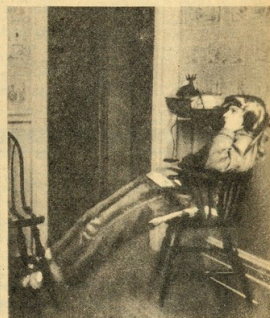
**3** A conversa está cada vez melhor... Trocam-se segredos que ninguém pode ouvir...



**4** Agora é a vez do amigo dizer das suas.



**5** Ai conta, conta tudo! É estupendo!



**6** E torna a repetir tudo, sem omitir o mais pequeno pormenor!



**7** O quê? A Dédé disse isso? Parece impossível! Que invejoso!

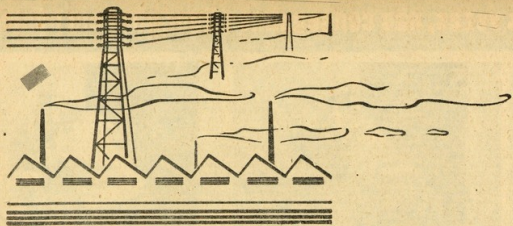


**8** Fala à tua vontade, filha! Conta tudo!



**9** Espera!... Que maçada! Cortaram a ligação! Lá tem ela que tornar a ligar, para a amiga lhe voltar a contar tudo, desde o princípio!





Durante o período da guerra, vencendo mil dificuldades, conseguimos manter o fornecimento do Gás e da Electricidade.

Ainda pudémos vir em auxilio de outros Serviços Públicos e servir outras regiões do País.

Mais de 100 novas indústrias instaladas nêsse período, puderam ser ligadas às nossas rêdes e abastecidas convenientemente de energia.

Agora, com a guerra acabada, mais facilmente poderemos cooperar no progresso industrial e no fomento da riqueza nacional.

**COMPANHIAS REÜNIDAS GÁS E ELECTRICIDADE**

LISBOA — 1945

## CORRENTES «RENOLD»



A TRANSMISSÃO MAIS PRÁTICA  
ECONOMIA DE ESPAÇO  
ECONOMIA DE FORÇA

TRANSMISSÃO POSITIVA COM  
CERCA DE 90% DE EFICIÊNCIA

FUNCIONAMENTO SUAVE  
LONGA DURAÇÃO

**HARKER, SUMNER & C<sup>a</sup>, L<sup>da</sup>**

14, LARGO DO CORPO SANTO, 18 — LISBOA  
RUA JOSÉ FALCÃO, 156 — PORTO

## JAMES RAWES & Co.

AGENTES DE NAVEGAÇÃO E SEGUROS

**Lloyd's Agents**

Agentes de:

**ROYAL MAIL LINES, LIMITED**  
(Maia Real Inglesa)

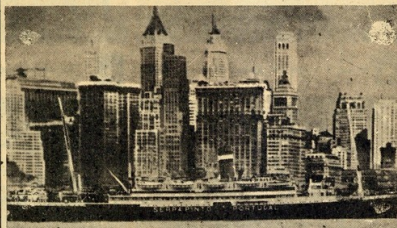
**NORWICH UNION FIRE INSURANCE SOCIETY, LTD.**  
**BRITISH OVERSEAS AIRWAYS CORPORATION**  
etc., etc., etc.

RUA BERNARDINO COSTA, 47, 1.º  
Telefones: 23232-3-4 e 8 **LISBOA**

## Companhia Colonial de Navegação

**Serviço de carga e passageiros**

LINHA RÁPIDA DA COSTA ORIENTAL — Saídas mensais regulares, com escala por: Funchal, S. Tomé, Saizire, Luanda, Porto Amboim, Lobito, Mossâmedes, Lourenço Marques, Beira e Moçambique e para os demais portos da Costa Ocidental e Oriental, sujeito a baldeação em Luanda ou Lourenço Marques.



O paquete «Serpa Pinto»

LINHA RÁPIDA DA COSTA OCIDENTAL — Saídas mensais regulares, com escala por: Príncipe, S. Tomé, Ambriz, Luanda, Porto Amboim, Novo Redondo, Lobito e Benguela e demais portos da Costa Ocidental, sujeito a baldeação em Luanda.

LINHA DA GUINE — Saídas mensais regulares, com escala por: S. Vicente, Praia, Bissau e Bolama.

LINHA DO BRASIL — Para Rio de Janeiro e Santos, com escala por Funchal e S. Vicente. LINHA DA AMÉRICA — Para Nova-York.

### FROTA

VAPORES DE PASSAGEIROS — «Serpa Pinto», 8.267 Ton.; «Mouzinho», 8.374 Ton.; «Colonial», 8.309 Ton.; «João Belos», 7.540 Ton.; «Guindé», 3.209 Ton.

VAPORES DE CARGA — «Pungue», 6.290 Ton.; «Malange», 5.050 Ton.; «Lobitos», 4.200 Ton.; «Sena», 1.420 Ton.

### ESCRITÓRIOS:

LISBOA: Rua Instituto Virgílio Machado, 14 | PORTO: Rua do Infante D. Henrique, 9  
(à R. da Alfândega) — Tel. 2 0061 | Telefone 2 342





**ENCONTREI-A** no comércio expresso de Paris a Calais, e a subsequente apresentação foi feita pelo sal, pela pimenta, pela mostarda e pela manteiga, que eu lhe passei galanteamente, uma coisa de cada vez, até que magnificamente teve, a bem dizer, um pouco mais que era jovem e bonita, ou admiraram-no? Não importa!

Durante a refeição, conversámos alegremente e permitimo-nos pagar-lhe uma garrafa de champagne. Depois de comer, encontrei no meu compartimento um francês que fumava isso a que os franceses chamam um charuto puro, porque nunca encontraram ninguém que lhes abrisse os olhos; e assim tive uma boa desculpa para ir refreir-me a ela no seu compartimento, onde conversámos mais extensamente.

Parece que já jovem a alfândega de Dover inspirava certo receio. Noventa e nove por cento do seu sexo é atacado por êsses repentinos escrúpulos, quando se aproxima da Inglaterra.

Em Paris, não podem pensar em outra coisa, se não nesses maravilhosos tecidos que encontram ao seu lado, porque não têm fim de economizar alguma coisa à custa da alfândega. Mas não até próximo de Calais, quando dão conta de que ainda não se conseguiu a tal economia, a expensas das alfândegas, e isso requeira uma nervos bem temperado, um olhar inocente e uma tão grande habilidade para mentir descaradamente, que só se pode alcançar, persuadindo-o a fundo e de antemão que não há nisse qualquer logro e que, mesmo que o haja, não é nenhum crime enganar a alfândega.

O cérebro da dama estava já, evidentemente, occupado neste processo, porque de vez em quando a conversação parecia mudar, repentinamente, de curso, sem objecto determinado, e então saía-se com esta: — «É a primeira vez que me encontro de regresso à Inglaterra, desde que estão em vigor os novos direitos alfandegários. Ou então isto: — «É um escândalo ter de pagar novamente por qualquer coisa que já se pagou previamente».

Pouco depois, já no vapor, aventurou-se a ir tão longe como isto: — «Desde que me lembro de que tem de se pagar direitos de alfândega, quando se tras coisas para negócios, quero dizer para vendê-las depois, está bem. Mas se é uma coisa que o senhor tras para uso pessoal, não há nada a dizer, não é verdade?».

Os sintomas de nervosismo eram agora mais patentes. Em lugar das observações antes mencionadas, a lala de parentêsis na nossa conversação substancial — simples borbulhões que emanavam das profundidades da sua mente — desta vez já esperava uma resposta: — «Não é verdade? — repeta ansiosamente.

— Não — respondi eu de um modo concludente. — Receio que não. Quer seja para seu uso pessoal ou não, quando o objecto novo tem que

# O melhor método

Um conto por Anthony Armstrong

pagar direitos de entrada.

Compreendi exactamente o que ela intentava. Ela sabia suficientemente bem que quando o novo tem de pagar direitos; procurava simplesmente obrigá-me a dizer que não e, logo, fazia-me pagar para calar a sua consciência. «Este homem — diria a sua consciência — diz que está bem feito, e parece ser um indivíduo digno de crédito, se fizeres o favor de te calar, queres?» — E então, com o mais perfeito conhecimento da sua consciência e com a mão metaforicamente na minha, teria jurado descaradamente na alfândega que não levava nada que estivesse sujeito a pagar direitos. E no caso de ser descoberta, provavelmente diria mal de mim por té-la induzido ao erro.

Voltei para mim um par de lastimosos olhos azues.

— Oh! Mas está certo? — pergunto, acrescentando logo: — Se eu tivesse sabido isto, não teria comprado tudo quanto leve. Comprei um vistoso e moderno chapéu de chuva, de seda, um vestido, algumas meias e seis bonitos pares de meias.

— Será de pagar direitos por tudo isso — disse eu. — E, francamente, aconselho-lhe que seja honrada neste assunto.

O senhor julgo que devo realmente saber? — E pelos seus encantadores olhos azues passou um ingénuo sorriso.

— Julgo que sim, em seu próprio benefício. Não gostaria vê-la obrigada a pagar uma terrível multa ou reduzida a prisão por rebeldia.

— Não há nenhuma probabilidade de que o senhor a pagasse por mim, não é verdade?

No seu sorriso serpentina agora abertamente a sedução.

— Iria vê-la a prisão todas as sextas-feiras.

— Que amável é o senhor! Acaba de ocorrer-me uma ideia. Disse-me alguém que a sua pessoa tem vestido o que tiver comprado, êstes deixam de ser livres. Por isso, puxo o vestido, umas meias e dois pares de ligas. Poderia conspurcar um camarote e correr a pôr o resto das meias e das ligas antes de chegar a Dover. E poderia abrir o chapéu de chuva, argumentando que pensava que chovia. Então, estaria tudo em ordem e não necessitaria pagar direitos por coisa alguma.

Eu movi a cabeça.

— Isso é muito engenhoso — admitto — mas não serve. A senhora tem de pagar por tudo o que comprou no estrangeiro.

— Afinal, o senhor não é lá uma grande ajuda. — Não achat' — disse com um ar irónico.

— Estou procurando sê-lo, porque

realmente é melhor ser honrado nestas questões.

— Eu pergunto a mim mesmo se o senhor não é mais frívolo. — Eu centos e com mais frivolidade! — Eu nunca fui honrada não, sabe? Deveria ser perfeitíssimo, para ver o que sucede.

— Seria o melhor método. Pondo de parte o que eu creia. Succede simplesmente eu que eu considero que as leis estão feitas por homens que nunca sentiram a obrigação de comprar objectos bonitos de Paris; portanto, não julgo que uma pessoa se veja obrigada a seguir-lhes o exemplo.

Porém — continuei apressadamente, vendo a expressão do meu semblante, que eu não podia distinguir — o senhor é um homem e não pode compreender o conceito feminino da honradez. Apesar disso, o senhor foi bom convidando-me e ajudando-me a tratar com esse horrível moço de bagagem. Parabéns o que o senhor disse: ser-lhe honrada.

Perdi-a de vista na alfândega. Ou para melhor dizer, procurei perdê-la de vista durante aquele intervalo. Não se podia distinguir o compartimento que para ela reservel no comboio.

— Nunca mais! — disse furiosa.

— Que aconteceu?

— Manifestei o chapéu de chuva.

— E o que há a respeito do resto?

— Não se perguntaram por isso.

— Eu olhei-a mais severamente e a ruborizou-se. — Não é isso exactamente. Perguntaram-me se tinha alguma coisa que manifestar, e eu disse-lhes que o guarda-chuva, e, então, callemos, esperando que me perguntassem: — «Nada mais!» — mas felizmente não o fizeram. Mas — valha-me Deus! — que alívio por causa de um simples guarda-chuva. Tive que dirigir-me a outro empreendimento, dizendo-lhe que o chapéu valia uma centena de francos. Então, pusem-se a fazer costas e tive de pagar quatro xelins. Eu estava furiosíssima.

— Como? Por ter pago quatro xelins!

— Sim. Pensei que me deixariam passar por ter sido azeira.

— Fiquel de boca aberta.

— Na verdade, têm das coisas uma fraca concepção masculina — tratele de murmurar.

— Apesar disso refreir-me uma consolação: não me pediram a factura do guarda-chuva, pelo qual paguel 20 francos. Embora me tivessem dado uma lição — continuei acaloradamente — nunca mais voltarei a ser honrada.

Desta vez, nem tive ânimo para abrir a boca.

Em virtude de ter havido necessidade de fazer êste número extraordinário de elevado número de páginas num espaço de tempo bastante limitado, não se torna possível publicar o número seguinte de «Vida Mundial Ilustrada» já na próxima quinta-feira, dia habitual da sua saída. Apesar do melhor da sua vontade, as officinas gráficas onde esta revista é composta e impressa, não têm possibilidade material de o fazer praticamente em dois ou três dias.

Nestas circunstâncias, vimos-nos forçados a só publicar o próximo número de «Vida Mundial Ilustrada» na quinta-feira, dia 3 de Janeiro.

Dêse fôca pedimos as devidas desculpas aos nossos leitores e assinantes.

**LIVRARIA ECLECTICA**  
LIVROS NOVOS E USADOS

Compra grande e pouquias bibliotecas

Calçada do Combro, 58 — LISBOA

**FOURRURES**  
**(MAITRES-COUCPEURS**

*Manoel*

**ILLES**  
**(EXPERT-CUTTERS)**

PRIMOROSAS CONFECÇÕES EXECUTADAS POR PESSOAL TECNICO ESTRANGEIRO, SOB MODELOS IMPORTADOS EXPRESSAMENTE DE NEW-YORK

**TRABALHOS ESPECIAIS EM:**  
**VISONS, CASTORES CANADÁ,**  
**ASTRAKANS - PERSAS**  
**E TODAS AS PELES FINAS**

**OS MODELOS SÃO EXCLUSIVOS E NAO SE EXIBEM EM PASSAGENS**

R. RODRIGUES SAMPAIO, 160 — TEL. 4 0961



## BANCO ESPÍRITO SANTO E COMERCIAL DE LISBOA

Capital realizado ..... 80.000.000\$00

Capital de reserva ..... 80.000.000\$00

Rua do Comércio, 95 a 119

LISBOA

### Dependências Urbanas:

Alcântara, Poço do Bispo, Conde Barão, Almirante Reis, Benfica.

### Filiais e Agências:

Pórtó, Coimbra, Braga, Faro, Covilhã, Ponta Delgada, Tôres Vedras, S. João da Madeira, Santarém, Tôres Novas, Gouveia, Estoril, Tortozendo, Abrantes, Mangualde, Figueiró dos Vinhos, Olhão, Matosinhos, Moura, Guarda, Espinho, Montemor-o-Novo.

TODAS AS OPERAÇÕES BANCÁRIAS

## As Felizes Casa Travassos

R, da Palma, 43 — Rocio, 42

LISBOA

São das mais felizes na venda de prémios grandes da

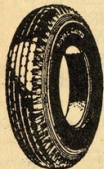
LOTARIA NACIONAL  
♦ PORTUGUESA ♦

## ARTIGOS INGLESES

DE REPUTAÇÃO MUNDIAL

Especialidades  
Farmacêuticas,  
Produtos Químicos,  
Material Cirúrgico, etc.

Representantes para Portugal, Ilhas e Colónias  
COLL TAYLOR L.<sup>DA</sup> — R. DOS DOURADORES, 294  
Telef. 21476 — LISBOA



A U T O

Almirante Reis, L<sup>da</sup>

Gerência de ANTONIO PEDRO NUNES

TELEFONE 40045

PNEUS ~ ÓLEOS  
E ACESSÓRIOS

RECAUCHUTAGEM E VULCANIZAÇÃO  
EXECUTADAS NAS MELHORES CASAS DO PAÍS

67-H, Avenida Almirante Reis, 67-J

(Esquina da Rua Fábio Moniz)

Lisboa

## Em todas as IDADES...

...é necessário fortalecer os ossos e os músculos para evitar o esgotamento e a doença.



Rejuvenalando a Natureza, nasce um novo tipo de vida e a saúde volta a ser a mesma.



Cadê o desânimo e o desajustamento dos seus sentidos e principal medida profilática que os pais devem ter com os filhos.



Na idade adulta, quando o cérebro das crianças cresce e trabalham, deve inspirar e lidar que ocasionam as primeiras lutas.

Depois de um breve tratamento, os seus músculos tornam-se mais duros, o seu cérebro funciona melhor, o equilíbrio dos seus nervos e o bem estar físico dar-lhe-ão mais vida, tornando-lhe o trabalho fácil e agradável.

Para sempre o legítimo Fósforo Ferrero

À venda em todas as farmácias em caixas de 20 e 40 comprimidos

# Fósforo Ferrero

SUPER-ALIMENTO VEGETAL DE ALTO PODER RECONSTITUINTE E NUTRITIVO



A rapidez ao fazer-se sentir, passa por um período de melancolia, ansiedade e fadiga, fazemos sempre com cuidado sem demora.

Os jovens que na época de estudos fortalecem o seu cérebro, fazem sempre com cuidado sem demora.



A família inteira terá espírito e alegria vendo que todos os seus componentes gozam de boa saúde.



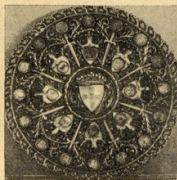
Nunca será um velho se os seus músculos marcham e os seus nervos conservarem a vigor da juventude.

## CASA

# ANNIBAL TAVARES

Telefone  
25853

JÓIAS • PRATAS  
RELÓGIOS



SALVA DE MOEDAS

As mais altas recompensas em tôdas as Exposições a que tem concorrido

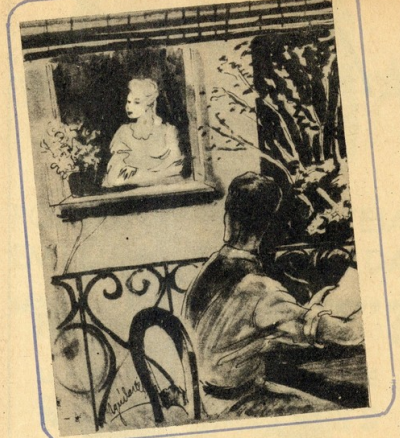
EXECUTAM-SE TODOS OS  
MODELOS DE JÓIAS EM  
GÊNERO ANTIGO  
E MODERNO

Artistas especializados  
em ouro branco e platina

95, Rua da Prata, 97

LISBOA





## UM MONO POR L. DE VILALONGA

a presença imprecisa do Homem de tódas as noites. Quem era? Como se chamava? Havia apenas quinze dias que estava instalada na casa e ainda não tinha podido ler-lhe-se discretamente da personalidade do seu estranho vizinho.

Via-o tódas as noites, a cabeça inclinada sobre um livro, e compreendia que só ela era o motivo de que aquele sólido e doente rapaz fechasse o livro apressadamente e apressasse a luz do aposento para vir logo — estava certa — observá-la de morramdo da varanda.

Desjearia faltar-lhe para saber qual era o som da sua voz, voz que advinhava lenta e profunda, cheia de ternura e de íntimas suavidades. Branca não acreditava no amor. Tinha dezassete anos e estava demasiado ocupada em enfeitá-lo. A vida, o assomo de cruzeta de que outro pudesse sentir por ela o que ela própria sentia, encheu-a de zózo e óriquo — também a admitir a existência de um mundo desconhecido, completamente novo, cheio de sensações inusitadas.

Havia muito poucas dias que um homem — um rapaz que conhecia desde que era pequenita — a beijara aproveitando um descuido. O que poderia ser infinita carícia foi um gesto bruto e para ela inexplicável. O que poderia ter acabado em um suspiro terminou em arquejo e no ruído de uma bofetada. Branca odiou todos os homens na pessoa daquele rapaz que ouvava deslizi-la com a violência da sua paixão. E Branca gritou: — Selvagem! Selvagem!

Mas agora, em face da muda admiração do desconhecido, Branca quis imaginar que os homens podiam ser muito diferentes uns dos outros. Talvez aquêle desconhecido jamais ouzasse beija-la; mas se não fosse assim, Branca advinhava a certa, segundo por segundo, sensação por sensação. Branca queria saber como poderia aquilo acontecer. Provavelmente em plena luz, debaixo do sol e de um céu azul e escaudido. Provavelmente em silêncio e lentamente, convertendo em riso alto tudo o que o gesto tinha de humano.

Branca avançou o rosto na obscuridade e quis sentir na sua quimera o calido alento do homem que amava e ao suave roçar de uns lábios tímidos sobre os seus, naquele momento frio, os cobardes, lúo infantes.

Um ruído qualquer que ressoou no interior da casa arrancou-a das veledades da sua imaginação, e Branca, a ponto de ruborizar-se, fechou a janela de um golpe, e fugindo de qualquer coisa que lhe dava medo, correu a esconder-se sob o branco doel do seu leito estirado e comprimido, semelhante à nave onde reposava os seus pontos graves das mulheres que reclinam sonnar.

### III

O relógio do campanário da igreja bateu as quatro horas da madrugada.

\*\*\*\*\*

EDIÇÕES  
MINIUNIVERSO  
APRESENTA  
**NOITES SEM ESTRELAS**  
Cantas por FERRO RODRIGUES

Neste livro admirável, o autor afirma um singular talento de narrador subtil e uma sensibilidade humaníssima

Sugestiva capa de Roberto Santos Um vol. 10\$00

À venda nas livrarias e em

**EDIÇÕES UNIVERSO, L.<sup>DA</sup>**  
RUA DA MISERICÓRDIA, 102  
Tel. 2.335 - 15B

\*\*\*\*\*

ALÉRIO apoiou os cotovelos sobre a mesa e deixou que o seu olhar se escapasse, por alguns instantes pela varanda aberta que estava na sua frente. Ardêntes a fronte e o sangue pulsava-lhe intermitente nas fontes. O calor efufocante da noite estival trepava pela hera que cobria as paredes da «Vila Margarida», e os ruidos da obscuridade envolviam a casa no encanto campestre tão peculiar à estreita e solitária Avenida das Tílias.

Fernanda podia pôr fim à tremenda e digna miséria na qual se debatiam os moradores da «Vila Margarida». Falar de poesia a Fernanda era uma coisa difícil, para não dizer absurda. Fernanda era um pedaço de terra, afastada da altura, que odiava as nuvens. Quer-lhe de amor parecia-lhe qualquer coisa de monástico. Aquella mulher negava o amor com o porte da sua cabeça orgulhosa, com a curva aquilina do seu nariz domine, e inclusivamente com a dureza das suas mãos grandílicas, semelhantes a uma eterna repulsa. Não, O dia não tinha sido fácil.

Quando chegou a noite, Valério sentiu-se feliz. O tio Frederico saía, e com ele a prima Fernanda, a simplerra ameaça erguida em frente do futuro da sua vida.

Valério subiu ao seu quarto, leu durante um momento, para matar o tempo que parecia pesari-lhe nas costas; depois fechou o livro e apagou a luz.

Em frente da sua varanda, enquadra por duas magnólias, abria-se uma janela na casa fronteira.

Havia muitas noites que Valério espiava essa janela. Durante horas e horas esperava que aparecesse nela a outra.

A Outra relegava para o esquecimento a sua vida, o calor pegajoso e desesperador, o trilo incabível dos gritos, a voz roufenha do tio Frederico, o gesto adusto de Fernanda e, sobretudo, a recordação daquela simples angustiosa que Frederico não queria ler no fundo dos olhos cansados de sua pobre mãe.

De súbito, a janela iluminou-se. Na branca claridade destacou-se, nítida e linear, a suave figura de uma mulher. Os olhos de Valério perreteram na obscuridade. Nunca soubera de ciência certa, como ela era. De que cor tinha o cabelo, qual era a forma dos seus braços, e a amplitude do seu sorriso. Nunca o amparava. Mas amava-a perdidamente.

A mulher encostou-se ao parapeto, levou o rosto a uma rosa e levantou o rosto para o céu. Devia ter contado muitas estrelas, pois estava bastante tempo imóvel.

Valério desjearia ter gritado, saltar da varanda para a rua, ajoelhar diante do ardim vizinho e dizer muitas coisas à mulher calada. Mas dominou-o o silêncio. Fechou a varanda e, estendendo-se ao comprido em cima da larga cama, tratou de mergulhar na ferocidade de um sono tumultuoso e amargo.

### II

Branca procurou a lua com o olho, mas não viu nada.

Em troca, milhares de estrelas tremeluziam no azul nocturno. O silêncio envolvia-a na fria gaze do seu mistério.

Adivinhou na varanda em frente

ALÉRIO apoiou os cotovelos sobre a mesa e deixou que o seu olhar se escapasse, por alguns instantes pela varanda aberta que estava na sua frente. Ardêntes a fronte e o sangue pulsava-lhe intermitente nas fontes. O calor efufocante da noite estival trepava pela hera que cobria as paredes da «Vila Margarida», e os ruidos da obscuridade envolviam a casa no encanto campestre tão peculiar à estreita e solitária Avenida das Tílias.

A «Vila Margarida» — a terceira começado da direita — era uma construção de carácter inefável, cobhada de colunas de falso mármore branco e de frágeis varandas sobre o silêncio da rua.

Entre o gradeamento de lanças ponteadas e a casa, morria de abandono um ridículo jardimzito, onde umas raquiticas amêzcoelras cresciam muito mal, sempre faltas de água e de sol. A «Vila Margarida» era triste e aprazível, discreta e envigornhada, semelhante a uma velha recordação perdida na saudade dos tempos passados, que foram melhores e afortunados.

A varanda que arrelava a residência de Valério estava a dois escassos metros do solo. Por ela entravam as abelhas e mariposas, e muitas vezes, nas noites quentes e escuras, os moregos cegos pela luz dos poucos globos que iluminavam, com a sua claridade azulada, a meandrola da Avenida das Tílias.

Valério tinha fechado abtamente o livro que até então tanto lhe interessara. Ainda flutuava junto do seu ouvido o sussuro da última frase que leu: «Se procede das virtuosas obras a fama louvável, é justo que a miséria se castigue para que a virtude se mantenha».

Agora, o seu entendimento, cansado de subtilizações medievais e de letras apertadas entre largas margens, perdise-se em divagações e em recordações mal esquecidas da vida fora longe. Passara a manhã, trabalhando num ensaio sobre Raina Maria Rilke; depois, muitas horas entregadas na minuciosa leitura de um Goethe encadernado em pele de gado violeta, cujo cheiro suave e penetrante ainda se percebia no ar. Não teve que aturar a visita que parecia interminável, do tio Frederico a escutar pacientemente a inusitada descrição que boia o homem gostoso de fazer sobre a futura paz de guerra. Com o tio Frederico veio a prima Fernanda, séca e avulsiva, dura no mirar dos seus olhos negros e brilhantes como uma cutilha à luz da lua. Afinal, ele não podia saber que só a fortuna que o tio Frederico um dia legaria a sua filha

O bronzeo sou destituiu ao longo da Avenida das Tílias, acandando o tronco das árvores. Em cima de um telhado dois gatos miararam com infirmitade.

Branca abriu os olhos na obscuridade. Em frente deleis dançaram breves as luzes violetas da insonnia. Um brande estalido, como de passos furtivos, soou no aposento. Branca sentiu nos lábios qualquer coisa como o brande e rápido roçar da asa de um anjo. Um estranho fogo abraçou, então, as faces. Pensou intensamente — nunca soubera porque — no páldio e enamorado rapaz que lia livros em frente de uma mesa junto da varanda.

Acendeu a luz. Na suave penumbra do aposento brilhaava a chama de uma lamparina de azeite que ardia junto da frágl silhueta de uma Virgem italiana. Tudo estava tranquilo. Só a janela, que Branca tinha a certeza de ter fechado, deixava entrar a luz da ante-manhã por entre as persianas, abertas agora de par em par...

### IV

Algum bateu semchete a porta do quarto.

— Sete e meia em ponto! — exclamou uma voz sonolenta.

Valério levantou-se da cama. O seu sono fora atroz, agitado, violento, cheio de visões, com alma de duende e vontade de pássaro. E encontrou depressa debaixo da janela aberta, na cama a mulher que minutos antes contemplava o céu e via chegar com um sorriso fascinante.

— Poder magico ajudado-o a elevar-se até que o seu rosto entrou em contacto com a pele macra e suada da minha?

E apenas pôde murmurar: — Quero-te com a força de tódas as lágrimas que ainda não chorei, com a ânsia de tódas as amarguras que ainda não mordem o meu coração. Quero com toda a humildade de que é capaz o meu orgulho.

E ela num sussuro respondeu: — És meu. Esperava-te há muito. Obrigado por teres vindo.

— Não sei se os seus braços enlacaram o corpo da mulher e a vida de ambos afundou-se num sópo que converteu a vida em uma mancha longueta e diminuta. E aqui acabou o sonho. Valério saltou da cama já desperto de um sonho.

Foi então que pôde dar conta de que pela varanda aberta entrava a luz amortecida de um sol jovem, aborrecido de auroras.

E ele havia-a fechado na noite anterior...

No solo jazia um livro aberto no meio, e uma mão que Valério não se lembrava de que fosse a sua havia sublinhado a lápiz vermelho estas poucas palavras:

«Provera a Deus que não te tivesse conhecido, que embora perdido do maior bem da tua vida, que é ter-te visto, fóra benvenerado em não ouvir nem saber o que sores...»



# MARINHEIROS EM TERRA!



1) Aqui pela sua mãe, vê-se que terá um marinheiro na sua vida!  
Cuidado com os naufrágios, menina! 2) Vê? Eu não a avissei! Naufrágio em cheio!



1) Três marujos e três raparigas... Três vezes três nove, mas fora... nada! 2) A êta, não lhe chegou a pequena! Ainda precisou daquela «paquinha» garrafa!



1) E os resultados vêm-se! Os resultados da garrafa, é claro... 2) Mas há sempre um companheiro que salva a situação, e leva o marinheiro aos bordos — para bordo!

# Pró-lar fda



NOVIDADES! OBJECTOS PARA BRINDES! UTILIDADES!

RUA DOS FANQUEIROS, 267-2.º, LISBOA — Tel. 26174



**Teodoro**

APRESENTA A  
MAIS RICA  
COLEÇÃO DE  
PELES E CON-  
FECCÕES NOS  
SEUS ESTABE-  
LECIMENTOS  
DAS

**RUA DO CARMO, 29-31  
RUA DA PALMA, 117-121**

TELEFONE P. B. X. 20784  
LISBOA



# CALÇADA DA GLÓRIA

PORQUE SE NÃO FESTEJA EM 1946 O CENTENÁRIO DA "MARIA DA FONTE"?

UMA PREGUNTA DE Rocha Martins A QUE ÉLE PRÓPRIO RESPONDE

A livraria Bertrand, à tarde, tem os seus *habitués* — como outras livrarias. É uma espécie de tertúlia em que se conversa, não apenas sobre livros, mas sobre as inúmeras coisas deste mundo e do outro. Na Bertrand há os *habitués* a que eu chamarei infalíveis: o sólido Aquilino Ribeiro; o vivíssimo Rocha Martins; o pintor Abel Manta; Carlos Olavo, simpão, adufante, sempre com a última novidade polítrã na ponta da língua; e o último número do *Times* debaixo do braço; António Joye, eternamente debruçado no seu monóculo; o romancista César de Frias; António Sérgio com os seus penetrantes óculos de filósofo; José de Bragança, sempre de bengala; o caricaturista Manuel Santana, cujo lápis vale, não apenas um tratado de arte, mas um manual de psicologia. As vezes aparecem Adelino Mendes, vindo do *Século*, ou Afonso Lopes Vieira vindo do *Parnaso*. Certas tardes da Bertrand, se fôsse possível registar o que dizem êses nos *vencidos da vida* ficariam memoráveis. Pois bem. Há dias, ao entrar na livraria, encontrei Rocha Martins epôstado a uma das estantes. Caso extraordinário: estava sozinho. Os seus companheiros de tertúlia ainda não tinham chegado. Cumprimentámo-nos — e ficámos os dias a conversar. Rocha Martins, além dum escritor fulgurante, é um conversador animadíssimo. Como sabe tudo e conhece toda a gente, desde o sr. D. Afonso Henriques ao sr. Perry Vidal, é um prazer ouvi-lo. É um homem para quem a História não guarda quaisquer segredos. Perguntem-lhe, por exemplo, quantas camisas de noite tinha Carlota Joaquina, e ele responderá, irrefutavelmente — nove! É assim em tudo. Não é um homem: é uma biblioteca de memórias; não é só um varão ilustre: é uma caixa de surpresas. Ora Rocha Martins publicou recentemente um livro

sobre os antepassados românticos de Eça de Queiroz. É uma obra curiosíssima de erudição — e de pomorner. Acêra dessa obra principiou a adejar a nossa conversa. Dessa conversa nasceu — oh! divinos fados! — esta entrevista...

— Os antepassados de Eça — começou por me dizer Rocha Martins — nasceram em regiões que evocam o labor, a perseverência, o sonho palpitante, a aventura de além-mar. Nas veias do autor famoso da *Cidade e as Serras* corria sangue mi-nhoto, beirão, duriente e aqorenio. E oíça uma coisa: não obstante ter antepassados nobres e pertencer a uma família de apelidos fidalgos, não hesitava em se considerar "um pobre homem da Póvoa de Varzim"! E a Oliveira Martins escrevia êle uma ocasião, com sorridente modéstia: "Educado na Costa-Nova, quasi peixe da ria, não preciso que mandem ao meu encanoso calcehes e barcaças..."

— Pelo que se vê, Eça não praticava o absolutismo aristocrático...

— Não. Pelo contrário, era um revolucionário liberal. Há quem não compreenda que se possa ser verdadeiramente um revolucionário sem usar um bigode mal tratado e uma carabina fumegante. Trasta-se dumã idéã supersticiosa. Eça nunca, se eu saiba, usou carabina, e, pelo contrário, penteava o bigode, andava de flor ao peito, enfileirava mesmo entre os bons janotas — e, nem por isso, deixou de ser um dos nossos grandes revolucionários do século XIX. De resto, o admirável escritor por temperamento, por herança e por raciocínio era, estruturalmente, liberal...

— Como o pai...

Rocha Martins animou-se mais:

— Como o pai, como os avós, como os tios, como a família toda, poderíamos dizer. Alguns dos seus antepassados mesmo viveram e morreram pela Liber-



dade. Outros, à semelhança do avô paterno, só por milagre escaparam da força. Outros ainda foram autênticos heróis — como aquêle seu tio materno que tomou larga parte na *Maria da Fonte*. Vai precisamente fazer um século no ano que vem.

— É isso... 1846-1946!

Houve um silêncio meditativo, que êle próprio, Rocha Martins, cortou com exuberância, lançando esta lembrança imponente:

— Uma idéã! Porque se não há-de festejar no próximo ano o centenário da *Maria da Fonte*? Não seria apenas uma evocação histórica: seria uma afirmação cívica. Que lhe parece?

— Excelente.

— Repare que a *Maria da Fonte*, nome que constitue, no fundo, mais um símbolo do que uma realidade, representa, acima de tudo, a consciência nacional despertada perante o cabralismo autoritário. A *Maria da Fonte* significou, em boa razão histórica, o anseio instintivo da liberdade que procurava sacudir as algemas dum regime político despótico. Fêse anseio simbolizou-se numa mulher — talvez porque a Liberdade é, pelo menos gramaticalmente, do género feminino. O que não quer dizer que não tenha existido uma *Maria da Fonte*, destemida e forte, incitando à revolta! Eu estou convencido até de que não houve uma: houve várias. Como quer que sej-

o símbolo onomástico é que ficou. A Junta do Pôrto, com o José Passos, de chapéu alto, a gritar, na Praça Nova, pela Liberdade, não é senão a expressão política da simbólica *Maria*... Porque se não há-de celebrar o facto?

— E de que constariam as comemorações do centenário?

Rocha Martins quedou-se, um momento a meditar; depois enumerou:

— Por exemplo, um cortejo no Pôrto, sede da famosa Junta que tomou o nome da cidade; uma romagem a Torres Vedras, onde acabou ferido por uma bala o heróico Luís Mousinho de Albuquerque, de quem o próprio Saldanha, seu adversário, tanto lamentara a perda; uma evocação do *Espectro*, o celebre, o fumegante jornal de António Rodrigues Sampaio; e — o que já devia estar feito há muito — a colocação dumã lápida no prédio em que Sampaio morou, na rua de São Bento... E mais, muito mais haveria a fazer. Homem, lance voze a idéã!

— Serei o seu porta-voze!

— Talvez o próprio Governo a per-

filhe...

Vinhã chegando os habituais companheiros da tertúlia. O nosso diueto terminou. Tinha sido acompanhado pela *Maria da Fonte*. Mas, com hino ou sem êle, a idéã aí fica. É aproveitá-la. A História vos agradecerá.





Um americano interroga os componentes do Governo do Churchill. Vêm-se os ministros Alexander, Beaverbrook, Casey, Churchill, Edén, Anderson, Starley e Bevin.



A prisão de Louis XVI e de sua família. A rainha Maria Antonietta é amparada por M.<sup>tesa</sup> Elisabeth e Royale.

OS FAMOSOS MUSEUS  
GRÉVIN,  
DE PARIS E  
TUSSAUD,  
DE LONDRES,  
JÁ TÊM MOLDA-  
DOS EM CERA  
AS PRINCIPAIS  
FIGURAS DA  
ÚLTIMA GUERRA!

NO MUSEU GREVIN  
DE PARIS



De Gaulle



General De Lattre de Tassigny



General Leclerc



# ASSIM SE FICA NA HISTÓRIA!

O Museu Grévin é uma grande atracção de Paris, como Tussaud é uma grande atracção de Londres. As grandes figuras de todos os tempos nêles se encontram moldadas em cera e com tal semelhança que são o espanto dos inúmeros visitantes que desfilam pelas suas vastas salas.

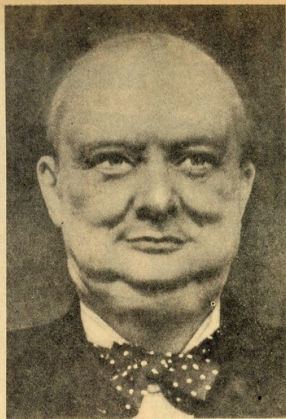
Mas os modeladores dos museus Grévin e Tussaud não perdem tempo.

Ainda não se perderam os ecos das últimas batalhas da Grande Guerra que há pouco findou e já as principais figuras mundiais a ela ligadas se encontram moldadas, umas isoladas, outras em grupos, mas todas com inexecedível perfeição e semelhança!

Churchill, Staline, Eisenhower, De Gaulle, Leclerc, Montgomery, De Latre de Tassigny, Eden e muitos outros, todos ocupam os seus lugares nos famosos museus, o que significa que ficaram na História.

Tussaud e Grévin, grandes compêndios da História do mundo, continuam, assim, a cumprir a sua missão...

E, entretanto, as lutas entre os homens continuam, para que os modeladores da cera não vão aumentar a vasta légião dos desempregados...



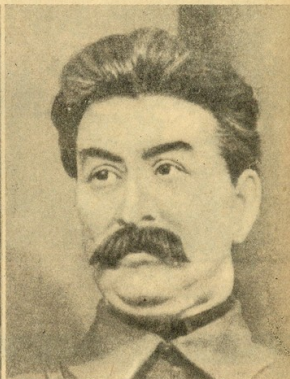
Winston Churchill



General Eisenhower

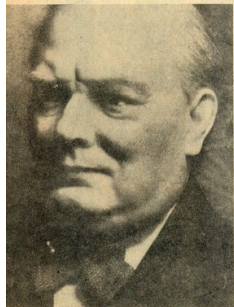


Montgomery



O marechal Staline

NO MUSEU  
TUSSAUD  
DE LONDRES



Churchill



General Eisenhower



O Marechal Montgomery



Staline



Um novo êxito do **GINÁSIO**



MELODIA \* RITMO \* MÚSICA \* MOVIMENTO \*  
*Fantasia*  
 \* \* \*  
**BRANCA**  
 (DER WEISSE TRAUME)  
 \* \* \*  
 BOM GOSTO \* GRÇA \* MELODIA \* RITMO \* MÚSICA \* MOVIMENTO \* DESLUMBRAMENTO

\*  
 COM  
**OLLY  
 HOLZMANN**  
 E  
**WOLF  
 ALBACH-  
 RETTY**  
 \*



\*  
 UMA  
 PRODUÇÃO  
 DA  
**WIENFILM**  
 EXCLUSIVO  
**MUNDIAL  
 FILMES**  
 \*

**UMA INCOMPARÁVEL OPERETA DO GÊLO**

UM ESPECTÁCULO COMO JÁMAIS SE FEZ NO CINEMA A PRETO E BRANCO!



POR ARTUR PORTELA



## "COCKTAIL"

O último livro de METZNER LEONE  
EM TÓDAS AS BOAS LIVRARIAS

Pedidos a Empresa Gráfica: Calc. do Forte, 10-Lisboa

O cadáver de uma mulher nem sempre é um espólio de beleza. Lembram-se daqueles versos alucinantes de Baudelaire?

Sobre um ventre de Afrodite, concha bivalve nacrada de uma Aspasia parisiense, do século XIX, o poeta em tintas esverdeadas de podridão, espalhou os mais repetentes vermes das suas rimas num voluptuoso lirismo de necrófilo.

Só a beleza das estátuas, de olhos vazados por uma cegueira luminosa e corpos brancos, ondulantes de pilastras, resiste, afinal, à execução trágica do tempo!

Aquê! nu maravilhoso da Verdade, do Eça, que os iconoclastas elegantes de bengala boêmia têm, criminosamente, mutilado, é hoje um pobre farrapo humano, que se arrasta, triste e penitente nas suas rugas da ruína pelas ruelas sombrias do Pôrto. E, no entanto, essa mulher foi uma bacante radosa, desafio impassível de amor, ritmo imperativo de paixão, sarça ardente de sensualidade que para sempre, ficou imortalizada por um cinzel inspirado de génio. Como se a arte, e não a matéria fosse, afinal, o mármore pagão da suprema beleza!

Há estátuas, como a de Paulina Borghese, nos corredores do Vaticano, cuja epíclerie de mármore vibra sob a carícia dos nossos dedos num impudico e perturbante esplendor, e outras que, mesmo castas, de uma secreta doçura, parecem aguar-dar-nos, no recanto de um jardim, eternamente enamoradas do bello murmuro das fontes e do aroma embriagante das rosas virgínicas que desabrocham a seus pés, numa apaixonada ofrenda de amantes.

Mas as outras, as verdadeiras, Julietta no seu túmulo de Verona; Inês de Castro, a de cabelos de ouro e colo de cinsé manchado de sangue, esse rostler sobrenatural de luz que foi a Natércia canônica, todas elas, que a arte não glorificou a tempo, roubando-lhes a voluptuosa esculptura carnal, desapareceram mal deixando

no coração que as amou, ou no poema que glorificou, uma e só imagem que perdurasse até nossos dias.

Ficam as estátuas, mesmo quando morrem, vivas na luz que dura milênios! Apagam-se, porém, as que florescem na terra, rainhas exiladas no túmulo e logo cobertas pela cinza do tempo.

Abriu-se outro dia, em Espanha, o sarcófago da duquesa de Alba, que parece ser a enjaia desusada da frazina e morena, de olhos de torçolopeo negro, que Goya pintou, vestindo-a depois para lhe ocultar a nudez aos olhos escandalizados da corte severa e ascética.

A suprema galantaria do século XVIII espanhol, figurinha de leque dançando uma petenera numa grinalda rendada, em tão sedutora que a sua "epineta", mais alta que a Giralda, caiu sob o despeto e o cínico de uma rainha, num gesto trágico e implacável da História.

Sobre a alfomada brostada de ouro, onde a sua cigana cabeça de Triana adormeceu para sempre, cento e trinta anos depois, os mesmos legistas encontraram a esquadra dramática de uma amarelada e puverulenta cavata, sentada tantos annos depois, numa horrível profanação.

Teria a vinhada rainha, mesmo do seu império magnífico de beleza? Pensam os cientistas que é fácil esquivar-se ao mistério?

O que, todavia, os surpreendeu foi terem encontrado nas pernas do cadáver cortadas, serradas, mortuariamente, numa horrível profanação.

Teria a vinhada rainha, mesmo depois do assassinio? Talvez! E que aquela mulher, no fundo do túmulo, se tivesse vingativamente, com o seu esplendor. Mandando-a mutilar, esqueceu-se, porém, de mandar serrar tantas outras, vivas para sempre, em beleza, na tela eterna de Goya — desafiando-o, accusando-o.

## ...s que mais trabalham pelo Natal

Não te afflijas, espero unicamente a chegada dos FRIGORÍFICOS



Admiral. Então vamos ter sempre alimentos frescos.

O ÚNICO FRIGORÍFICO COM COMPARTIMENTO DUAL-TEMP. PARA CONGELAÇÃO E REFRIGERAÇÃO

RÁDIO INDÚSTRIAS, LDA

R. DA MADALEIRA, 16-VILA - LISBOA - TEL. 3.7.37

AGENCIA NO PÓRTO: RÁDIO ATLÁNTICA C. DE SÁ DE BANDEIRA, 190 TEL. 5815

Só o Natal se reunia à evocação da família ou ao jantar alegre — tudo estaria bem, e nem vieria a pena simbolizá-lo, através dos séculos, como o dia mais sagrado do calendário.

Todavia — e já toda a gente o sabe — há, no Natal, os dramas íntimos, cotidianos, que nunca fazem tréguas — nem conhecem, infelizmente, os limites da paciência humana. Concomitantemente, o Natal nas trincheiras. Horrível Natal, longe da família, mordendo o pó dos caminhos, sorrendo a pilvora que, em fumazada, envolve o ar, sentido em tudo o hábito da morte e, no recitar da metralha, o deão dos jocos — o soldado viveu as horas cruciantes que, tão cedo, não se dão de apagar da retina.

Falta a paz — o Jár da família recebe os filhos perdidos nessa contingente longínquo, onde durante anos retinos o inferno do fogo, que não é uma criação de Satanaz mas dos homens...

E o Natal, nessas cousas, é mais alegre. Nas outras há lugares vagos. Formam-se os não voltaram — e que, agora, vivem na rua subterrânea que os anjos deus e querias.

E o Natal da saúde — o Natal do calvário — lágrimas que caem dolorosas e querias.

Mas voltemos ao Natal alegre. Todos procuram encher de alegria esse dia festivo. Porém, leitor, é bom que te lembres daquelas que mais trabalham para que esse quadro seja feliz, intrinsecamente feliz. Repara nessas bichas se intermináveis diante das bilhetes dos combóios — onde se praticou se atropela e a impaciência cresce. Todos querem ser atendidos ao mesmo tempo. São os que, pelo combóio, vão em procura da família. E, nas bilhetes, os empregados — sem Natal, para que o Natal não seja feito aos outros, quasi que semem vontade de abater, no calendário, esse dia tão trabalho.

E a menina dos olhos? Continuamente assediada por multitudes — uns querem tê-la, outros quero — um automóvel de corça, um avião que dá tiro, uma boneca que vale — e ela todos atende, com um sorriso nas lábios, lembrando-se muitos vezes que tem em casa imbrozios pobres — e o dinheiro não lhe chega para briguetos tão caros...

Entrem num restaurante. Balbúrdia. Os janitares foram marcados de véspera, e por empenhos. Há ruído de pratos — e um sussuro de festa. Luzes acexas, cerimónia na maneira de pegar no garfo.

E que vão al jantar, e não quiseram dar trabalho em casa — e inventaram logo tarefa para os outros.

Os criados andam numa roda vitor.

Esses, leitor, o seu jantar de Natal — é dar de jantar aos outros.

Agora vem comto, e detta aqui, nesta estação, um telegrama de boas-festas. Repara no desmarcador e na paciência que é preciso dispor para atender aquela balbúrdia febril — dum público que quer mandar mil abraços, em dois segundos.

No "guichet", a empresa não pode descansar um momento. Há sempre público para atender. Quai o Natal dessas empregadas, tão zelosas como trabalhadoras?

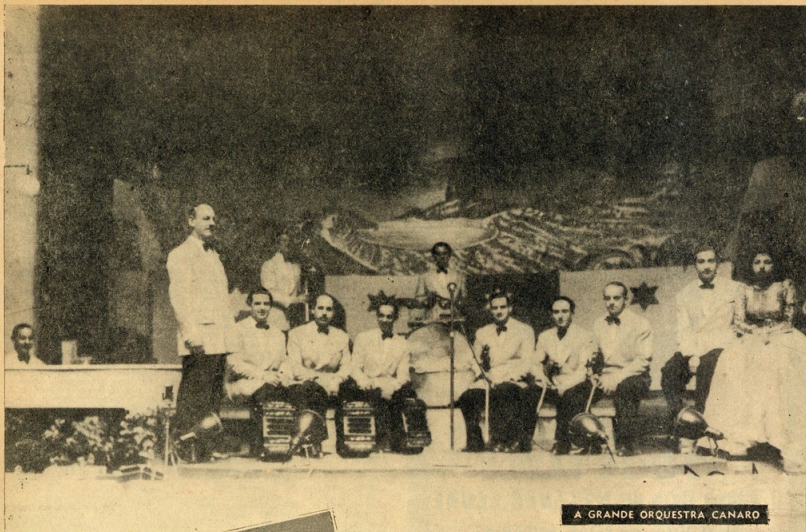
Enviar, pelo telegrafo, milhês de beijos e abraços, parabéns e natalis felizes, quando o seu, seu Natal é o país que reitamos com pressa...

Por fim, o fabricante de broas — é, também, dos que mais trabalham pelo Natal.

As broas são uma gloriosema — de que se não prescind. É preciso trabalhar horas inteiras diante dos tabuleiros que vão ao forno.

E, leitor, quando as broas, nas montros, são tentadoras — já o pasteleiro, arreliado, até se enjos deitas — e do Natal que lhe deu tanto trabalho...





A GRANDE ORQUESTRA CANARO

★  
**A ORQUESTRA  
 CANARO  
 NO "ESPELHO  
 DE ÁGUA"**  
 ★

**A** Orquestra de Rafael Canaro é um grande cartaz em qualquer parte do mundo. Por isso, não só pelo seu prestígio, mas ainda pelos rumores criados à sua volta, impugna-se uma «conversa» com o notável artista, ainda que fosse breve, como na realidade foi a nossa.

Fomos direitos ao «Espelho de Água», o grande Casino de Lisboa, onde se reúne a nossa melhor sociedade, e, num intervalo da Orquestra, falámos a Rafael Canaro, director do famoso agrupamento musical que tem o seu nome, e que, diga-se de passagem, é uma simpatia de pessoa.

—Diga-me, Rafael, quais as suas impressões do público de Portugal?

—Meu caro amigo, digo-o sem lisonja: O público português é duma gentileza sem limites!

«Tenho gratas recordações dos seus aplausos. Aqui, por exemplo, no «Espelho de Água», a assistência, da mais fina e gentil que conheço, dispensa à minha Orquestra uma distinção e carinho especiais. E que o público português sabe distinguir. Sobretudo aquele que frequenta o «Espelho de Água».

—Mas diz-se que a sua Orquestra não é a de Canaro, quero dizer, não é a dos discos!

—Não acredite, caro amigo! Isso ou é intriga ou então ignorância!

«A única Orquestra Canaro que

tem vindo à Europa é a minha. Meu irmão Francisco tem outra especialidade. Dedicar-se mais ao teatro.

«Quanto aos discos, dir-lhe-ei que tanto meu irmão, como eu, temos gravado bastante.

—Quantas vezes já veio a Portugal?

—Três: 1934-1935 e actualmente.

—Quais são os elementos que formam o conjunto Canaro?

—Rafael Canaro (director), Ailina Bermejo (vocalista), Jorge Cardoso (cantor), Cristóbal Ramos (bandoneon), Domingo Triguero (bandoneon), Mariano Gomez (bandoneon), José Aguayo (pianista), José Lachica (1.º violino), Blasco Navarro (1.º violino), José Soler (contrabaixo) e Mariano Mirabelle (batarista).

—Quando deixa Portugal?...

—Ainda não sei. Por enquanto continuo no «Espelho de Água»!

—Muito obrigado, maestro, pela sua atenção, e... boa noite!...

Exactamente porque a celebrada Orquestra Canaro, única no género, se encontra em Portugal e contratada pelo «Espelho de Água», que teve a coragem material para o fazer, daqui felicitamos, sinceramente, a sua direcção, por, desta forma, ter proporcionado ao público lisboeta momentos de tanta beleza.

Passar as festas do Natal e Fim do Ano no ambiente encantador do «Espelho de Água», ouvindo a Orquestra Canaro, é um bem de que nem todos se podem orgulhar!...

Bem-vinda a Orquestra Canaro!  
 Parabéns ao «Espelho de Água»!

S. C.



AS NOITES NO «ESPELHO DE ÁGUA» SÃO SEMPRE ANIMADAS







Acidentes de Trabalho

Vida

Acidentes Pessoais

Incendios

Transportes

Roubo

Cristais

Automóveis

Responsabilidade Civil

Avaria de Géneros

Caçadores

Rendas de Casas



# A MUNDIAL

(O MAIOR ORGANISMO SEGURADOR PORTUGUÊS)

**Capital e Reservas, 90.597 contos**

Sede em Lisboa

Largo do Chiado, 8

Telefone (PBX) 20354-55-56

Filial no Porto

Pr. G. G. Fernandes, 10

Telefone: (PBX) 5980-81

**Agentes por todo o Continente Ilhas e Africa**



*Steinway & Sons — Bechstein  
— Bluthner — Ibach — Ronisch  
— Berdux — Seller — Gaveau*

Verticais e de cauda novos e em 2.<sup>a</sup> mão

**Facilidades de pagamento**

**VALENTIM DE CARVALHO**

Rua Nova do Almada, 97

## VINHOS DE GEREZ DA CASA R. C. IVISON

Amontillado—Muito velho e sêco  
Vox—«Very old Xerez»

AGENTES

**GUILHERME GRAHAM JÚNIOR & C.<sup>ª</sup>**

Rua dos Fanqueiros, 7 ~ LISBOA ~ Tel. 20066/9  
Rua dos Clérigos, 6 ~ PORTO ~ Telefone 880/11

**GARLAND, LAIDLEY & C.<sup>ª</sup> LIMITED**

ESTABELECIDOS HÁ MAIS DE UM SÉCULO

AGENTES DE NAVEGAÇÃO E TRANSITÁRIOS

Representantes das seguintes linhas.

Blue Star Line • Brocklebank Line • Furness,  
Withy & C.<sup>ª</sup> Ltd. • United Fruit C.<sup>ª</sup> • Booth  
Line • Cunard White Star Line • Lampart  
& Holt Line • Yeoward Line



Travessa do Corpo Santo, 10-2.<sup>º</sup> — LISBOA  
Rua Infante D. Henrique, 131 — PORTO



RELAMPAGO

DISTRIBUIDOR

para:  
Bashkin  
Lavárcio  
Bidel  
Lava-Louça  
Lava-Sopa



Um RELAMPAGO é indispensável

TODA a DONA DE CASA, PREVIDENTE TEM DUAS PREOCUPAÇÕES:

O CONFORTO E A ECONOMIA DO SEU LAR  
RELAMPAGO SATISFAZ ESTAS DUAS EXIGÊNCIAS

A VENDA NOS SALÕES

FÁBRICA PORTUGAL

Restauradores, 49-51—A. da República, 59—R. Febo Monte, 1-18—R. da Graça, 52-54

NO SEU LAR  
NO SEU ESCRITÓRIO  
NO SEU ESTABELECIMENTO

USE SEMPRE A LÂMPADA

LUMIAR

Duração ~ Rendimento ~ Economia

Para uma camisa chic só

Casanova



O camiseiro do homem distinto

Rua da Palma, 69 — LISBOA — Tel. 21457



SÔFRIA  
PODOROVNA

POR JORGE RAMOS

**T**ODA a porção de Sonho que a Arte deu à vida, desde o esplendor da antiguidade clássica ao quadro faustoso das maravilhas do Oriente, palpitou ontem — e foi há seis mil anos! — numa ressurreição magnífica, pelo génio inovativo de Sôfria Podorovna, sublime intérprete dum mundo que se nos revela através da poesia dos ritmos.

Carca humana, ela traz nas ondulações do seu corpo de alabastro, da tálida, a sobrenaturalidade dum música que a atitude instrumentasse na voluptua da cor. Deserto tangem harpas fantásticas nos seus gestos dum estranha liturgia em que revivem os ritos milenários da Hellade. É a Idéia feita carne, a transmigrar-nos o período áureo da Grécia — isagoge dum civilização que legou ao universo o amor pela Helena que não morre. É a jovem grega que dança à cadência das cítaras nas festas de Apolo, em cuja altar corre o vinho e o leite das oferendas enquanto Aguilau escuta o hino sagrado, tendo atrás de si a multidão comovida. É talvez a virgem que dança em Amíclia nas festas de Jacinto no som das flautas, ou em Eleusis nas tesmoforias consagradas a Demeter, quando no mês de plenilúnio os arcontes recebem os vasos cheios de mel e água para as libações religiosas. É a adolescente que vem num carro puxado por quatro cavalos brancos para dançar nas festas de Atenas, a dançadeira que surge na velha cidade ática acompanhando o cortejo da estátua do divino Iaco cercado de mirtos, a bailadeira que no Odeão representa com seus revólveres o combate de Atenas com os Titãs a que, vinda de Esparta, dança em Terapneia diante do túmulo de Helena, a que está sempre entre as bacantes coroadas de hera e de alamo, nos festins orgiacos de Dionísio... É bailarina da Roma opulenta e devassa, aquela que, frágil e nublada na semi-nudez da sua formosa anáplara, imaturo, imaturo, dançava nos banquetes de Tibério sobre o cetim sangrento de mil rosas vermelhas; aquela que dança no pórtico de Vesta ao som do *chelys* com um cinto de pele de cabra em volta dos rins, a que dança no templo de Juno parecendo evolar da alvinitência do seu corpo um véu de perfunções como os incensos exultantes dos *stiparizans* empunhados pelos flaminés. *Ge* *est* *mirros*, imóvel como colunas, sentem um entorpecimento delirioso de luxúria. Qualquer coisa aliado se despenha da sua fragilidade de estípe, como flor vaporesa com anseios de chama que se dobra se a torce, se requebra e se tortura nessa ansiedade.

Depois, a cadência dessa visão desce-nos a virgindade dos bosques de Pan.

É a dríade que dança em pleno festim da natureza, com fontes cantantes, corais mirticos nos arvoredos, bacanales de luz, stífides legendárias...

Seu corpo como que desaparece num manto difano de aromas mirreos. É um instante de religioso interlúdio. E logo julgo ver a bailarina galesta que numa madrugada estelante dança ante o olhar adóntico de Heródoteo e da ativez ruante do teretrax Antipax: — Salomé reditviva que se oferece e se equiva como num adeo de surteio. A tarde de sol. A música veste a alma da artista — mil almas que a sua arte possui para sentir e vibrar. Antia, hierática, majestosa, surge-nos, então, Balkias, a rainha de Sabá, com o soldado do deserto no olhar e as noites profundas da Etiópia nos cabelos dum tom de asa de corvo. E, numa bruxa transeico, é agora a dançarina do harem, cobra líbrica da Alambra que pouco a pouco se desnuda com uma graça de penia agitada pela brisa, abandonando a estribe preciosa. Uma dolência de amafis e de flautas traz em si tódia a melancolia sensual da terra árabe. Nas acções de Marrakech, lívido e desvalizado, o luar divaga. Calou-se por momentos a orquestra num passmo de adoração. Há em seguida um marulhar nostálgico de guitarras mouras.

É a Votúpa que dança. Ondina mágica, suas levezas de renda espumegam. E quando Sôfria desaparece apodera-se de tódias as almas uma inconsciente noção de vasto. O próprio alitúreo resvala inauimbiss sobre alimbans...

Agora — há seis mil anos, nos degraus da enorme escadaria do templo de Isis. A cerimónia impressionante da invocação a deusa, curvura o Fará. Entre nuvens de incenso, a sacerdotisa alaca, dir-se-la encarnar a divindade. Acompanhou esse balado, a um tempo místico e lascivo como o de Judite à porta da tenda de Holophernes, um halo de sonho e de mistério. Que música doce, infável, intraduzível, a que essa plectro de cinco dedos deusa invisível faz vibrar nas cordas da lira do Irreal e do Excelo!

Arenói, princesa do Egito, dança... E o estranho ritual tem algo de fascinante e de místico. A tarde ascende. Azeboliam sulcos de fogo no céu. Revaam-pombas brancas. Os pés das dançarinas dir-se-tem aculeiro o mármore frio. E o seu corpo de luz aditvina-se nas dobras do véu que a cobre.

É a Morte que dança. O aroma da mirra a arder espalha no ar um unção religiosidade. É um momento trágico e poético de êxtase.

Foi há seis mil anos — ontem, diante de Sôfria Podorovna...





Natal é a santa evocação da família. É nessa noite, diante da lareira ou em redor da mesa, que a família sabe recordar, desfilando um rosário de recordações, os momentos gratos da vida — ou, até, numa dolorosa reminiscência, os transe angustiosos que a vida sabe criar.

Nas aldeias, pequeninas e nevadas, não há festa maior. Na véspera, à meia-noite, os sinos da capelinha tocam, festivos, para a missa do galo. Espalham-se, pelo ar, aromas de alecrim, as moçólas, de primores de indumentária, rezam, com mais unção, de mãos erguidas.

Em casa, a lenha do lume tem pinceladas sangüíneas no escuro terroso do chão. Aconchegam-se em volta do calor. E não há alegria que se esqueça festejando a nascença do Deus-Menino. A neve branca dos caminhos, empolhando os sinos das serras, escorrendo de prata pelas vertentes dos montes, poeira, numa palagem bíblica, os horizontes longínquos — onde, no fim, o molinho é um refúgio de penhas.

O Natal, na cidade, porém, é essencialmente burguês.

As lojas enchem-se de uma população ávida que deseja testemunhar à humildade do Menino Jesus, que nasceu nas palhinhas, o arrogante luxo dos casacos de peles e dos braceletes de ouro maciço.

Há gente que pensa ser obrigatório receber o Natal de cheviote lúcido — e estiradas nos cabaretes.

Nada mais irritado. Em casa, com a família, seja pobre ou rica, é que o Natal se deve comemorar.

Que interessa os estampidos do champagne, os vitélos assados no espeto, os ricos espádmis de rótulos afumados — se em nada disso há aquela pontinha de crença, de humildade, de Fé, que faz ver ao longe, a

brilhar, um bambino de carne rosada, vagindo de frio, num misero paletó?

Só os pobres sentem como deve ter sofrido aquela mãe — logo perseguida pela tirania dos homens, correndo com o seu menino nos braços para que a maldade dos homens o não matasem...

\* \* \*

Na cidade, nessa noite de família, há, porém, aqueles que não têm Natal. São os que por dever de ofício têm de trabalhar para que os outros possam gozar. Lembrá-los, pois, dêles. A telefonista que, de vigília, ocorre, prontamente, ao teu burguês chamamento para que te levem um táxi, porque já trocas o passo com o champagne. E o médico nos silenciosos hospitais, entre os que sofrem, dedicando o seu Natal aos que a fatalidade do desastre ou da doença perseguiu. São as grandes centrais eléctricas e do gaz, sempre com pessoal a postos para que a corrente não falte nem na sala de operações — nem no salão de espectadores onde rebrilhantes pernas de bailarinas tornam estonteante o desejo do homeir.

E, sobretudo, é uma legião de servidores — trabalhando afanosamente, desde os porteiros dos teatros ao guarda-noturno, que vêem do Natal a neve a cair e o silêncio brutal das ruas úmidas. Para êsses — e para tantos outros não há Natal.

E os desprotegidos da sorte? Esses que deambulam por aí, sem família, à mercê das códeas do destino? Esses que, como farrapos humanos, têm a mesa posta na calçada da rua e fazem dos portais a vela dos seus sonhos? Não, essas criaturas que não conhecem as carícias maternais (que logo

(Continua na página 34)

## APONTAMENTO ANDALUZ

# O NATAL EM ESPANHA

### POR CONSIGLIERI SÁ PEREIRA

ALVEZ porque o frio seja mais áreo e rigoroso. O inverno espanhol é terminante, gélido, todo feito de geladas barrerías. Elos obstroem as poucas passagens livres. O desfiladeiro, críatico espanhol, mesmo quando não está decora os destinos hispânicos definitivamente e acompanha-nos sem hesitações durante a terrena estância, para o esteo ardentíssimo, ou para o frígido inverno.

Ela o porque do predomínio da mulher andalusia. Todos o sabem. E verdade veíha. Mas o que entre nós constítue recóidia, indecisa Primavera ou Outono, na flutuante hostil, inelutável nível das nossas metas estações, ou abrangedoras do ano inteiro, lá, a dots passos daquél, faz do espanhol um ser meimeto, submisso, hoje à vontade da mãe, amanhã, embora de negras raspadas barbas, à da noiva — ardente, fiel, exigente e resoluta.

Ela disse por inteiro. Também exigiu tudo do novio. E instituição sacramental, feita, isso de ter adoras em coração de espanhola. A mulher é sempre superior, e em ponto algum o seu culto, profano ou ritualíssimo, foi lá absoluto. E os rituais andalusinos serão deambulantes, estatuas, e as reconhecemos a distância, tanto pelo roagante andar como pelo estalido indistinto das castanholas.

Mas, além desses conhecidos motivos que tornam o estio ou o inverno de Sevilha ou Madrid mágicas harmonias de estontentes conjuntos — há, lá o escuremos acima, a «Navidade», o Natal das Espanhas, a encher as montas com os seus torções de amêndoa, os seus massapés de acucaradas e cristallinas frutas, os seus eposos, enfim: toda a ostentação bizantina, feita de uma magnificência generosa e pródigo, em honra das Virgens e das mães, cuja decoração se encontra no culto apaixonado das irmãs do Meio-Dia e cujo recêdo é feito de celos e de castas, condimentadas pelo tempero inflamado das ardentés multiguetas.

Tão dicos são, em verdade, êsses povos diversos das Espanhas das suas mulheres como das deusas do seu culto cheio de pompa. Há virgens para todos os vinte mil municípios desse povo viltinho, ainda nômade, a arder no fanatismo integral dos estrales vidos de muito longe e das turbas de ciganos cujas histórias sem data recendem a tradições anti-diluvianas. Mas há, também, a Senhora Madre de Deus, presente em toda a mulher espanhola, pois ela sam e circulam a todas as horas de todos os dias, impondo, graciosa, o natural domínio das suas liberdades tradicionais — ao vé-las, livres de movimentos, sóto o andar, brilhantes e negras os sóltos cabelos, turgidos de análise maternais os arfantes peitos de estelitos coresés agulhões, sempre livres, amando e não cedendo nessa sua liberdade, compreendemos que o Natal preencha toda a vida religiosa do povo espanhol.

A espanhola, toda e nas mais variadas classes e categorias, impõe sempre porque é tão livre que não existe, nela, a palavra acríada. A serventia, entre pessoas, é nesse povo orgânico prestação de múltos serviços dentro dos conceitos simples, evangélicos da dignidade humana, da condição de homem para homem.

Pois o mais perfeito dos entes constitutivos da sociedade em Espanha, é, será sempre, a mulher. Talvez a alacridade rubra, súbdível, das suas falas, a sem-cerimônia das canções, a variedade histórica dos dices e cantos, a tornam mais caracteristic, mais movida, o membro em perpétua festa da comunidade familiar. A êsse carácter próprio individualidade, uma vez que se vê, de suas mulheres, se deve a toda conjunção doméstica do animal individualíssimo, iracundo, solene, que é o espanhol.

Ele mata e morre pelo seu touro, mantém o seu culto, adorna de méritos gratuitos a vida de suas mulheres. Desconfiadíssimo, o espanhol provou melo mundo de hábitos, de explosões temperamentalas suas e de guerras civis. Mas se fomos ao porquê dessa hostilidade de criança pungente, encontraremos sempre, na perpetuidade das colzas e dos séres, dos textos e das interpretações, a modelé das castanholas, o mesmo motivo das Espanhas com o «mas ruidoso e afirmativas mulheres».

UN NO ME QUE NÃO-PRECISA DE SER RECOMENDADO

*Porcellamas*

da

VISTA ALEGRE

À VENDA EM TODAS AS CASAS DA ESPECIALIDADE E NOS SEUS DEPOSITOS DE LISBOA E PÓRTO



# MARY LOVE

Os romances de Mary Love são de uma admirável urdidura, os assuntos são tratados com delicadeza, com suave fantasia, com ironia moralizante. O êxito rutado que têm obtido em Portugal e Brasil são uma prova do interesse que têm despertado.

35 volumes se encontram publicados deste notável romancista, e o 36.º está já no prelo.

PUBLICADOS:

- A idade de amor
- Anie a preceptora
- O segredo de Carlo
- Serás Rainha
- Minho mora à um homem
- Que me nota aquele moinho
- C me noivo tem um rio
- Olhos de porcelana
- Uma mulher nasceu
- O sr. dr. acusa
- A mulher comprade
- Quando o passado voltou
- Eu sou a mãe
- Cosei com uma actriz
- Entrou um coração pela janela
- Sou uma mulher vulgar
- O mundo somos nós dois
- Achei o meu coração
- Traquei minha mulher
- Venho dos braços de Vida
- Se eu fosse a luz dos teus olhos
- A mulher de meu pai

- Sou um seu criado
- Divórcio
- Rapósido
- Eternamente
- Canto da Primavera
- O teu marido sou eu
- Já era assim há 100 anos
- Saias de tarlato
- Elo e u
- Em 4 tiras
- Quem roubou fui eu
- Eve e o palhaço

ACABAM DE SAIR:  
 Uma luz rasgou as trevas  
 Cada volume brochado 12\$00  
 Encadernado 22\$00

EM TODAS AS LIVRARIAS,  
 TABACARIAS, ETC.

Pedidos à Livraria Editora  
**Guimarães & C.ª**  
 R. da Misericórdia, 68  
 LISBOA.



## CRÓNICA QUÁSI SENTIMENTAL EM QUE SE FALA DO AMOR DO DINHEIRO E DAS ESPANHOLAS...

**F**OI há dias, num restaurante da Baixa. Acabava nesse momento de recuar com indignação os filetes de pescada, e preparava-me para entrar no conflito com um lfe rjíssimo que o criado, com um arzinho de vingança, me servira, quando reparei no estranho casal que jantava numa mesa junto à minha: ela uma espanhola de olhos negros e molhados, com uns pestanas inverosímis; uma boca, desenhada a sbatão, inverosímil; e, no alto da cabeça, uma poupa recheada sabe Deus com que peças do vestuário para lhe dar aquela altura espantosa. — Peita! — mais inverosímil do que todos os atributos anteriores. Eie um português, Pessô sem Composura e disciplina de gestos. Tipo de homem gaveta arrumada. Ventre protuberante, prepêrio. Cingência anos muito cuidados com águas mieras, por dentro e de Colômba por fora, mas que, apesar disso, não jecciona, de facto, ser mais de cinquenta anos. Poucos cabias que uma larga risca dividida aritméticamente, por os lados da cabeça. Todo o tipo da pessoa que gosta do seu sossego. Falava pouco e obedecia ao preceito de não o fazer com a boca cheia. A espanhola, pelo contrário, falava pelos cotovelos, dava gargalhadas de fazem estremecer o camdeiro do tecto, pedia em voz alta ao criado mais pastéis (pero celintios, hambres), e por cada resto que fazia gusalhavam libras penduradas em pulseiras de ouro, e li sala do velho restaurante enchias-se de saudões sugestões provincianas, o tilintar alacore dos solpedes, em dia festivo, a simlino da romaria.

Eu não tenho nada que ver com a vida de cada um. Mas impressionou-me o contraste daquella pessosa tão diferentes jantando juntas, como se pudesse haver alguma coisa de comum entre ellas. Finsei a pensar a título escroregada que o Destino usa para com os pobres pecadores,

criando ligações voluntárias entre pessoas que estão mesmo a ver se sentiriam imensamente felizes se não se atirassem umas às outras. Mas tive pouco tempo para mais reflexões sobre o Mundo, o Destino, e as espanholas. O guardavento albrisei, de repente, e á porta surgiram mais duas dessas *nuestras hermanas*, uma delas com um menino de fato á *maraja* pela mão. Logo que viram a outra explodiram em ruidosas manifestações de alegria.

— Peita!  
 — Lolal!  
 — Milgritos!  
 — Abancaram todos. O menino era amarelo como um pudim efian; e deu, desde logo, indícios de ser arrojado até ao café, passando, pelo quele e pelo pudim anti-económico servido á *surrella* sob o guardanapo clandestino. A medida que a reflexão decorria, animava a conversa entre as espanholas, enquanto eu, o pobre homem, para ali estava esquecido, a ouvir palavras que não percebia e a

ver, cá fora, através dos vitros embaldados, esta Lisboa que lhe devia parecer triste como a horta de um convento, depois de uma chuvada no Outono...

Os jornais dessa noite anunciavam a próxima chegada a Lisboa de mais três «ballets» de espanholas. E a invação que continua.

A coisa começou nos primeiros anos da guerra. Ao mesmo tempo que toda a Europa era invadida por exércitos anistinos, sobre Lisboa marchava anovelmente um exército paador, coreográfico e castanhilante de espanholas de olhos rolhos e de corpos mais ou menos senotuladas, que chegaram a dar á cidade um ar quasi festivo de verbenza à meia luz. Removaram-se em grupos para lá, vindo outras depois, mas nunca deixaram de manter aqui, como convém á boa estratégia, um exército de ocupação. E a verdade é que nunca se viu tanta espanhola em Lisboa. Também parece que nunca houve tanto dinheiro para gastar com ellas. A mais modesta das modestias de Madrid, que em Vila Formoso é de logo uma grande estrela de bailado ou uma famosa *pedra da condilha*. Por isso, salvo rariíssimas excepções, quando não lhes pesa na consciência terem cantado em falsole «*¡Ciello! ¡Andaluz!*» é porque competem deltos contra a «*Dança do Fogo*». O serem ou não artífices de pândim, um pormenor de somenos; basta que digam que o são, porque as espanholas falam e os portugueses acreditam.

Seja nos francos: No fundo, a alma de cada português vive escondida a ambição de uma aventura com uma espanhola... Porque não sei, mas o português que vive em uma espanhola, sente logo que o coração lhe deu a estalinho. Os olhos, a *arzião enjoleira*, os cabelos que parecem pintados por Goya, são motivos de sedução que justificam, desde logo, uma inebrialdesinha. Mas o pior é que a *nião* tem uma *moelz* a fazer belchinho, e a sua cotadilha, lá está em Espanha a consumir-se em saudões, albrucada *hermanita*. Ora, como eu não sei que mais movia uma sensibilidade

(Continua na pág. 49)

ALIAS

UM EPISÓDIO INEDITO DO ESCRITOR DR. ANSCENJO BARBOSA

MULHER

**N**oite de Natal. Ouve-se o cantigo dos grupos de rapazes que costumam andar pelas ruas a dar as «boas-festas», ao som de pandeireta. Uma mulher quasi androjesa, embriulhada num challo, está estirada sobre o degrau duma porta.

NATAL...

**N**ATAL... Nasceu Jesus para sofrer e para ter piedades dos que sofrem...

**N**oite de luz, tão alegre como o dia... Para mim, noite de dor, tão negra como a noite...

**M**aldito frio! Que mal te fiz eu para me lembrares que fui estrada pelo Mundo... para o degrau duma porta!... Que mal te fiz eu para gelares de saudões a brincar do monte, tão brada uiter, gelado de torturas!...

**Q**ue te fuji eu, quando me encheste de promessas e a Vida era uma promessa para mim.

**N**atal de inopetuidade! Natal do Menino Jesus na sua capelinha branca do monte, tão brada como a neve, coberto de beljos e de flores! De musica no meio do adro da minha aldeia! De amor aos idólos das raparigas!...

**D**os snos replicando festa até morrer o sol e a esta...

**A** mesa onde cada pessoa tinha a devoção dum Apostolo... A fôrca com o seu corte atado...

**L**á... a família!

**A** família do O Pal... a Mãe... a uma ranchada de irmãos... E a

(Continua na pág. 50)



# APROPOSITO DO LORO DE EUGÉNIO HUZAR "O FIM DO MUNDO PELA CIENCIA" POR EDUARDO FRAS

**H**á qual um século, durante um curso sobre o compresso de gases, um dos homens que assistiam a essas lições e que veio a ser um notável pensador, maravilhado com as experiências em que tomava parte, não pôde voltar-se a estas reflexões:

«Que espectáculo pôde haver ao mesmo tempo incoherente e maravilhoso do que ver em presença, o homem, a ciência e a natureza?»

«Como é possível não se ficar tomado de admiração e de pavor penetrando nesses recintos onde, à vontade do homem, os próprios elementos respondem todos os dias docilmente às demonstrações da ciência?»

«Como é grande esse poder irresistível que tem na sua mão as energias do mundo e que as modera, as dirige, as governa, segundo a sua vontade?»

«O homem não será, portanto, Deus, pelo menos por aquilo que sabe, pelo que quer e que pode?»

«E se o orgulho dos conhecimentos humanos se vai sempre engrandecendo, não deve a conquista do mundo tornar-se um dia patrimonio da humanidade?»

De repente, um estrondo horrível quebrou o fio dos seus pensamentos. Corria o sangue no asfalto e ouvia-se de todos os lados gritos penetrantes.

Acabava de reventar o aparelho de compresso de gases e o corpo do infeliz preparador, arremessado para o espaço, transformara-se numa massa informe, hinchada e sangrenta.

Corria-me pelo rosto um suor frio — conta o homem que assistia ao curso e foi testemunha desta cena horrível. — Num segundo tinha vivido mil anos. Haviam-me aparecido os últimos tempos.

«Júpiter acabava de fulminar Promethéu.

«Revelava-se em mim — prosegue a testemunha do pavoroso desastre — a tel da palingenesia universal».

Essa lei formulou-a ele nestes termos: «O orgulho da ciência, esse velho peccado do passado, que foi a sua fatalidade no mundo, só-lo-á também no futuro».

E assim nasceu um livro, um livro que foi traduzido em muitas linguas, que foi publicado em 1855 e cuja tradução portuguesa, de Eternades Costa, foi editada por Davis Corazzi, em 1888.

Esse livro chama-se «O Fim do Mundo pela Ciência». E seu autor Eugénio Huzar.

\*\*\*

Quem é Eugénio Huzar?

Não estudo crítico que precede a obra, na edição que temos presente, o autor do prefácio declara:

«A seu respeito não temos a mínima notícia biográfica. Não o encontramos mencionado em nenhuma das edições do «Dicionário

dos Contemporâneos», de Vapereau, nem no «Dicionário da Literatura», do mesmo autor, nem no de «Biografias Contemporâneas», de Bitard, nem no «Grande Dicionário de Larousse», tanto no texto como no Suplemento, nem na «Biografia Geral», de Hofer, nem na «França Literária, nem no «Manual do Livreiro», de Brunt, nem em muitas outras coleções biográficas, bibliográficas e noticiosas que percorremos.

«Impossível não foi de todo o ponto, e apesar de sérias diligências, colher quaisquer subsídios com os quais pudéssemos satisfazer, com respeito a este escritor dos nossos dias, e que talvez até viva ainda, o encargo tomado de procedermos com um estudo biográfico cada uma das obras da nossa colecção».

E talvez devido a esta circunstância que se dá uma outra bem curiosa, que vem narrada no prefácio do tradutor, que por sua vez a transcreve da crónica científica de F. Saulcy, publicada em «Le Courrier», de Paris, com a data de 21 de Outubro de 1867.

F. Saulcy, em sua crónica faz a apreciação duma obra de Eugénio Huzar, «A Arvore da Ciência», posterior ao livro do mesmo autor «O Fim do Mundo pela Ciência». E a propósito, em certa altura conta:

«Antes do livro que venho hoje estudar convosco, meus caros leitores, Eugénio Huzar tinha publicado outro, o qual não tivera destino menos singular do que este, e que, em verdade, era apenas o seu embrião. Apareceu a 21 de Abril de 1855, com este título: «O Fim do Mundo pela Ciência».

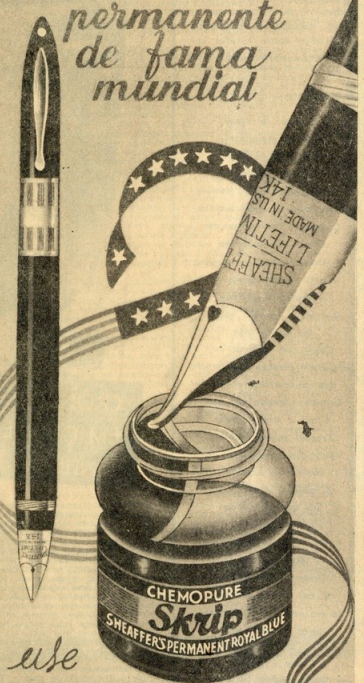
«O autor pedes-nos instantemente que tomemos nota desta data; ele a razão porque apenas este tinha aparecido, um escritor de nome mais illustre, M. de Lamartine, publicava em 1856, na 12.ª Caderneta do seu curso familiar de literatura, a propósito de Job, uma teoria completa sobre a idade primitiva da humanidade, onde estabelecia que o Eden era uma civilização, que essa civilização, tendo chegado ao apogeu, havia acabado por um cataclismo, e que alguns homens, tendo escapado ao desastre comum, haviam levado consigo a memória do Eden passado, fazendo-se historiadores dele; que Moisés, por consequência, tinha recolhido essas tradições preciosas e as havia entregue à memória do povo judeu, sob o véu duma alegoria».

«Ora Eugénio Huzar apresenta-se em bom direito, na aparência, a reclamar a prioridade dessa teoria. Dezto meses antes da 12.ª Caderneta do curso familiar, tinha tido a honra (é ele que fala) de oferecer pessoalmente o seu livro a M. de Lamartine, e de lhe desenvolver o sentido d'essa longa conversação. E sucede que a teoria em que se estabelece que o Eden era sim-

(Continua na página 34)

prefira  
**SHEAFFER'S**

a caneta de tinta permanente de fama mundial



else

**Skrip**

O SUCESSOR DA TINTA

DISTRIBUIDOR PARA PORTUGAL:  
**AZEVEDO & DUARTE, L. DA**  
RUA DO CRUCIFIXO, 76, 1.º — LISBOA — TELEF. 26297

UMA MEIA MEIA FEITA  
OUTRA MEIA POR FAZER  
SE AS NÃO COMPRAR NESTA CASA  
MUITO TERÁ QUE COSER

Meia de Vidro  
RUA AUGUSTA, 158 — LISBOA



# QUATRO TEATROS PARA PASSAR AS FESTAS!

## TEATRO VARIEDADES

Empresa Piero Benardon

TODAS AS NOITES  
às 20,30 e 22,45

ENORME EXITO  
da Colossal Revista



### "Alto lá com o charuto!"

com

MIRITA — VASCO  
ÁLVARO PEREIRA  
MARIA LUISA  
PEGGY & HUMBERTO

a grande atracção  
EVIE and JOE SLACK

— e uma grande Companhia

## TEATRO AVENIDA

Empresa Piero Benardon

TODAS AS NOITES  
às 20,30 e 22,45

O mais alegre e  
cômico dos espec-  
táculos musicados



### "A Casta Suzana"

com

IRENE — AMARANTE  
ERICO BRAGA  
BARROSO — ALBERTO REIS  
CREMILDA DE SOUSA  
EUNICE MUÑOZ

e a grande atracção  
YVONNE et FARRAR

## TEATRO APOLO

Empresa Piero Benardon

TODAS AS NOITES  
às 20,30 e 22,45

Uma revista com graça e crítica polí-  
tica, como não se fazia há 20 anos

### Bolacha Americana

com

HERMINIA SILVA  
RICARDO SANTOS CARVALHO  
ARMANDO MACHADO  
MARIA HELENA - ALBERTO GHIRA

e as grandes atracções

ALBERTO RIBEIRO  
MARIA SIDÓNIO  
JOSÉ PUERTAS

à frente de um grande  
conjunto



## TEATRO SÁ DA BANDEIRA

Empresa Piero Benardon

TODAS AS NOITES  
— às 21,30 —

A revista que o  
público consagrou

### VIVA O PORTO!

com

LAURA ALVES  
SOARES CORREIA (no «compère»)  
CARLOS ALVES  
JOAQUIM PRATA

e as grandes atracções

JULIO GENERO

y

ROMA TAENI

e RAVAZZOLO,  
com LUCY SNOW





AO SERVIÇO  
DA  
VERDADE  
1939  
—  
1945

ENTRE MUITOS OUTROS DE  
VÁRIAS NACIONALIDADES CA-  
RAM O SE DISPARAREM!

DANIEL WITT HANCOCK  
HARRY CROCKETT  
VERN HAUGLAND  
HENRY R. JAMESON  
JACK SINGER  
ERNE PYLE  
KENNETH SILBY-WALKER  
WILLIAM O'NEILL  
R. A. C. HAMMOND  
STEWART SALE  
ALEXANDER BERRY-AUSTIN  
WILLIAM J. MUNDAY  
JOHN TALBOT  
JACK SMYTH  
WILLIAM STRINGER

R. I. P.

# A ALEGRIA DA ALMA ESTÁ NA ACÇÃO

## "THE SOUL'S JOY LIES IN DOING-SHELLEY"

### CORRESPONDENTES DE GUERRA



Arthur Oakeshot, Desmond Fyfe, H. H. Harker, Gus Whitehead, C. Frank McDonald, Max Goldstein, William Steiner, John Smith, Joseph E. Dixon

### Do nosso correspondente em Madrid Luiz de Quadros

Madrid, 19 de Maio. — A vida, no tempo de guerra, é uma aventura. Há momentos em que se sente a necessidade de fazer alguma coisa, de fazer alguma coisa que seja diferente do que se está fazendo. É uma necessidade de fazer alguma coisa que seja diferente do que se está fazendo. É uma necessidade de fazer alguma coisa que seja diferente do que se está fazendo.

Madrid, 19 de Maio. — A vida, no tempo de guerra, é uma aventura. Há momentos em que se sente a necessidade de fazer alguma coisa, de fazer alguma coisa que seja diferente do que se está fazendo. É uma necessidade de fazer alguma coisa que seja diferente do que se está fazendo. É uma necessidade de fazer alguma coisa que seja diferente do que se está fazendo.



CHARLES FOLTZ, correspondente de guerra no Euzkato de 1936 a 1939



Carl Spang, Eric Swenson, A. E. Melford, William B. King, Alan Ward, Jim Merritt, Martin Hicks, John Leonard, A. E. Daniels, Percy Finch, Don Whitehead



1. Soldados espanhóis Por Mestrich, com o doutorador Galt. 2. O gravador Antonio Luis Basso. 3. Um ferido ferido por um soldado espanhol. 4. Um ferido ferido por um soldado espanhol. 5. Um ferido ferido por um soldado espanhol. 6. Um ferido ferido por um soldado espanhol. 7. Um ferido ferido por um soldado espanhol. 8. Um ferido ferido por um soldado espanhol. 9. Um ferido ferido por um soldado espanhol. 10. Um ferido ferido por um soldado espanhol.





Robert Bunnelle



Seaghan Maynes



Hubert Harrison



Reginald Roland



Noland Norgaard



Frank Flinn



Um grupo de correspondentes na frente de combate



O da direita é Eduardo Knedy, que cometeu a indiscrição de anunciar antecipadamente o rendição alemã



Rembert James, o da direita, passou dias omargos no Pacífico



Olyde Farnsworth, à direita, fala com o major Chennault

pital de mais de treze andares, no outro lado, à nossa esquerda um belo edifício escolar, rodeado de arame farpado e de sentinelas, afirmava publicamente ser uma prisão militar. Uma interessante conversa teve início nesta resposta; depois, a estonteante veracidade de José Altabella acompanhou-nos à rua, e passou conosco toda a tarde. E a entrevista nasceu...

\*\*\*

A história, ainda não escrita, dos correspondentes de guerra perd-se na noite escura dos tempos... Todavia, é geralmente aceite que foi Homero, e não a lendária figura homérica, quem iniciou o grande e doloroso cortejo dos homens que vão à guerra, não para matar o semelhante, mas sim para informar os outros homens, escrevendo histórias para a cíclopica História da Humanidade... Há também a opinião de que foi Heródoto, o narrador da conquista de Tróia, quem fundiu o primeiro elo da grande cadeia de correspondentes de guerra. E a juntar a estas duas opiniões, há ainda a terceira que atribui àquela célebre soldado de Milícias que para anunciar a vitória de Marathon correu velozmente quarenta e dois quilómetros, caindo, em seguida, morto por tão tremendo esforço. Mas seja como for, o que nos importa dizer é que, já nos tempos modernos, Racine e Bollaue são tidos pelos verdadeiros precursores desta modalidade profissional que, já na época de esplendor romano, tinha apaixonados cultores, como o provam as crônicas dos feitos bélicos de Júlio César.

No que se refere à reportagem militar propriamente dita, como hoje nós a conhecemos, estão de acordo quasi todos os que por tais assuntos se têm interessado, ao afirmarem que foi na Inglaterra, com o seu vetusto «The Times», então dirigido pelo célebre John Walter, onde primeiro se concebeu e se realizou a nova modalidade de jornalismo informativo. Napoleão Bonaparte imperava então na Europa.

Anos mais tarde, a altiva figura de Stanley, embrenhado na selva africana em busca de um mistério perdido para o mundo entre o gentio negro — Livingston — tem quasi o valor de um mito para os milhares de leitores ingleses das suas assombrosas crônicas. E passando por Rudyard Kipling, por Russell, o cronista da célebre carga de Balacava que inspirou a Fenyson o famoso poema «Cavalaria Branca», por Alarcón, por Burke Honan, pelo nosso grande Ivens, até aos modernos correspondentes da primeira Guerra Mundial, há toda uma admirável galeria de figuras mais modestas que, para os jornalistas de hoje, ganham quasi o valor de veneráveis santos... «Enquanto houver homens sobre a terra, sempre haverá luta entre eles», diz-nos, há muitos anos, um velho professor. E assim tem sido, e assim é, de facto. Fechando os olhos para tudo o que se passou antes da Revo-

lução Francesa, qualquer homem medianamente culto não ignora que, nesta ou naquela latitude, sempre tem havido homens matando outros homens por esta ou por aquela razão. Guerra franco-prussiana, guerra russo-japonesa, guerra Italo-abequina, guerra de Cuba e Filipinas, guerra em Marrocos, guerra anglo-boer, primeira Guerra Mundial, guerra do Chaco, guerra chino-japonesa, nova guerra Italo-abequina, guerra civil em Espanha, seguida da Guerra Mundial... Guerra, sempre guerra, guerra constantemente! E sempre homens lutando de pena em péste, enfrentando a morte para escreverem para a História... 1939, Dantzig... O mundo está de novo em chamas. De todo o Universo acorrem homens à Europa para informarem, através de milhares de periódicos, milhares de leitores. Começa um novo capítulo na História dos Correspondentes de Guerra, capítulo trágico, com muitos horrores e... muitos mortos.

\*\*\*

E a nossa conversa com José Altabella era um deslizar de memórias e de conhecimentos em grande parte adquiridos na mesma fonte, comum: — Don Pedro Gómez Aparicio, grande professor, grande profissional e... grande amigo de todos aqueles que se apaixonam por esta difícil arte de bem saber informar e orientar as massas.

«Correspondentes de Guerra — su Historia y su actuación» foi escrito velozmente em dois meses, à base de milhares de verbetes pacientemente acumulados, e ao calor do desenrolar dos acontecimentos internacionais. José Altabella é um apaixonado pelas questões do Jornalismo histórico; estamos mesmo em crer que, depois de Gómez Aparicio, actual director da «Agência EFE» e professor na Escola de Jornalismo, é este muchacho aragonês, de menos de trinta anos, quem em toda a Península mais conhecimentos possui sobre esta ainda tão mal polida faceta da História. Trata-se, portanto, de um bom livro em que, desde Xenofonte a Knickerbocker, passando por Perla ignorante do Jornalismo histórico e dia a biografia dos seus grandes heróis, um panorama vasto e pedregoso em que os humildes historiadores, os «cavalheiros da emoção», os «gentleman of Press» são padroes brancos de mais puro mármore na campina escaldante da acção bélica coberta de nuvens de pó e pólvora.

Durante o nosso deambular pela

(Continua na página 49)

**NOTA: RIGOROSAMENTE PROIBIDA A REPRODUÇÃO DESTAS FOTOS, NO TOTAL OU EM PARTE.**

Robert Enson, que fez serviço no Atlântico e no Pacífico

O correspondente Henry Cassidy, cujo carta a Staline é um verdadeiro documento histórico



**VEJA SE LHE  
INTERESSA, LEITOR!**

**A AMÉRICA  
APRESENTA OS SEUS  
PRIMEIROS CARROS DO APÓS-GUERRA!**



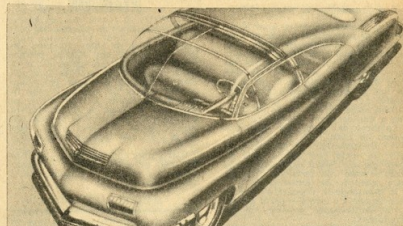
Este foi o primeiro carro que saiu das fábricas Ford, mal acabou a guerra. O acontecimento foi comemorado com uma grande festa, à qual assistiram altas individualidades. Aqui vemos, ao volante, o capitão Eddie Rickenbacker, e sentado em cima do motor a actriz de cinema Carole Luddy. A elegância da mulher confundindo-se com a do automóvel...



Es é o "Oldsmobile" para 1946! Os modelos pouco diferem cinda dos de 1942, mas a coisa vai indo — a pouco e pouco...



O último modelo das fábricas Hudson



E aqui temos o carro do futuro, que dentro de muitos poucos anos correrá pelas estradas de todo o mundo!

**Dorian**

**PRODUTOS  
DE BELEZA.  
PERFUMARIAS**

**HOMENS E SENHORAS  
VESTE BEM CASTILLA L.<sup>DA</sup>**

**SEMPRE AS ÚLTIMAS NOVIDADES  
CLÁSSICOS TAILLEURS  
CONFECCOES GÊNERO FRANCÊS  
ETC.**

*Vendas a pronto ou  
em pagamentos suaves*

**CASTILLA L.<sup>DA</sup> = ALFAIATES =**

**Rua do Ouro, 127. 3.<sup>o</sup> ~ LISBOA ~ Telef. 2.3921**

**AOS NOIVOS**

Serviços de mesa, chá e café em **PORCELANA**

Serviços de **CRISTAL, MEIO CRISTAL e VIDRO**

Artigos de **MÉNAGE e LOUÇA de ALUMÍNIO**

**LUSTRES - FAQUEIROS ARTIGOS PARA DECORAÇÃO e BRINDES**

**AOS MELHORES PRÊÇOS**

**VIDRARIA CONFIANÇA**  
ALBERTO PUGA DE SOUSA  
33, Rua da Vitória, 37 - LISBOA - Telefones 4685



(Continuação da página 23)

pletamente um estado de civilização, desenvolvida com a magnificência de estilo que se conhece no nosso grande poeta, não era outra coisa senão a teoria de Huzar, que um esquecimento involuntário, sem dúvida, não tinha, pelo menos numa nota, atribuído à sua verdadeira paternidade.

\*\*\*

Involuntário ou não, este quasi plágio de Lamarca, contido em aquela sutileza que é um dos encantos do século XIX, atesta bem o entusiasmo que a aparição do livro de Eugénio Huzar então deveria ter produzido.

Mas o mais extraordinário é que parece que os plagiats continuam nos nossos dias.

Atente o leitor neste trecho: «Foi por ocasião de experiências científicas feitas debaixo das nossas vistas, durante um curso, e de nós cefebre de mais. Vendo êsses atoms infinitamente pequenas, produzidas da ciência; êsses fluidos invisíveis, impalpáveis; êsses gases intangíveis, produzidos tão tênues e tão imperceptíveis; perguntámos a nós mesmos se o homem, estendendo sem cessar o seu domínio sobre as energias da natureza, não provocaria, fatalmente e a seu pesar, uma dessas catástrophes derradeiras que são o último dia dum mundo.»

O leitor lhe bem está trecho? Não lhe parece o justo comentário a mais recentes notícias sobre o possível desenvolvimento da bomba atômica?

Sem a mais leve sombra de dúvida, pois não é assim. O trecho que acabamos de reproduzir é nem mais nem menos do que uma das mais sugestivas passagens do livro, publicado em 1855, de Eugénio Huzar!

Quinze páginas depois, pode ainda ler-se no mesmo curiosíssimo livro: «Mas, direis, que grande causa é essa que deve produzir tão prodigioso efeito?»

«Eu vo-lo digo; uma causa pequenissima com a condição que a sua força virtual latente seja infinita; porque há causas pequenas, e o infinito; que é a essência do próprio Deus encontrada tanto no átomo imperceptível como no Universo mesmo.»

E noutra página fala-se do aproveitamento do calor planetário.

Lemos em M. Reyndi:

«Para aperfeiçoar com respeito à chuva as condições da nossa existência, considerando que não há senão os raios solares que tenham influencia sobre êste meteoro, dever-se-ia sentir que os movimentos da atmosfera não são talvez tão essencialmente independentes da nossa indústria como os dos outros; bastando-nos fazer operar de qualquer modo a irradiação do núcleo central da terra, para suscitar ao sol, pelo menos na nossa atmosfera, uma força capaz de o perturbar no seu domínio absoluto, e para causar, por consequência, uma revolução na ordem actual dos ventos e das nuvens; mas convençemo-nos também, por êste mesmo encadeamento, que é com a condição de poder manejar a seu grado uma arma tão prodigiosa como a do calor planetário, que o homem poderá ter a esperança de um dia se fazer senhor de seus domínios.»

«Admitamos tudo isso com Reyndi e comenta: Euzio Huzar — mas quantos perigos antes de chegar a essa conquista atmosférica e

que orgulho da parte do homem antes de osuar terra-las?»

«Não será isso querer renovar a história de Prometheu roubando o fogo do céu e sendo fulminado por Júpiter?»

«A história de Zagara reduzido a cinzas por ter penetrado nas entranhas da terra e ter atacado orgulhosamente a divindade?»

«A história de Adão cobrando o fruto proibido e sendo fulminado pela sua conquista?»

E noutra passagem:

«Adão, Prometheu, Brahma são as figuras do último ciclo que nos precedeu.»

«São os prototipos de uma civilização que atingiu um poder exagerado, uma ciência infinita.»

«Chegarão a conhecer e a dominar pelo seu génio, as energias da natureza gozaram de liberdade limitada e abusaram dela.»

«Imaginaram-se deuses e eram apenas homens.»

«Não compreenderam que a fatalidade, essa causa de toda a ruína neste mundo, cresce paralelamente ao seu poder e que a catástrofe que a sua imprudência preparava sem o saber, havia de ser na razão directa do seu poder e da sua força, ter subjugado as energias da natureza; as catástrophes fugiram-lhes pulverizadas.»

«Eram anjos, ou antes homens, gozando de um poder infinito, de uma liberdade limitada; mas bastou-lhes um sã enganarem-se sobre as relações das forças da harmonia universal, para tudo cair no chão e Adão, Prometheu e Brahma, tudo êsse ciclo humano, desapareceu de uma vez só debaixo de fragmentos duma civilização que êles queriam elevar excessivamente alto.»

\*\*\*

E basta... Grande esforço nos foi necessário para vencer a tentação de transcrever o livro todo.

Mas não nos foi possível deixar o livro de Eugénio Huzar sem trasladar mais estas duas importantíssimas passagens, pelo que elas têm de profético e de advertência.

Eis a primeira: «Quando se vêem hoje os progressos das ciências, como procurei esboçá-los no livro precedente, quando se compreende, como nós, a difusão das luzes, esse elemento de um poder incalculável, essa força que o homem há-de poder levantar o mundo, sente-se então que a revolta de Prometheu está próxima, e que o seu supplicio o está também.»

E esta outra, a segunda e última: «Um dia succederá o mesmo ao nosso ciclo. O homem há-de querer dirigir e governar as energias da natureza; mas chegará um momento em que já não poderá ser senhor delas, fugir-lhe-ão quando julgar tê-las subjugado melhor, e a nossa humanidade há-de desaparecer como o ciclo humano que a precedeu.»

Tal é a terrível previsão de Huzar. O seu tempo, há quasi um século, era foi escutada como um lindo motivo de recreação literária com fundamento científico.

«Tal é o nosso dia? Que pensará delas o homem, mesmo o homem da rua, que não sabe nada de ciência; mas não ignora a existência da bomba atômica, nem das suas possíveis e aterradoras consequências?»

AS JOIAS, OURO E PRATAS DA

## OURIVESARIA DA GUIA

(CASA FUNDADA EM 1875)



SÃO  
VALORES  
QUE FICAM  
PARA  
TODA A  
VIDA

Rua Martin Moniz, 2 a 10 - Tel. 28336  
(Junto à capela N.ª Senhora da Saúde)

## Fatos, Sobretudos, Gabardines

CONFECCIONADOS, EM TODAS  
AS MEDIDAS PARA HOMEM E  
MENINOS.

As melhores qualidades

Os mínimos preços

## OLD ENGLAND

SARMENTO & C.ª

RUA AUGUSTA — ESQUINA S. NICOLAU

## PELES DAVID KIT

O mais e mais fino soticido em Casacos de  
Wison, Castor, Astrakan, Mouton Douca,  
White-Face, Estolas, etc... Os modelos  
mais finos vindos da América.

AV. CONDE VALBOM, 18, 1.ª

LISBOA — Telefone 4 8089

## Os que estão destinados

(Continuação da página 26)

credo a sociedade marcou com o seu ferre de infortúnio) e que, ao abrir dos olhos, encontraram logo uma paisagem deserta debruada de angústia — esmagando-se, baldes da sorte, esperando que a mão da caridade lhes de um abraço e que a luz da lua as beije de meiguice — sim, essas?

Para essas vai um pouco do Natal que a muitos há-de sobrar.

Lembral-vos, pois, dos que não podem ter Natal.

O Deus-Meninão há-de sentir-se feliz no meio dos desherdados da sorte que não foram esquecidos nessa noite — noite de estrelas, nascida para redenção da humanidade.

E, mansamente, chegará as prisões onde se espia o crime — para, na sua divina fraternidade, perdoar até aos criminosos...

Para êsses, vivendo fora da sociedade, mortificados de remorsos, há, nessa noite, uma estrela que brilha:

## Carta aberta a um senhor predestinado

(Continuação da página 23)

«...o ciclo humano que a precedeu...»

«Tal é o nosso dia? Que pensará delas o homem, mesmo o homem da rua, que não sabe nada de ciência; mas não ignora a existência da bomba atômica, nem das suas possíveis e aterradoras consequências?»

«Tal é o nosso dia? Que pensará delas o homem, mesmo o homem da rua, que não sabe nada de ciência; mas não ignora a existência da bomba atômica, nem das suas possíveis e aterradoras consequências?»

ARGUS  
PRECISÃO  
ANTIMAGNETICO



# ESTALINE E OS PRINCIPAIS SUCESSORES

Estaline dentro das fronteiras da Rússia, há — e isto acontece ainda muito recentemente — a convicção generalizada de que a União Soviética é uma ditadura, em toda a acepção da palavra. E a base da lógica dos slogans, poderia-se dizer: a Rússia é uma ditadura. Estaline é um ditador. Logo, a Rússia é Estaline.

Na verdade, Joseph Vissarionovich Dajuguschvili, vulgar, José Estaline foi de 1923 até há bem pouco tempo, a única voz activa da U. R. S. S.

No entanto, na organização soviética, embora não pareça, existem limites à ubiqüidade e aos poderes do partido governante. Conforme desde a constituição do soviete, a Rússia é uma ditadura do proletariado e o próprio Estaline explicou em tempo: «... Nenhum problema importante quer de politica, quer de organização é resolvido pelos nossos sovietes e pelas outras organizações associativas sem que recebam as directivas do nosso partido (comunista)». Deste modo, podemos dizer que a ditadura do proletariado é, substancialmente, a ditadura do partido, como força que governa efectivamente.

A engranagem desta organização é composta por centenas de pequenas comissões, cada qual com o seu pequeno chefe, que, segundo a sua posição escalonar, dirige a vida diária do operário e do camponês.

Em Moscovo, como centralizador de todas as actividades, a máquina governamental também é constituída por comissões, no cume das quais se encontra a figura de Estaline, com a sua posição de chefe supremo e de juiz em última instancia. Mas, esta situação também tem os seus contra-pontos, porque, sendo principal e serviente uma especie de simbolo nacional, ao qual até certo ponto se atribui qual a natureza da manutenção ou de propriedade do Estado, vê a sua liberdade de acção sempre bastante cercada.

## «POLITBURO» E A «TSEKA»

Exemplificamos as estruturas pelo facto de Estaline ter explicado que era impossível assistir à Conferência de Cuelbad, por ausência de governo — ou seja, o «Politburo» — ter-lhe prohibido de fazer uma viagem tão longa.

«As decisões de entidades singulares» — disse Estaline a Emil Ludwig, ao comentar o protocolo da ditadura pessoal — são sempre, ou quasi sempre, unilaterais. Em cada caso são tomadas por entidades singulares e que não foram estudadas e corrigidas colectivamente, noventa e oito por cento.

No nosso principal organismo, a Comissão central do partido, que dirige todas as nossas organizações de sovietes e de partidos, são aproximadamente setenta membros. Não são essas assim e as decisões fossem tomadas individualmente, teriamos cometido muitos erros da maior gravidade.

Esta comissão central ou «Tseka» da Estaline se referiu, é formada pelos «grandes» do partido e é feita pelos congressos comunistas reunidos periodicamente em Moscovo.

«Tseka» há um pequeno gabinete politico — o «Politburo» — no qual se

tão concentrados os poderes politicos e administrativos da nação.

Composto por Estaline e mais quinze membros, o «Politburo» é uma célula do regime soviético de difícil acesso. Contrariamente ao que acontece nos outros países, a possibilidade dum rápida ascensão politica é quasi virtualmente impossível na Rússia. Por esse motivo, os membros deste gabinete são ainda quasi todos os mesmos que subiram ao poder juntamente com Estaline e e entre eles que se deve procurar o mais provável sucessor de Estaline.

Em face do misterioso e inexplicado desaparecimento do ditador «vermelho» da primeira fila das figuras do xadrez russo parece oportuno apresentar os candidatos que reúnem maior número de probabilidades para o ser substituído.

E justificável dizer que todos aqueles que se movimentavam em torno de Estaline eram em grande parte dominados pelo seu prestigio e pela sua personalidade, ao ponto de o considerarem modelo das suas próprias acções. Essencialmente materialistas, na opinião daqueles que já tiveram, até certo ponto, a oportunidade de tratar com eles, os auxiliares mais directos de Estaline não são nem teóricos, nem humanistas, nem bondades nem defensores, nem caracteristicamente dotados dum espirito livre e independente que obriga a analisar todas as questões na base estritamente materialista da «diagnose» colectiva, nem chamamos Estaline, que muito provavelmente acaba de ser vítima desta situação — a ditadura — a filosofia do predomínio do realismo sobre o idealismo.

## OS PRINCIPAIS COLABORADORES DE ESTALINE

Para os dirigentes politicos soviéticos, o dia de trabalho tem, regra geral, catorze horas. Entre aqueles que têm um papel importante na direcção de Moscovo, destacamos: Lazár Molliseyevich Kaganovich. É um trabalhador incansável, que viveu durante horas a fio e desenvolve a sua actividade, muitas vezes, até altas horas da noite.

Dirigente de todos os servicos ferroviários da Rússia e construtor do metropolitano de Moscovo, Kaganovich é o único membro cujo o «Politburo» e sua mulher, também têm um papel importante nos operários têxteis soviéticos.

Além de Kaganovich, no mesmo parte do «Politburo» mais os seguintes individuos que, praticamente, são donos de todos os assuntos mais conhecidos de quasi todo o mundo: Andrei Alexandrovich Zhdanov; Alexander Sergeievich Gromyko; Mikhail Ivanovich Kalinin, presidente do soviete supremo e decano do «Politburo»; Nikolai Sergeievich Krushchov; Mikhail Voroshilov; e Nicolai Ivanovich Voznessensky, que é o mais novo de todos, pois conta pouco mais de quarenta anos.

Durante os últimos quinze anos, conforme atrás dissemos, deram-se muito poucas alterações entre os componentes do «Politburo». Os membros mais recentes datam de 1937, ano em que foram depurados três membros. Os que subiram ao poder são considerados neo-bolchevistas em virtude de se terem filiado no partido como membros de substituição.

São eles: Lavrenti Pavlovich Beria, o chefe do N. K. V. D. (policia secreta); Nikolai Sergeievich Krushchov, chefe do partido ucraniano; Anastas Ivanovich Mikoyan, o organizador da industria alimentaria «soviética»; Siergiei Ivanovich Gerasimov, chefe de Moscovo, chefe do departamento politico do Exército Vermelho e dirigente da propaganda politica; e Voznessensky, perito em economia que coordena todos os planos e projectos.

Nem um destes homens tem a sua educacao relativamente completa em

relação aos cargos, que ocupam. Estaline, Molotov e Kaganovich falam alguma coisa de alemão. De resto, nenhum um dos componentes do «Politburo» fala inglês, se bem que Estaline saiba algumas palavras. Estaline, Voroshilov, Kalinin, Molotov e Mikoyan já estiveram, embora com pequenas excepções, fora das fronteiras da União Soviética. Mas, só Molotov e Mikoyan estiveram na Grã-Bretanha e nos Estados Unidos.

Duma maneira geral, todos fazem uma vida calma e restricta, considerada moralmente irreprezível. Mikoyan é o único que se atreve a dançar em publico. Há um aspecto bastante curioso na vida destes homens. Embora nenhum deles tenha aquilo que geralmente se chama fortuna ou rendimento pessoal, dispõem de todas as comodidades e facilidades de verdadeiros multimilionários, como, por exemplo, vivendas de verão fora da capital, contingentes alimentares em abundancia, o que e o funcionamento normal, automóveis dos últimos modelos e escritórios lujosos.

Zhdanov é o único membro do «Politburo» que possui educacao universitária e, por essa razão, considerado o «intelectual» do Kremlin. Sabe francês e alemão e é uma das maiores autoridades da Rússia moderna em musica classica.

Tal como Lenine, os outros também nunca se expõem publicamente um sucessor e os russos, talvez, porque a cultura soviética não sabe e não sabe nunca pensar em especular com tal assunto.

À base da antiguidade de filiação no partido, os primeiros cinco nomes a apontar são os de Kalinin, Voroshilov, Molotov, Siergieievich e Kaganovich. Porém, a idade quasi senil, tanto de Kalinin como de Voroshilov coloca de lado imediatamente estes dois candidatos.

Até há pouco tempo, as chaves da provável candidatura à supremacia eram a força estratégica da posição de Molotov, a sua ligação com Estaline e o grau de confiança que Estaline tinha no indigado. Para além de Molotov, o candidato mais forte, além do «Politburo», a comissão central tem mais duas juntas supremas. Uma é o secretariado do partido composto por quatro individuos e a outra, a secção organizadora do partido — o «Orgburo» — formado por nove. Os únicos dirigentes que têm assento em ambas as células governativas são Molotov e Siergieievich, Andreiev e Malenkov.

Quando Estaline teve de ir a Moscovo, o chefe do boato de que o «Politburo» escolheu um chefe de direcção politica próprio — o novo Estaline. Claro está que Kalinin continuou a ser, como de costume, o chefe do partido, em sua ausência a ausência de Estaline. Yaralavsky, o velho chefe do movimento anti-Deus, também foi chamado a desempenhar cargos de função honorifica. Os membros do «Politburo» ficaram a exercer o mesmo trabalho durante de substituição. Os russos dão grande importancia aos nomes que vêm à cresta das lutas internas e a Estaline e a Malenkov e Andreiev à frente e a Gromyko e de Zhdanov. Ordinariamente, os membros do «Politburo» não mencionados por ordem alfabetica.

Andreiev fez cinquenta anos há pouco tempo e não se sabe se vive ou não. Nenhum deles é o que normalmente se chama um bolchevista da primeira guarda. Nenhum dos membros do partido durante a I Guerra Mundial e, até agora, mantiveram-se fiéis a Estaline desde que este subiu ao poder.

No entanto, nos arquivos officiais, onde se lê o nome de Andreiev e Gromyko é de Zhdanov e é apenas «discípulo e correligionario» de Estaline.

Ultimamente, depois de Estaline, eram estas as duas figuras da União Soviética mais poderosas e Estaline

confiava nêlas para manter o bom funcionamento da engranagem governamental.

## OS MAIS SUCESSORES DOS MAIS PROVAIS

Andreiev e Zhdanov são antagonicos no aspecto, na maneira de ser e nos antecedentes familiares. Nem um nem outro são conhecidos no estrangeiro; mas, na Rússia, os seus retratos acompanhavam o de Estaline com extraordinária frequencia e ambos são respeitados e muito tenidos dentro do partido.

Andreiev, quando era novo, foi pastor, trabalhador do campo e ferroviário. Apenas fez dois anos de curso liceal e durante a revolução, tornou-se chefe de partido dum único ferroviário. Na vida adulta, apoiou Estaline e ajudou este a expulsar Zinoviev e Trotsky.

Raramente vive e vê em publico, continua a usar o velho uniforme do partido, igual ao que Estaline costumava envregar antes de ser promovido a marechal.

Andreiev, juntamente com Malenkov, é considerado o «Orgburo» do homem que mantém maior contacto com todos os seus camaradas. Vice-presidente do partido e dos comissários do povo, Malenkov é considerado o verdadeiro «índice-humano» do partido. Conhece a todos e consegue biografias, de cóp, um por um, em qualquer momento que lhe for pedido.

Na sua qualidade de presidente da Comissão de Controlo do Partido, Andreiev tem a possibilidade de estabelecer relação às mais altas individualidades do partido comunista. No entanto, o cargo de responsabilidade que Andreiev assumiu com maior êxito foi a chefia do departamento da agricultura, a frente do qual levou a efeito a colectivização da propriedade.

Zhdanov nunca foi, conforme diz a sua biografia officia, operário ou trabalhador agrícola, nem teve esse facto de ter realizado uma carreira educativa completa de instrução primaria até aos cursos superiores. Segundo se diz, o seu pai pertenceu à pequena burguesia e era também intelectual.

A sua identificação com o regime Staliniano, foi feita por merito próprio, seguindo a pouco ou pouco na escola soviética. Desempenhou funções modestas, primeiro nos Urals, depois em Vladigorsk, em seguida em Gorki. Tornou-se membro da comissão central em 1930 e, só em 1934, foi eleito membro do «Politburo».

Foi depois do assassinato de Kirov, o amigo mais íntimo de Estaline, que Zhdanov foi nomeado chefe do partido e nomeou o secretario da comissão do partido de substituição de Kirov, posto considerado extremamente importante desde que Zhdanov assumiu esse cargo para tentar depor Estaline.

Além de ter governado Lenine, graduado durante a guerra e organizado a sua defesa durante o bloqueio, Zhdanov aliviu Estaline dum grande peso durante o período de escuro do período critico. Devido à sua patente de coronel-general do Exército Vermelho, até aos cursos superiores de cargos militares do «Politburo», logo a seguir a Estaline e a Voroshilov.

Nestas funções, detém nas suas mãos a filiação do partido. Com a colaboração de Sierchevsky, é responsável pela coordenação dos assuntos de Estaline desde que este subiu ao partido e aos organismos militares.

Andreiev é um orador e um escritor muito hábil. Fala sempre com grande intrepidez e confiança em si próprio. No entanto, durante o discurso do período critico, devido à sua patente de coronel-general do Exército Vermelho, até aos cursos superiores de cargos militares do «Politburo», logo a seguir a Estaline e a Voroshilov.



# ALGUNS DOS PRINCIPAIS PRÉMIOS A DISTRIBUIR PELOS LEITORES DE "Vida Mundial Ilustrada"

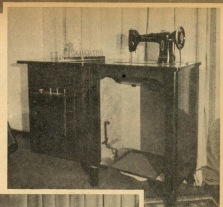


1.º PRÊMIO — Sofá de sala, com 3 assentos, almofadas e coxins, tecido de lã, com 200 cm de comprimento, 120 cm de largura e 100 cm de altura. Valor de venda: \$200,00. O prêmio será entregue em 30 dias após a publicação deste anúncio.

1.º — Um conjunto de móveis de sala, com 3 assentos, almofadas e coxins, tecido de lã, com 200 cm de comprimento, 120 cm de largura e 100 cm de altura. Valor de venda: \$200,00. O prêmio será entregue em 30 dias após a publicação deste anúncio.

2.º — Um conjunto de móveis de sala, com 3 assentos, almofadas e coxins, tecido de lã, com 200 cm de comprimento, 120 cm de largura e 100 cm de altura. Valor de venda: \$200,00. O prêmio será entregue em 30 dias após a publicação deste anúncio.

3.º — Um conjunto de móveis de sala, com 3 assentos, almofadas e coxins, tecido de lã, com 200 cm de comprimento, 120 cm de largura e 100 cm de altura. Valor de venda: \$200,00. O prêmio será entregue em 30 dias após a publicação deste anúncio.



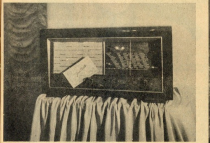
2.º PRÊMIO — Máquina de costurar, modelo antigo, com 220 cm de comprimento, 40 cm de largura e 100 cm de altura. Valor de venda: \$100,00. O prêmio será entregue em 30 dias após a publicação deste anúncio.



22.º PRÊMIO — Um conjunto de produtos de limpeza, incluindo sabão e produtos para limpeza doméstica. Valor de venda: \$50,00. O prêmio será entregue em 30 dias após a publicação deste anúncio.



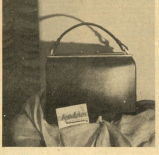
23.º PRÊMIO — Um conjunto de produtos de limpeza, incluindo sabão e produtos para limpeza doméstica. Valor de venda: \$50,00. O prêmio será entregue em 30 dias após a publicação deste anúncio.



3.º PRÊMIO — Um quadro decorativo, com uma paisagem de campo. Valor de venda: \$150,00. O prêmio será entregue em 30 dias após a publicação deste anúncio.



24.º PRÊMIO — Um conjunto de móveis de sala, incluindo uma cadeira e uma mesa de lado. Valor de venda: \$150,00. O prêmio será entregue em 30 dias após a publicação deste anúncio.



25.º PRÊMIO — Um conjunto de móveis de sala, incluindo uma cadeira e uma mesa de lado. Valor de venda: \$150,00. O prêmio será entregue em 30 dias após a publicação deste anúncio.

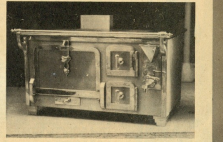


26.º PRÊMIO — Um quadro decorativo, com uma paisagem de mar. Valor de venda: \$150,00. O prêmio será entregue em 30 dias após a publicação deste anúncio.

27.º PRÊMIO — Um conjunto de móveis de sala, incluindo uma cadeira e uma mesa de lado. Valor de venda: \$150,00. O prêmio será entregue em 30 dias após a publicação deste anúncio.



28.º PRÊMIO — Um conjunto de pratos e copos de cerâmica, com um design decorativo. Valor de venda: \$100,00. O prêmio será entregue em 30 dias após a publicação deste anúncio.



29.º PRÊMIO — Um conjunto de móveis de sala, incluindo uma cadeira e uma mesa de lado. Valor de venda: \$150,00. O prêmio será entregue em 30 dias após a publicação deste anúncio.



# A GRANDE OBRIGADA E A POESIA

CONTO DE MANUEL MARTINHO



**D**AS três irmãs, Geny era a mais feia. Não dessa fealdade que salta, espontânea, ao primeiro contacto de olhos. Não — a sua falta de beleza sobressaía ao lado das irmãs. Só então se notava que ela era feia. Quando saía à rua, num passeio ou as compras, metida entre Bety e Susana, Geny caminhava apagada — um zero entre duas cifrões de beleza. Ela bem sentia os olhares quentes, as frases dos atrevidos, a que se exclamativo de homens embasbacados, quando passavam, alinhas, de olhos no chão...

E sabia que aquilo tudo não era para ela, Geny, mas para as irmãs, que, alheias, fingindo não entender, se entediavam orgulhosas e contentes...

— Oh! Duas Primavera! Duas rosas benditas! Duas...  
Sim, duas. Ela não contava. Nela ninguém reparava.  
Sofria por isso? Talvez...  
Um dia, ao passar junto dum café, um estudante malandréo dissera: «Que par de jarras! A do meio está tudo!»

Desde aí, Geny, ofendida pelo sorriso com que as irmãs sublinhavam a graça, jurou não sair à rua — e, no quarto, em casa, chorou sozinho.  
Bety e Susana não se importaram com a história.  
Andariam, até, mais à vontade. Rarigas modernas, jogavam o estenênis e enfiavam-se com os cigarros. Dançavam o «swing», faziam desporto e conservavam, primorosamente, a linguagem fútil das casas de chá. O mundo estava limitado entre o «court» e a piscina, no verão; no Inverno o cinema, o chá de caridade e as intrigas das amigas, tornavam delicioso aquêle viver.

Geny, em casa, tornou-se a companha da mãe. Era ela que orientava as criadas — e, muitas vezes, de avental, ajudava na cozinha a preparar o jantar. Ao princípio, aquillo custou-lhe, acostumada àquela vida elegante de andar 3 horas na Baixa para comprar um novelo de lã. Por fim sentiu-se bem. Achava graça as conversas das criadas.

Começou a interessar-se por aquêles problemas, onde havia de se a cultivar a pátria funesta do guêdo de giro. De manhã fazia, no escritório do pai, duas a três horas de leitura. Interessou-se pelos livros, seguiu com interesse os acontecimentos pelos jornais e revistas. Depois, pela tarde, viaha amister. Brov dar-lhe lições de inglês — e tocava um pouco no violão piano.

«Mister» Brov era empregado no consulado — e fazia poemas.

Era um velho ruivo, ardentio, duas vezes viúvo — e que andava nas campanhas de África. Tinha uma claritiz, um rasgo no braço direito, que êle mostrava sempre, arregaçando a manga da camisa, como medindo seu heroísmo. Então, virava-lhe pelo braço ossudo, cheio de veias azues, tatuagens que êle, a rir, como se fosse coisa trivial, dizia-lhe: «Mister» Brov atropelou-se ao velho professor. Uma tarde chovosa, «Mister» Brov leu uns versos. Era um soneto sobre a neve e os passarinhos que morrem de frio. Terminava pedindo, com o chapéu na mão, que o sol, êsse astro luminoso, sucucasse as almas ratelinas...

Geny, no outro dia, leu-lhe, então, uma produção sua.  
E — oh encanto dos encantos! — «Mister» Brov ficou alheado. Aquêlle poema era digno de figurar numa antologia.

Desde aí a nôvel poetisa encontrou na poesia uma forma de se distrair. E foi, as ocultas dos pais, com a simplicidade de «Mister» Brov, que apareceu, com um pseudónimo no frontespício, aquêlle livro «Ratizes que não secam», que êlle critica acobitadamente interessada.

A hora do jantar — as duas irmãs contavam sempre, prozas alegres, acoticeadas no cinema ou no chá em casa da «madame» qualquer coisa. Os pais riam-se, Geny riasse também. Mas a conversa cedo se esquecia para escutar Geny, que dissertava sobre assuntos que as outras não entendiam.

Era literatura, questões de arte, ninharias sem «jazz-band»...  
— Está feita uma senhor! Aposto que gostavas de ensinar meninas! — disse-lhe uma vez Susana a rir.  
— E gostava. Se o pai me desse licença eu podia ensinar, de manhã, uns garotos, que...

— Vê! Que dizia eu?  
O pai disse qualquer coisa, engolindo a fruta à pressa, que la para o clube. A mãe, ensonada, aprovou — e as duas irmãs, que a criada veio dizer: «Que se as meninas queriam aproveitar o automóvel, q' lá já na escaada...»

Despediram-se à pressa, que iam ao S. Luis, ao Tyrnone.

Uma manha de sol, quasi ao meio dia, Susana foi chamada ao telefone. Esteve a dialogar em frases curtas — e veio depois, a correr, dizer aos pais que o primo Tony chegara ao aeroporto, vindo de Inglaterra, e que vinha visitá-los.

— Diz-lhe que não vá para o hotel! Fica cá, que diacho! — respondeu o honrado negociante da nossa praça.

O pai das três irmãs era J. Hermes, Ltd., exportador do calis da Rocha.

Susana, ofegante, foi dar o recado ao telefone. Bety sentiu um rubor nas faces. Ambas desapareceram da mesa onde almoçavam para se irem encaufar nos quartos. Só Geny ficou ao lado dos pais.

— Tony deve ter 30 anos, não é?

— Yes — respondeu J. Hermes, Limitada — que só falava a sacarrinhas.

— Bom rapaz! Rico, posição, entusiasmo! — e voltando-se para a mulher — Dê-me daí o galhetero!

Dai a momentos Susana e Bety apareceram. Vestiam uns lindos vestidos azues, com duas rosas vermelhas sobre o peito. Enfiaram os cabelos negros com duas travesseiras de brilhantes — e os lábios, avermelhados de «chômas», sobressaíam na altura da pele.

— Parecem duas princesas! E tu, Geny, porque não te vias vestir!

— Para quê? Não faço cerimónias com o Tony. Combocemo-nos desde crianças...

Susana e Bety miravam-se mutuamente. Disse-lhe que entre as duas se tratava um duelo. Tony nunca fizera a corte a nenhuma delas. Lidara sempre, norten, as duas.

Hoje parecia que pendia para Susana, amansa, andava arredido com Betty. Era um estroina, um bofetão de fortuna, um sedutor de corações...

Quando um automóvel estacou junto do palacete de J. Hermes, Ltd., as duas irmãs debruçaram-se da ja-

neta. Um homem safu do automóvel, encostado a uma bengala, chapéu alvado sobre a cabeça e uma peiça sobre os ombros.  
Susana e Bety deram um grito — e fugiram, a chorar, para o quarto.

— Pois é verdade: o Tony, rapaz alegre, estroina, morreu! Já não sou um homem — sou um cadáver reanimado pela ciência. Esta minha perna, comprei; êste braço é de borrhaca; tenho uma rótula de prata e dentes que me custaram libras. Enfim, estou vivo por um milagre. Sofri muito — e vi sofrer.

— Mas nunca nos disseste nada...  
— Compreendem: não queria assustá-los. As más notícias cedo se sabem. E para quê dizer-lhes? Eu julgava morrer. No dia em que fui atingido pelos estilhaços morreram dienas. Tudo é simples na vida — nada tem importância.

Susana e Betty, enxugando as lágrimas, disseram que iam à «matiné» — êle, Tony, decerto não queria ir.

— Não, não vou. Isso agora acabou para mim. Fico aqui a conversar com a Geny!

As duas irmãs olharam ainda uma vez o primo — e tiveram um vultubre de piedade ao vê-lo feito velho, arrastando a perna, com a barba negra, crescida, que o desfigurava.

Quando a porta da rua bateu, Tony perguntou a Geny:

— Ainda fazes versos?  
Geny admirou-se daquela pergunta, e atalhou:

— Quem tu disse?  
— Sei-o eu. O Brov escrevia-me para Londres. Tenho o teu livro. Gostei imenso. Sabes, cheguei mesmo a apattonar-me. Há cinco anos que não nos víamos. Quando me fal tinhas 18 anos — eras uma garôta. Acrescenta, Geny, o teu livro desonrou-te de viver. Tens tanta mocidade dentro de ti...

Susana e Bety enrugaram-se. Olhou o primo. Viu nos olhos dêle uma

(Continua na pág. 50)



ILUSTRAÇÕES DE RODRIGUES ALVES  
ESPECIALMENTE PARA "VIDA MUNDIAL ILUSTRADA"

Sóbrio e elegante este vestido de «soirées», confeccionado em «satin» negro bordado a branco ou cores.

É inteiramente em rênda e ornado a folhas de «satin» este juvenil vestido-de-noite.

Vestido de tarde em «marroquim» com tiras bordadas a «sidiões» de cores.

Muito «chic» este casaco de fazenda ou cetudo preto, ornado de riquíssima gola ornada de raposas. Manga larga apertada no punho.

Originalíssimo «tailleur» em fazenda fina, «beige», ornado a «rapousas» castanho. «Bonet» condizente.

**5** Modelos originais para as leitoras de "Vida Mundial Ilustrada"



DESENHOS EXCLUSIVOS DE ARMINDA PEREIRA



WAVAS



Gabardines e sobretudos são artigos de vestuário que devem ser escolhidos num grande e variado sortido

A CASA AFRI

CANA tem como nenhuma um sortido que pela sua variedade satisfaz os mais exigentes

Escreva-nos e mandaremos amostras e catálogos que lhe permitirão fazer a sua escolha com segurança

Poderá assim adquirir um sobretudo ou gabardine de alta qualidade e última moda

Não pode deixar de ficar satisfeito com a excelente organização da

# CASA AFRICANA



161 — Rua Augusta — 171 — LISBOA

# CIMENTO "Tejo"

Fábrica em Alhandra

*Pedir preços e condições aos Depositários Gerais:*

**ALBERTO MOREIRA RATO & FILHOS, L.<sup>DA</sup>**

**MÁRMORES — CANTARIAS**

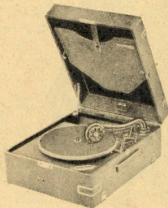
AV. 24 DE JULHO, 54-F — LISBOA  
Enderêço Telegráfico RATOFILHOS — Telefone 60779

**NÃO DEPENDA  
SÓ DA RÁDIO**

**UM GRAMOFONE E UMA  
COLEÇÃO DE DISCOS**

ESCOLHIDOS A SEU GOSTO PERMITE-LHE OUVIR A QUALQUER HORA E EM QUALQUER LUGAR A MÚSICA PREFERIDA

**GRANDE VARIEDADE  
DE MODELOS**



**EST. VALENTIM DE CARVALHO**  
RUA NOVA DO ALMADA, 97

# A PAZ...



1/4 DE GALÃO

**CHEGOU FINALMENTE E COM ELA  
O MELHOR DOS LUBRIFICANTES**

# EAGLOIL

M O T O R C A R

ORGANIZAÇÃO  
H. VAULTIER & C<sup>a</sup>.



Mirita dá de comer ao porco e o Vasco recomenda: — Cuidado! O porco é, de facto, um pouco mal encarado e é capaz de estar mal disposto, palpitando que não passo o ano com vida!



As galinhas também tomam o seu pequeno almoço... É a Mirita serva-as, bem disposto e sorridente.



Vasco Santana e o seu primo Dr. José Galhardo trabalham na nova peça... Preparem-se para rir muito, leitores!



A família toma o pequeno almoço... E José Casimiro diz para o criado: — Com pouco leite, já sabes!

## SEJAMOS UM POUCO INDISCRETOS... MIRITA E VASCO NA INTIMIDADE

**P**ARA muitos, habituados a ver os artistas apenas à luz artificial e traçoceira da ribalta, os artistas, e principalmente as artistas, são pessoas diferentes de toda a gente... Os actores são eternos boémios, que dividem a sua vida entre umas horas de ensaio e de espectáculo e terríveis de scatés até altas horas, entre aneddotos de teatro e fumo de cigarros... As actrizes vêm-nas com bonas pintadas, que vivem para o palco, o cabeleireiro, a modista...

A muitas senhoras espectadoras, até pareceria mal dizer-se que há actrizes que são tal qual como elas, apenas com a diferença de que a sua profissão é representar, e isso não as falte de serem óptimas, esplêndidas donas de casa, amigas do seu lar...

Evidentemente que há actrizes *das tais*, das que vivem de futilidades e não sabem dar o valor certo e exacto à palavra lar. Mas também há senhoras assim — que nunca pelo teatro passaram...

Vamos mostrar aos leitores como existem artistas que fazem uma vida pacata, calma, uma vida cem por cento familiar. Sejamos indiscretos e vamos bater à porta, por exemplo, do simpático casal Mirita-Vasco, que habita uma elegante residência na Rua Carlos Mardel — uma casa às tuas ordenas — segundo o Vasco nos dissera dias antes...

Aproveitemos a gentileza e surpreendamos o casal logo de manhã... — De manhã?! — fará a leitora, espantada. — Mas, então, os artistas não se levantam às três da tarde? — Nem todos, querida leitora! Nem todos! Tocamos à campainha. — Vê, leitora? São dez da manhã e o casal está a pé, tomando o seu pequeno almoço, na companhia dos pais de Mirita — «Mirinha», na intimidade.

— Desculpa a visita a estas horas, Vasquinho (o Vasco também é «Vasquinho» na intimidade), mas os leitores da «Vida Mundial Ilustrada» querem saber como tu e a Mirita são — por casa!

O Vasco e a Mirita riem, de gosto.

— Como vêes, tomamos o pequeno almoço! Es servido?

Assistimos à refeição, e dali não saímos sem ver o que faria o casal antes de sair para o ensaio.

E (pasmal, leitora, que só conheces o teatro por fora!), assistimos então a estas coisas simples, que são o dia-a-dia da vida de Mirita e Vasco — juntos, foram so quinhavete o porco, um porco gordo que tem os seus dias contados e não passa d'este ano... Depois, a Mirita, de avental pôsto, deu de comer às galinhas, que a receberam com grandes manifestações de regozijo e só não deram palmas a pedir *bis*, por não saberem...

Entretanto, a campainha da porta retinou. Era o sr. dr. José Galhardo, primo e colaborador do Vasco, que, além de actor brilhante é um distinto escritor teatral, que a trabalhar com êle na nova peça...

Foram os dois para o escritório, onde o nosso fotógrafo os foi fixar para esta página. E no regresso do escritório — foram a passar, leitores! — fomos dar com a Mirita a engomar as camisas do Vasco, umas camisas enormes, que cobriam quasi completamente a mesa...

Não quisemos ver mais. Isto chegava para mostrar às leitoras que têm a mania que as artistas não são senhoras como as outras e que as artistas não são modistas, nos schás, nos cabeleireiros... Agora, se alguma leitora passar os olhos por este artigo, antes do meio-dia, no cabeleireiro ou na modista, lembre-se que, a essa hora, a Mirita deve estar a engomar as enormes camisas do Vasco ou a dar de comer às galinhas!



Mirita engoma e, muitas vezes, cose na máquina que se vê ao fundo. De resto, toda a casa é sum brinquinho e revela a presença dumo autêntica senhora!



# Natal

1

Não estranhem a indumentária! Em Hollywood, não há neve. O Natal surge em pleno ariete. Em lugar de céus à roda do loreira, realizam-se animadas festas em piscinas. O traje de banho está de acôrdo, pelo menos, com o calor próprio de quadra. Diana Lewis, mulher de William Powell, é assim uma alegoria pagã... O seu corpo maravilhoso, avulta no círculo verde-rubro do azevinho. E arrasta consigo um saco cheio de presentes, com êste letreiro, que só se aplica ao saco, evidentemente — «Para as rapazes». Os «rapazes» são os soldados de América que os vedetas não esquecem, mesmo nestes primeiros dias, pouco banhaçosos, de pas armado.

2

A «árvore de Natal humana» é uma criação de Frances Rafferty. Em lugar do pinheiro tradicional, um lindo corpo de mulher. E a iluminá-lo, um sorriso que distila luz. Os presentes ficam no chão, em semi-círculo. E a armação de onde pendem os fios de prata e as bolas de cêr é simultaneamente um adônio — e uma garantia. A garantia de que ninguém pode tocar no objecto exposto... E Frances Rafferty, que tem espelhor em casa, sabe bem que traz consigo o encanto e o sabor do fruto proibido, a tentor os homens.

3

Ava Gardner, ex-mulher de Mickey Rooney e actual noiva de Artie Shaw, ex-marido de Lene Turner — Ava Gardner, diziamos, é o «Poi Natal» d'êste ano, no colôquio da Cinelândia. Num recanto do camarim, Ava prova a indumentária. Lá estão os grandes botiforros de cono alto, a casaca escarlate, os veneráveis e patriarcaes barbas brancas e o gôro de pele que a vedeta pôs na cabeça em jeito gaiato, pouco consentâneo com a dignidade do «Santa Claus». O carro das renas, com e guiladineira pretado, espera-a lá fora... E Ava vai ser um Poi Natal de se lhe tirar o chapéu... Que dirão o leitor se ele descesse de modrugado pela chaminé?...





## NOTÍCIA DA SEMANA

**E**NTRE o anúncio da criatura que se oferece para todo o serviço e da esenhora honesta que deseja casar-se com homem rico, de idade superior a 65 anos, temos, há dias, no «Diário de Notícias» esta oferta, simultaneamente surpreendente e inespérada, que reproduzimos a seguir:

### FILME PORTUGUES

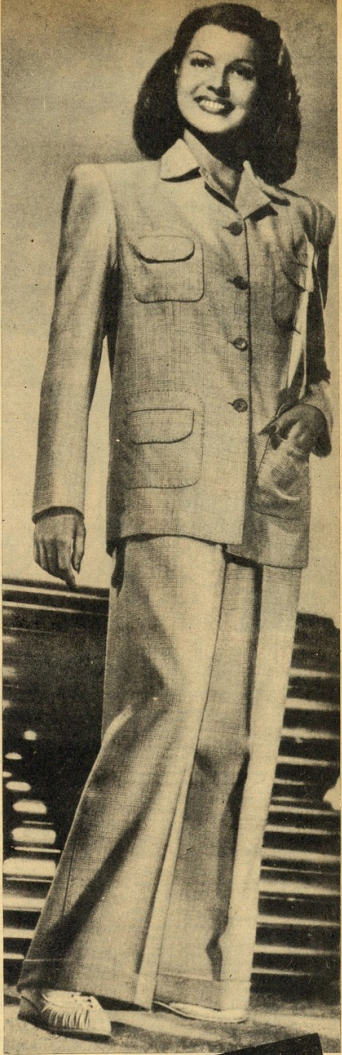
#### Vende-se

Já totalmente concluído e por estrair, com argumento de agrado. Metragem 2.200 metros. Aceitam-se 20 capitalistas com o mínimo de 50 contos cada, ou com material cinematográfico. Para um só comprador, preço a combinar. Resposta ao Rossio, 11, ao n.º 1792.

Esfregámos os olhos com receio de estarmos a ver mal. Lemos segunda vez, para adquirir a certeza de que não se tratava de um efeito de miragem — e pasmámos!

Ignoramos qual o filme de que se trata. Não sabemos o significado da operação proposta. Mas não resta dúvida de que a produção em causa, busca vinte capitalistas e se vende a prestações de 50 contos, possivelmente com bônus pela lotaria. Este anúncio misterioso adquire, assim, o valor dum símbolo de desorientação e dos estranhos acontecimentos que caracterizam, na hora que passa, o meio cinematográfico português. Este já invadido, com ofertas, o campo, até aqui indicado para a solução dos problemas referentes às criadas de servir; aos quartos independentes, com porta para a escuta; e à avidez sentimental das senhoras honestas que buscam cavaleiro de fortuna... Como a cinematografia nacional se parece, por vezes, com as últimas...

Um instantâneo feito nos estúdios. Danny Kaye e Greer Garson ensaiam uma cena de amor! Nada disso. Ambos leem uma cena do novo filme que a famosa «homem»-actrícula vai interpretar.



Rita Hayworth, hoje mulher do famoso Orson Welles, não necessita de apresentação. A tentadora «Donna Sala» de «Sangue e Areia» é considerada uma das mulheres mais belas do Cinelândia, de plastica impecável, e mais bailarino consumada. Esta foto tem apenas o interesse de demonstrar que, mesmo em pijama, Rita Hayworth mantém a graça e encanto peculiares.

**O CINEMA PARA  
OS CIDADÃOS COMUNS**

\*  
Por  
**Fernando Fragoso**

Câmara dos Comuns dedidou, inteliramente, uma das sessões da última quinzena de Novembro, ao estudo dos problemas ligados ao cinema inglês e às negociações secretas, realizadas em Washington, com vista à importação dos filmes americanos e distribuição dos filmes britânicos nos Estados Unidos. A importância do debate avulta pelo facto de ter absorvido uma sessão, facto tanto mais para considerar quanto é certo que, no momento actual, há problemas importantíssimos, a solicitar as atenções e cuidados dos homens do parlamento britânico. E se é certo que o Cinema já não necessita de convencer seja quem for de que constitue hoje uma força que se projecta em múltiplas actividades e sentidos da vida nacional — o debate da Câmara dos Comuns, em pleno rescaldo da guerra, e no meio de todas as preocupações do momento que passa, seria um argumento decisivo para as cépticas e descrentes.

O problema em causa tem dois aspectos dominantes:

1. — A Inglaterra não pode continuar a dispendir tão avultada soma de dólares por conta das receitas de exhibição dos filmes americanos.
2. — O cinema britânico pretende uma reciprocidade de tratamento e quer ver os seus filmes no cartaz dos cinemas «yankees».

Com efeito, segundo dados fornecidos oficialmente, a Inglaterra paga ao cinema americano (por conta das percentagens de exhibição) nada menos de 20 milhões de libras, por ano. Baseados nestes números, os deputados do parlamento o debate perguntaram ao Governo se era lícito que se continuasse a dispendir tão elevada quantia com os filmes «made in U. S. A.», quando a Grã-Bretanha necessita de importar, dos Estados-Unidos, material para reconstrução, produtos alimentares, etc.

O sr. Boothby, conservador, foi de opinião de que se impunha, para fazer face ao problema, fomentar o desenvolvimento da cinematografia britânica. O conde Winterton, também conservador, deu conta do estado das negociações anglo-americanas e das vantagens que trazem para a Inglaterra — e fez notar que qualquer medida contra Hollywood iria prejudicar os acordos em via de solução. O capitão Adams, socialista, frisou a insuficiência dos filmes ingleses, inferiores, em qualidade, aos piores filmes americanos. Citou, a propósito, que os soldados britânicos da zona italiana afirmavam que só iam ver os filmes de ENSA (organização britânica de espectáculos, para as forças armadas) se lhes passassem... O sr. Fletcher, conservador, defendeu o princípio de que as percentagens de exhibição em vigor (de 40 a 50 por cento das receitas brutas) deveriam ser reduzidas para um máximo de 13,30 por cento, contos por certo muito bem feitas a julgar pelo rigor dos decréditos... E depois do coronel Walter Smith, conservador, e do sr. Foot, socialista, terem dito de sua justiça, talou a palavra o sr. Marquand, secretário da «Trade Overseas», para, em nome do governo, encerrar o debate. As despesas com aquisição de filmes americanos, disse, são mais elevadas do que aquelas a que a Nação, prudentemente, poderia fazer face, mas, contudo, frisou, não são tão assustadoras quanto os membros do Parlamento poderiam supor. E proseguiu:

«Além disso, este acréscimo de receitas dos filmes americanos, a despeito do aumento dos impostos sobre espectáculos, é a prova de que a grande massa da população inglesa manifesta real interesse pelos filmes americanos.»

«Todos nós lamentaríamos que medidas tomadas apressadamente pudessem lançar a indústria no caos e atrasassem para o desemprego milhares de pessoas e vivem dos filmes americanos, privando, ao mesmo tempo, a população, do seu divertimento favorito.»

«Não serviria para nada produzir mais filmes britânicos de boa qualidade.»

(Continua na pág. 48)







RA uma noite úmida e escura de Dezembro. O vento ulvava através do vale e por entre as casas de eventoford. A chuva tamborilava violentamente de encontro às vidraças e empapava as ruas de terra sóta.

O doutor Finlay Hyslop tinha tido um dia de trabalho esgotante. Quando terminou a sua última visita e regressou a casa, verificou estar encharcado e sentiu-se física e mentalmente decaído.

Atirou-se para dentro da cama, pedindo a todos os santos que fizessem com

que não lhe perturbassem a noite. Passado pouco tempo, dormia profundamente.

O ressona débil duma campainha semi-despertou-o. Ainda tonto de sono, pegou no auscultador do telefone que estava ao lado da cama sobre a mesa de cabeceira.

Instantânea e longinquamente, ouviu uma voz feminina:

— Venha imediatamente, senhor doutor. Venha imediatamente à herdade de Robert Glen em Yarrow.

Finlay Hyslop resmungou. Yarrow ficava a umas boas cinco milhas de distância, para lá da montanha.

— Eu não posso ir a Yarrow esta noite...

— Mas, senhor doutor, é preciso que venha...

— Quem fez da?!

— É a mulher de Robert Glen... A minha filha está muito mal...

— Irei lá amanhã de manhã.

— Oh, não, senhor doutor. Por amor de Deus, venha imediatamente!

Finlay Hyslop sentia vontade de se escusar àquela chamada tão intempestiva; mas, o tom urgente e dolorido de voz em que o pedido era feito, persuadiu-o. Pousou o auscultador, levantou-se da cama, vestiu-se atabalhoadamente e pegou na maleta dos remédios.

Lá fora, a chuva cessara de cair, mas as rajadas do vento continuavam a ser horrivelmente frias.

Aprelhrou a «charretes» à pressa...

Após uma jornada que lhe parecia interminável, Hyslop chegou à porta duma casa isolada. Do lado de fora, não se via a mais pequena réstega de luz.

O médico puxou a campainha. Não houve resposta. Deixou-se ficar, por momentos à escuta. Não ouvia a não ser o piar distante dum mocho. Então, com irritada impaciência, bateu repetidamente com o pé contra a pesada porta.

Imediatamente, se ergueu no interior da casa o ladrar furioso de cães e, após longa demora, a porta foi aberta por uma mulher de vestido e chales pretos.

Ela olhou para Hyslop com expressão assustada que, à luz da lanterna que tinha na mão, parecia tão pálida como a cal. Dois grandes molossos rosnavam a seu lado.

Furioso perante tal recepção, Hyslop afastou-se para o lado e penetrou num grande aposento de paredes de pedra, mal mobiliado e iluminado, que não era nem sala nem cozinha. Ao entrar os olhos do médico caíram imediatamente sobre o vulto duma rapariga que estava deitada num sofá de crina de cavalo colocado próximo da lareira. Segundo tudo indicava, a rapariga estava em estado de coma.

Ao lado dela, em atitude de atenta expectativa, estava sentado um homem de forte complexão. Em pé, devia ter quase um metro e oitenta de altura e os ombros eram excepcionalmente largos.

Estava em mangas de camisa e tinha calças grossas pedras cinzentas, sem sapatos. O cabelo grisalho estava revolto. Devia ter aproximadamente cinquenta e cinco anos. Sem dúvida, era Robert Glen.

Tão concentrada na rapariga inocente estava a sua atenção, que nem sequer ouviu Hyslop entrar. Quando o médico pousou a maleta sobre a mesa, o homem voltou-se com tal brilho de ódio no olhar que o médico ficou espantado.

— O que quer o senhor daqui? — perguntou Glen.

— Eut! Sou o médico! — replicou Hyslop.

Se se tirou da frente, examinarei sem demora a doente... Ela parece estar bastante mal!

— Médico! — O rangue subiu ao rosto de Robert Glen. — Não quero cá médicos! Saia! Ouviu? Saia!

O aspecto de Glen era medonho.

A indignação, porém, fez com que o médico não se mexesse do sítio onde estava. Pensou na sua fatigante viagem através daquela noite tempestuosa e sentiu-se magoado com a recepção que lhe estava a ser feita. Por isso, respondeu irritado:

— Você está doído para falar assim. Essa

## CONTO DE A. J. CRONIN TRADIÇÃO DE J. C. RIBEIRO

rapariga está gravemente doente. Valha-lhe Deus, deixe-me, no menos, ser a lhe posso fazer qualquer coisa.

— Não tenho confiança nos médicos — resmungou Glen.

Hyslop obteve de relance para a mulher que, à porta, de mãos cruzadas sobre o peito, parecia paralisada por mortal terror. O médico calculou que ela desafiara a cólera do seu amo e senhor quando o mandara chamar. Dali não lhe viria qualquer auxílio. Só havia, portanto, um caminho a seguir com probabilidades de êxito.

Hyslop dirigiu-se à mesa e pegou na maleta. — Muito bem. Se a sua filha morrer, já sabe quem é o responsável...

Durante alguns instantes, Robert Glen permaneceu silencioso, deixando transparecer nos olhos a luta íntima entre o ódio e o receio que o dominavam.

— A mãe de Hyslop estava quase a segurar na mançaneta da porta, quando Glen gritou:

— Não se vá embora! Se ela está como o senhor diz, é melhor tratar dela.

O médico voltou a aproximar-se do sofá, ajoelhou-se e examinou a doente. Tinha aproximadamente deztois anos e a sua juventude fresca era duma beleza estranha e natural.

Quando Hyslop a fez suavemente mudar de posição, ela murmurou umas palavras sem nexo. A pele escaldava e o rosto do médico admirou-se de não encontrar explicação para o estado da doente. Depois, viu uma intumescência purpúrea detrás do ouvido esquerdo. Era uma mastoidite supurativa em estado agudo. O coração de Hyslop comprimiu-se ao verificar a seriedade do estado. Amanhã vou buscar umas sanguessugas ao lago e dentro em pouco estará bo.

Depois de se ter certificado convenientemente do diagnóstico, Hyslop voltou-se para Glen.

— Isto é um caso quasi desesperado. Já me deviam ter mandado chamar há uns poucos de dias.

— E tenho uma inflamação — murmurou Glen. — Penho-lhe pôdo untura de ganso e estapmas de fardo. Amanhã vou buscar umas sanguessugas ao lago e dentro em pouco estará bo.

— Dentro em pouco estará mas é morta... Robert Glen ficou-se em frente de Hyslop como que assombrado.

— Olhe, Glen — disse o médico com veemência. Neste ósso mastoidei esquerdo há um abscesso. Se não for drenado, atravessará o crânio até chegar ao cérebro. A não ser que se faça uma operação imediata, a sua filha terá pouco mais de seis horas de vida.

O outro encostou-se à parede como que à procura de opio.

— Qual a razão por que havia de estar a mentir?

Glen comprimiu os lábios.

— Então, opere-a. Ela não pode morrer.

Um rebate de apreensão atravessou Hyslop dos pés à cabeça. Persuadirá Glen a deixá-lo fazer a operação. O que aconteceria se falhasse?

Abriu a maleta, preparou os instrumentos e os desinfectantes. Despejou uma solução carbólica em duas tigelhas. Em seguida, os dois homens pegaram um na cabeça e outro nos pés da doente e deprimiram-na em cima da mesa de madeira. Hyslop colocou uma maniscara saturada de éter sobre o rosto da rapariga.

Quatro minutos depois, fez esforços desesperados para retirar toda a sua coragem e pegou na lanterna... A luz, emanada da lâmpada de petróleo que Glen segurava, era verdadeiramente arto. As condições em que estava a operar — inimaginavelmente más, tanto mais que a operação só por si, mesmo em circunstâncias más favoráveis, era delicada e perigosa.

Se bem que no hospital, o Dr. Hyslop tivesse já feito dezenas de intervenções cirúrgicas deste e doutros géneros, sabia que se se pequenino que fosse, tudo estaria perdido — estaria fatalmente perdido.

Tudo o que a viria fazer hábilmente ao grande Macewen, tudo o que lera nos livros de estudo se evaporara da cabeça naquele momento sa-

(Continua na pág. 41)





# Remios a sortear entre os colletores de leite e óleo e industrialários e "Vida Mundial Ilustrada"

1—Uma mobília de sala, com sofá e dois emplaces, uma mesinha em estilo moderno e uma «scarpete», uma linda criação da casa Gutmar, Limitada.

2—Uma máquina de costura «Husquarna», formando um belo móvel. Construção sueca. Adquirida na Sociedade Luso-Sueca, Ltd., Rua Alexandre Herculano, 9.

3—Um aparelho de rádio «Luxora», um dos melhores modelos desta marca. Adquirido na casa José Costa, Rua de S. Paulo, 11.

4—Um fogão de cozinha para lenha e carvão. Cromado fósco. Um dos últimos modelos de 1945. Construção da casa Alberto da Silva & Irmão, Rua do Arco de Bandeira, 129.

5—Um serviço de jantar, em fina porcelana, de lindo desenho, adquirido na casa «Au Bon Marché», Rua da Assunção, 45-47.

6—Uma apólice de seguro contra acidentes pessoais da Companhia de Seguros «Mundial». Valor de 100 contos, validade de um ano.

7—Um quadro a óleo do distinto artista José Dias Sanchez. Adquirido na Galeria «Moldor, Ltd.», Rua 1.ª de Dezembro, 101, 3.ª.

8—Uma mala de mão para senhora, modelo moderníssimo de alta qualidade. Fabricação da casa Teodoro, Rua do Carmo, 29-31.

9—Uma gabardine «Neptuno» — a grande marca mundialmente conhecida, da casa Roda, Ltd., Rua Augusta, 98. A gabardine mais elegante, mais impermeável e de maior duração.

10—Um relógio de pulso «Zodíaca», para homem. Modelo impermeável, anti-magnético e anti-choque. Um grande produto da indústria suíça. Uma novidade que «Zodíaca» apresenta: o ponteiro de segundos acerta-se apenas com uma simples pressão sobre o «remontador». Representantes: Carlos Alves Ferreira, Ltd., Rua da Assunção, 89, 3.ª.

11—Um caixa de 12 garrafas de vinho do Pórtico «Crauto» V. O. R. (Fine Old Rich), a grande marca dos conhecidos vinhos do Pórtico Constantino, dos mais apreciados em Portugal como no estrangeiro. Agentes para o distrito de Lisboa: Irmãos Costa Dias, Ltd., Rua Bramcamp, 62-84 — Telefone 40630.

12—Uma coleção de perfumarias da conhecida marca «Montegit» — a grande marca da mulher elegante: 1 frasco de 1 litro de água de Colónia; 1 frasco de 1/2 litro de loção; 1 estofo de perfume; 2 frascos de brilhantina; 2 estofo de verniz e contra-verniz; duas caixas de pó de arroz; duas caixas de talco; uma caixa de saia de rouge; uma caixa de 12 sabonetes «Colónia» e uma de 12 sabonetes «Alfazema». Um brinde sedutor. Valor de 600 escudos.

13—Um corte de fazenda para homem. Padrão moderno. Qualidade superior. Valor de 450000. Um produto «Suprema» — da Casa Eugénio Alves, Ltd., conhecido depósito de lanifícios da Rua dos Panfiteiros, 77-79.

14—Um relógio «Colossa», —outra grande marca suíça. Uma marca — que marca, com a sua fama feita de experiência em todo o mundo. Representantes: Serafim Pacheco Magalhães, Ltd., Rua Barros Queiroz, 39, 2.ª.

15—Um lindo serviço de «toilettes» de cristal da Boémia.

16—Um candieiro em louca, peça de arte da Fábrika de Sant'Ana, com salões de venda e exposição na Rua do Alecrim.

17—Um candieiro eléctrico moderno, de secretária. Modelo do mais fino gosto. Adquirido na casa especializada J. Costa & Silva, Limitada, Rua Arco de Bandeira, 79.

18—Três pares de meias «Morey» — a marca da moda. A meia «chica», que dá personalidade. Alta qualidade e grande categoria. Depósito: Rua Ivens, 44, 4.ª.

19—Um par de meias e 3 lençolinhos suíços, num lindo estofo. Um brinde encantador da Casa Condição, Ltd., Rua Augusta, 284.

20—Dois pares de meias de qualidade superior da casa «Meia de Vidro» — o moderno estabelecimento da Rua Augusta, 158.

21-24 — Uma coleção de produtos de Beleza «Montegit», para senhora: 1 frasco de 1/2 litro de água de Colónia; 1 frasco de brilhantina; 1 estofo de verniz e contra-verniz; 1 caixa de pó de arroz; 1 caixa de talco; 1 caixa de rouge; 4 sabonetes. Valor de 1500 escudos.

25-27 — Uma caixa de 3 garrafas de vinho do Pórtico «Aliados» — uma das nossas grandes marcas deste vinho. Uma marca preferida pela clientela mais exigente. Representante: A. Calderon Diniz, Alameda D. Afonso Henriques, 76-A.

28 — Uma linda estatueta «A Cegonha», uma obra-prima da Fábrika de Coimbra. Adquirida na Casa das Utilidades, Rua Ivens, 84 — uma casa especializada em louças, vidros, talheres, artigos próprios para brindes, artigos de ménage, etc.

29-32 — Uma coleção de perfumarias «Montegit» para homem: 1 frasco de 1/2 litro de água de Colónia; 1 bote de brilhantina sólida; 1 tudo de creme de barbear; 1 caixa de talco e 2 sabonetes. Valor de 100 escudos.

33 — Seis garrafas de vinho de mesa «Miravale» — o vinho de mesa de todas as boas causas. Representante: A. Calderon Diniz, Alameda D. Afonso Henriques, 76-A.

34 — Uma coleção de perfumarias «Dorlan»: 1 frasco de água de Colónia; 2 tubos de creme (para dia e para a noite); 1 caixa de rouge; 2 caixas de pó de arroz.

35 — Dois botes de creme (para dia e para a noite); 2 tubos de creme (para dia e para a noite); 1 caixa de pó de arroz; 1 «báton».

36 — Um frasco de água de «toilettes»; 2 caixas de pó de arroz; uma caixa de «rouge»; 2 tubos de creme. Produtos de beleza «Dorlan».

37 — Um frasco de água de Colónia «Etoilelle»; 2 tubos de creme para dia e para a noite; 2 caixas de pó de arroz; 1 caixa de «rouge». Também produtos de beleza «Dorlan».

38-39 — «História da Inglaterra» (2 volumes, encadernados), notável obra do grande escritor Macouly. Um livro indispensável em todas as bibliotecas. Uma magnífica edição das Edições Cosmos, Rua da Esmada, 111.

40 — Uma coleção completa da «Biblioteca Prática do Lar», constituída pelos volumes: «O corte sem mestre», por Lilla da Fonseca; «A mulher dona de casa», por Maria Lúcia; «O mestre das costureiras», por Maria Saavedra; «A saúde pela educação cívica», pelo Dr. Deolinda Martins; e «A Mulher Educadora», por Emília de Sousa Costa. Os mais completos e práticos livros para senhoras. Uma magnífica coleção das Edições Universo, Ltd., Rua da Misericórdia, 100.

41-45 — Uma assinatura anual de «Vida Mundial Ilustrada».

46-60 — Uma assinatura anual de «Detective».

61-65 — Uma assinatura anual de «Vida Mundial».

66-69 — Uma assinatura semestral de «Vida Mundial Ilustrada».

70 — Uma assinatura semestral de «Detective».

71-75 — Uma assinatura trimestral de «Vida Mundial Ilustrada».

76-80 — Uma assinatura trimestral de «Detective».

81-85 — Uma assinatura trimestral de «Vida Mundial».

86-89 — «Cartas de Katherine Mansfield», uma obra apaixonante; «História duma rapariga», por Charles Dickens; «O Molho à Beira do Rio», por George Eliot. Algumas das mais notáveis da literatura mundial. Uma grande coleção da Livraria Portuguesa, Rua do Carmo.

90-94 — «O Melo-Maluco», de Gino Saviozzi; «Adão e Eva», de Charles Oulmont; «Arrepentimento», de George Eliot; «Crepúsculo», de Anthony Trollope; e «Trovoada à esquerda», de Cristopher Morley. Todas estas grandes obras fazem parte da magnífica coleção de romances da Editorial Gleba, Ltd., Rua da Madalena, 211, 3.ª.

95-99 — «Claro-Escuro», de Grada Teleda (Prémio Nobel); «O Senhor Secretário», de H. Sienkiewicz; «Novelas», de A. de Musset; «Minha Mulher», de Guy de Maupiant; e Leonidas Andrew — volumes consagrados mundialmente em óptimas traduções. Coleção de «Novelas» da Editorial Gleba, Ltd., Rua da Madalena, 211, 3.ª.

100-101 — «O Japão na história, na literatura e na lenda», por César dos Santos; «Dize tu, dires eu», pelo Dr. Luis de Oliveira Guimarães. Duas edições de «Vida Mundial Editora».

102-104 — «Os mestres do conto policial», 1.ª série: ingleses e americanos. Traduzidos do inglês com notas bibliográficas, por Cabral do Nascimento. Seleção e prefácio de João Gaspar Simões. «Os melhores contos portugueses», 1.ª série (2.ª edição). Seleção, prefácio e notas bio-bibliográficas de Guilherme de Castilho. «Líricas portuguesas». Seleção, prefácio e notas bibliográficas de Cabral do Nascimento. Três magníficas edições de alto interesse, da Livraria Portuguesa, Rua do Carmo.

105-108 — «Corina», de M.ª Staël; «As Casas dos Malavoglia», de Giovanni Verga. Duas belas romances, duas obras-primas da literatura universal. Publicadas pela «Editora Argo», Rua do Ferregal de Batxo, 32-2.ª.

107-111 — «O Caminho da Felicidade», de Boerjesterne Hjoernsen (Prémio Nobel); «Três mulheres esquecidas», de Salvador Gatta; «O Inferno dos homens vivos», de Guido Verona; «A Fonte dos Amores», de Gabriela Reval; «A Ballarina Aventureira», de Guido de Verona. Romances consagrados em todo o mundo. A melhor literatura para senhoras. Fazem parte da «Coleção Estréla», da Editorial Minerva, Rua Luz Soriano, 33.

112-14 — «Histórias do Arco da Velha». Antologia de contos para crianças, seleccionados por António Botto. Um dos melhores livros infantis. O melhor presente para os seus filhos no Natal. Um lindo volume da Editorial Minerva, Rua Luz Soriano, 33.

115-117 — «O Diário de José Maria», de Ramada Curto (2.ª edição). Um grande livro de um grande escritor. A 1.ª edição esgotou-se em 3 meses. «Romance de uma refugiada polaca», por Fernão Dantas da Gama; e «Pugiu uma espia», de Charles Berry. Três edições de «Vida Mundial Editora».

118-122 — «Pasteru», de Carlos Lima; «Masanello», de Hui de Altamira; «Kamal Fachid», de Diogo Caminha; «Cervantes», de Carlos de Lima; «Vitor Hugo», de Carlos de Lima. Cinco volumes de uma interessante coleção «História Maravilhosa» da Editora Argo, Rua Ferregal de Batxo, 32-2.ª. A melhor coleção de biografias publicada em Portugal.

123-126 — «Hollywood em Lisboa», por Fernando Fragoso; «Os 285 dias que abalaram a França», por Acúrcio Pereira; «A Primeira Aliança» (Histórias da Aliança de Portugal com a Inglaterra), por Rafael Marçal; «Quatro líderes do Mundo», por Amadeu de Freitas. Mais quatro magníficas edições de «Vida Mundial Editora».

127-130 — «A Esfera Misteriosa», de Max Felton; «A Porta Secreta», de Oliver Sheridan; «Meia-noite e doze», de Max Felton; «Memórias extraordinárias do major Calafala», de Reinaldo Ferreira. Quatro volumes da colecção policial de «Vida Mundial Editora».

131-140 — Máquinas para barbear, fabricação suíça, em estofo e simples.

141-150 — Um lugar de banho para um cinema de Lisboa.



# Festa do Aao Novo em Macau

(Continuação da página 7)

A fúria do Jogo atingiu o paroxismo. Aposta-e tudo e perde-se até a última esperança até a última cabala.

Nas casas de penhores, prudentemente protegidas por grosso grameado, o dono, como se estivesse dentro duma jaula, exorta de contentamento e faz própria negociação.

Aos funcionários da colónia é consentido entrar nas salas de sfan-tas, o Jogo predicto, desde a antevéspera do Novo Ano até ao dia seguinte à festa; é visto na praxe que o Governador visite as melhores e parea algumas patentes.

Nelas dá trendez-vovus a sociedade elegante dos europeus, que vai cada sabore a cá aromático ou os frutos cristalizados e outras guloseimas, que os proprietários nunca deixam de oferecer aos frequentadores de categoria.

Com o cair da noite o espectáculo toma aspectos imprevistos, rembrandtescos, que se fixam insensatamente na retina. Os candelões dos vendedores, o lume das cozinhas improvisadas, os pivetes votivos à beira das portas, meto indecisos e deformados na fumarada que se eleva, e os peões a negro tão fortemente manchados pelas luzes mais próximas, ams estranhos, fantásticos, imaginando mundo diferente. As bancas de «gü-djo» com candelões de petróleo ou acetilene, deslocando a cada momento sobre a cabeça dos donos; as lanternas dos «jrinchês»; uma manjedoura de outros clarões, porem fitas de luz movendo no pavimento escorregadio, molhado de relento, que se pivota de todos os reflexos.

Reina a alegria das grandes solenidades festivas. As rusas estão apinhadas de gente que se agita em todos os sentidos num vai-vem constante.

Assim decorrem dias, três dias... Depois, o povo volta ao trabalho e outro ano começa, em tudo igual ao que passou, ou pior... F. CHEDAS

# ADRENALINA RADIO CINCO VES

POD CORRESPONDENCIA LIGA FICHA DOS GRATIS



ACADEMIA NACIONAL DE RADIO A. DR. MANUEL LEZANDEIRA-12-PORTO

O Livro do Momento NA SUEVA SUEVIANÇA PORTUGUESA por RAFAEL MARÇAL

# O Cinema, o Rolar e a Libreria Camera dos Comens

(Continuação da página 43)

se comegássemos por ferir e descontentar os Interesses dos produtores americanos. «Devo, no entanto, afirmar que, se é essencial reduzir o total das importações, a compensação poderia ter a sua origem num aumento de receitas, provocado pela exhibição, nos Estados Unidos, de maior numero de filmes ingleses.

Portanto, não me parece acertado prejudicar a qualidade dos nossos filmes com uma produção feita a pressa, e pela nossa parte estamos dispostos a auxiliar a cinematografia britânica no acrescimo do seu rendimento.

Depois de anunciar as medidas a ser tomadas em primeira instancia, com essa finalidade, o sr. Marquand terminou o discurso, que tem a marca do tradicional bom-senso britânico.

# Idéias e Imagens

(Continuação da página 28)

com Shakespeare, com Dante e com outros. Foram desconhecidos ou perseguidos. Deu-se com Corregio, que vendia quadros a preço de milho. Quase não há Mecenas, a obra de arte fica seppita, em época que ressuscita.

E tanto é a imaginação que verdadeiramente cria, que as melhores obras de arte são feitas em idade infantil. Quando as línguas ainda babiluam, quando os homens mal se entendem uns aos outros porque falam um dialecto bárbaro, quando repontam de lidades obscuras, é então que surgem maravilhas de criação. E isto, talvez, pela própria pobreza da cultura.

Sem grandes pelias de cultura, a imaginação é mais viva, mais alada, mais cantilante. Com a cultura o homem torna-se lógico, torna-se filosófico, medita, matuta, mas já propriamente não cria.

Como se podem criticar as grandes obras de arte? E pelo extremo, pelo arrebatamento, com uma exclamação, que vem do fundo da alma. Já a razão, essa, vai ali, fria, e quer explicar tudo. Por isso a anatomia e a fisiologia até a psicologia explicam o homem, criação de Deus? Quem pode explicar o mundo, o universo, o infinito? Nem Deus, nem homem, que os criou e só criou pela imaginação.

Os casamentos de palácio são quasi sempre infelizes. Há ali um sentimento muito intenso, elevadamente colorido no normal, que exige demasiadas calorias à alma, e que depois vem a baixar. E quando baixa, não se fixa no plano médico, mas desce qual a zona frígida, modificando-se em indifference ou ódio.

E, pois, de recomendar-se aos pais de famílias que, em um casamento, se não se está apaixonado, o ponham imediatamente fora de casa, porque está ali um abutnado que, se o deixam, vai construir um desses tantos lares infelizes que há por este mundo.

O matrimónio, para ser feliz, há-de ser sereno e, até certo ponto, egoísta. Tem de haver uma simpatia e um interesse, sem degenerar em aborrecimento e repulsa.

Todo o homem não deformado por excesso de educação é religioso, de qualquer forma. Sabe que o seu origen é metafísico.

(Continuação da página 46)

premo. Trabalhou por instinto, operando vagamente, como se não fosse o olhar selvagem de Robert Glen estava cravado na sua pessoa...

Quando agiu a primeira vez, o ódio, o deliriosissimo ódio do crânio. Com um pequeno escópio, cortou em direcção ao «santurão». O ódio oferecia mais resistência do que calculara. E se, no fim de contas, não houvesse nenhum ódio, não se teria cometido um erro fatal de diagnóstico?

Um suor frio algou-lhe a testa. Vagorosamente, mas com desespéro sempre crescente, aprofundou cada vez mais a abertura. E de subito, quando já começava a estar convencido de que devia voltar pouco para atingir o cérebro da infecção, encontrou finalmente o foco da infecção.

Cuidadosamente, rasçou a cavidade, lavou-a com antisséptico e introduziu-lhe gaze iodofórmica. Cinco minutos mais e a doente volta para a sua cama improvisada, respirando calma e profundamente, como se estivesse a dormir.

Durante mais de uma hora, Hyslop não abandonou a cabeceira da operada. Por mais de duas horas a temperatura. Nesse curto espaço de tempo, esta baixou um grau e meio. O pulso tornou-se mais fraco, mais forte. Hyslop já não tinha dúvidas sobre o restabelecimento da vida.

Os convulsões cessaram de arrumar a mala. Durante todo esse tempo não olhara nem para a doente nem para a mala, lançou-lhe uma rápida olhadela.

O homem estava junto à mesa onde, durante as últimas horas, permanecera imóvel a observar todos os movimentos de Hyslop.

O médico, reparando que o mau humor desaparecera do rosto do menino, disse com um sorriso de triunfo: — Dentro em breve estará boa.

O homem tartamudeou: — Sim... sim... não há dúvida, ela... e já já parece estar assim que ignoramos o significado que podia ter aquelle grandioso retrato colectivo dos vários estados ou classes sociais de Portugal. Por outro lado, quem, sendo uma pessoa real, poderia ter torçido, trintos votos, em nome de um e do filho do Rei D. Duarte conhecessem o livro, que o pai escreveu para a delatada e a filha, a intenção da composição pictórica de Nuno Gonçalves e o seu significado para o autor e para os seus contemporâneos foi claro e facilmente representado a Nação portuguesa, subordinada a um pensamento religioso.

Mas dir-se-á: «E os judeus, aquéle que está no painel do Arcebispo, e o que ostenta uma Biblia aberta no

abalaço por uma incontroável emoção — simultaneamente dividida entre a gratidão e o ódio e a desconflança que tinha pelos seus semelhantes. Ao fim do método de desfizes e éle sentiu um impeto piedoso. Este homem estava realmente bastante abalado pela perspectiva do restabelecimento da filha.

Para desanuviar o ambiente, Hyslop accou-se então à mulher da casa, que atenciosamente deslilhara para junto da cama, a ocupar o lugar do médico deitara-vago momentos antes.

— Há uma coisa que você não deve esquecer. Temos de agradecer a sua mulher ter-me chamado para cá vir. Os olhos sombrios de Glen seguiram com espanto o movimento da cabeça do médico.

— Não compreendo — murmurou. — Essa é a minha, a nossa criadela. Ela não fala inglês... só fala galês.

— Mas, homem de Deus! — exclamou Hyslop. — Não sabe como é que eu vim aqui parar? Foi ela que me telefonou.

Robert Glen olhou para o médico com o mal admirado. — Aquella não há telefonia senão a minha. — Bastou o olhar rápido para Glen para convencer o médico que o seu mal não era de cabeça.

Hyslop olhou-o estonteado e suspirou: — Valha-me Deus, homem, ainda não sei quem é a tua mulher. Eu pedi que viesse cá. Hája telephonia ou não haja, a verdade é que ella não sabe o que eu quero. Pergunte-lhe quem era e ella disse-me claramente que era a sua mulher.

Ergueu-se então a uma imponente altura, que ultrapassava bastante a do médico, Robert Glen ergueu os punhos fechados num gesto violento e apaixonado. Hyslop pensou que o outro o ia derubar com um pé de alçóes. Depois, com um gesto esfórfico, Glen dominou-se e disse com um resaca de voz: —

— A minha mulher morreu neste quarto há cinco annos...

panel da reilquia?

A esse tempo ainda os judeus gozavam de situação privilegiada dentro da Nação. Os Orientados D. Afonso V. (que se vê no painel da esquerda do observador, chamado do Infante) e D. João I. A primeira nunca se fomentasse a conversão deles pela religião. O Rabi ou o Rabimódor do historiador, empregado de tanta importância que muitas vezes referem a sua chefia, era, no dizer de um ministro do Rei, «o cuto hebreico era permitida a conversão. Mas há já uma moderna investigação histórica provou a grande parte que os judeus portugueses tiveram na ciência náutica dos Descobrimentos.

Se eles eram ouvidos sobre llo capitalis assuntos, que interessavam toda a Nação, como se estranhará que elles figuram entre os elementos da Nação, como Nuno Gonçalves?

Notese, porém, que o judeu do painel do Arcebispo figura entre os judeus, portanto no estado dos oráculos. Na verdade, os judeus é o mesmo. Uns e outros eram ao mesmo tempo e já muitos eram judeus mesmo pelas palavras. Claramente o entendiam os judeus do século XV. Daí apparecer um judeu, e não um hebreu, nessa figuração da grei, ao lado do clero católico.

Resta a interpretação, o sentido religioso dos quadros. Deixamos esse problema aos eruditos, que o poderão resolver com elementos tirado da iconografia cristã.

A nós, como portugueses, mais nos interessa saber — sem desmerecer do objectivo religioso da obra, — que os judeus que Nuno Gonçalves pintou a Nação portuguesa, nos seus maravilhosos painéis.

Os judeus do livro de D. Duarte tinham assim os velhos painéis de Nuno Gonçalves de uma luz tão clara como llo ha que a luz dos tempos, para sempre, se ligarão a esses verdadeiros «luzadas da pintura que a Nação portuguesa, e não o hebreu, a Nação do Rei D. Sebastião, mostrando-lhe a grei heroica que cantava:

Inclina um pouco a majestade... E Julgareis que a luz é máis excellent... Se se do mundo rei, se de tal gente.

(Lus. c. I. 9-10.)

Francisco José d'Abreu F. Veloso

PROTEJA a sua cutis já mais tempo COM POMEIA

Muito Sencillamente a sua beleza, não hesite, proteja a sua cutis com POMEIA. Este produto cosmético, elaborado em laboratório de primeira ordem, contém a mais pura e selecta essência de POMEIA, conhecida por ser a mais preciosa e mais abundante das plantas cosméticas.

O CRISE POMEIA, a melhor e mais conhecida, contém a mais preciosa e mais abundante das plantas cosméticas.

Investigação de laboratório, após generoso estudo, revelou os seguintes resultados, verificando-se a seguinte conclusão: a POMEIA, em contacto com a cutis, produz a seguinte reacção: a cutis torna-se mais fina, mais suave, mais elástica, mais brilhante, mais saudável, mais protegida.

LI. RIVER



# A alegria da alma resaca de alegria

(Continuação da página 32)

cofes madrilenas. José Altabella valera fazendo perguntas sobre o jornalismo português da actualidade. É uma vez mais de esboçochetes fomos nós a arquitectar uma resposta, respeito do vosso pensar a nosso respeito.

Não digio isto por simples cortezia: mas creio que o vosso jornalismo está hoje à altura do vosso jornalismo diário nacional. Por curiosidade profissional, por mais de uma vez tenho apreciado várias publicações portuguesas, sempre pude verificar o muito de bom que encerram.

E pouco depois: — Em principio, a apresentação das mesmas, sobre as quais nos chegou um eco interpretativo devido à curiosidade do jovem e culto ensaísta J. Figueira de Oliveira, tem toda a garantia daquilo que é sereno, atraiante e sugestivo. A sua história, que um dia o nosso querido Lorenzo Garza nos contou, creio que alcançou nos nossos dias a verdadeira idade de ouro. Revistas há que conseguem extrair para o leitor toda a gama de valores que as tornam queridas e disputadas pelo publico, e estou em pensar que a vida mundial ilustrada é quem leva a palma de este grande estilo do bom magazine contemporâneo.

Um nosso camarada americano vem agora sadbar-nos e trazer-nos uma notícia mais sobre uma conferência internacional. Comenta-se a notícia que, dentro de algumas horas, os vespertinos gritarão aos albos dos madrienes. Porém, ainda nos interessa saber que ideias poderão ter Altabella sobre um futuro intercâmbio jornalístico luso-espanhol — e encaminhamos a conversa nesse sentido... — Sim, há que viajar muito, há que tornar familiar o itinerário Madrid-Lisboa e vice-versa, e, depois, das duas capitais, tornar o centro de muitas rotas e caminhos paralelos e meridianos de uma compreensão local e humana. Já tivemos um exemplo, como por exemplo César Gonzalez Ruano, que com os seus livros nos trouxe a uma viagem por terra, por essa bela terra atlântica. Recentemente, diversos queridos colegas de Altabella, Mendes de Almeida, Montez, Júlio Camba, Fernandez Florez, Garza, Lizón, Mendes Domínguez, Luis de la Barga, trazem-nos constantemente de Portugal apaixonantes ecos que formam e conformam o nosso espírito na mais alta sensibilidade em

relação ao povo irmão. E, assim, também muito nos alegraria que o limitado número de jornalistas lusitanos que estão em Madrid, fossem aumentados pelo aposto só o carinho fervorosamente hispânico desse grande número de leitores portugueses que se chama António Ferro, poeta de ontem, político de hoje, jornalista de sempre. Mas, mais ainda, José Altabella apresenta-me também algumas ideias muito interessantes acerca de um possível congresso luso-espanhol de Imprensa. E mais tarde, já quando o sol se tramonta, é para os lados de Guimarães e os madrienes laudavam as «terrazas» da Castellana para tomarem o seu tradicional «Vermut», lamos num jornal uma entrevista concedida pelo nosso companheiro de toda uma tarde que me pergunta: «Qual é a meta d'uma de reportagem mais interessante hoje em dia?». Se responde dêste modo: «O contemporâneo francês Alberto Londres é, para mim, o verdadeiro Mestre dos actual reporteres de todo o Mundo. Conheço, como a de muitos outros, toda a sua vida e toda a sua obra. É algo extraordinário. No estudo que estou preparando, intitulada «El Reportaje y expresión cumbre del Periodismo contemporáneo», faço a história de género e cito trabalhos de diversos jornalistas mundiais, figuras destacadas, anodóticas, com grande escala de material gráfico. Mas, cingindo-me à pergunta, dir-ei-te alguns nomes: Soiza Reilly, Geo Lomax, Ehrenburg, Frederico Lefèvre, António Ferro, José Leon Paganó, Luis Harzini, Mário Appelius, Knickerbocker...»

E aqui ficam alguns dados sobre um dos mais dinâmicos e audazes jornalistas de Espanha e a apresentação de um bom livro que é toda uma homenagem ao esforço de quantos têm ido às guerras para Informarem o Mundo e de quantos caíram para sempre sacrificando as suas vidas ao serviço da «Vida Mundial Ilustrada» justade a esta homenagem, curando-me sentimentalmente ante a memória dos que morreram ao mesmo tempo que saúdo cordemente todos aqueles que regressaram...

«AU BOM MARCHÉ»  
APRESENTA  
o maior sortido de  
T'ALHERES, LOUÇAS  
VIDROS E CRISTAS

Sempre novidades em artigos para brindes e menage.

«AU BOM MARCHÉ»  
45, RUA DA ASSUNÇÃO, 47



Travessa da Condesa do Rio, 27 - LISBOA  
Telefones P. B. X. 21227 - 21368

## Crónica quasi sentimental

(Continuação da página 27)

luísuda do que as covinhas no queixo de uma espanhola e o sorriso de uma hermanita, com perfeito espirito de colorização, fazem agulha para Lisboa, em busca de uma vida sosia e tranquilla e o português a pagar). A tribo instalase numa pensão da Baixa, e a pequena, nessa altura, já tem só uma capa de peles, uma pulseira de ouro fino, uma mangia, um cilo chamado «Bamby» e um «sififiro» que come morangos a oito escudos cada prato e uma «embonita» de Manila comprado em Lisboa, que ela jura ser a terra do mundo onde há melhores embonitas de Manila (e o português, é claro, a pagar). Chovem cá fora, e os passelos ao Estoril saem por um dinheirão na segunda dízia, e, após três meses de intercâmbio de ternura luso-espanhola, o sujeito dá balanço à vida e percebe que é um trouxa no mais puro e legitimo sentido do termo. Não está porém, nada perdido: aqueles cabalos que parecem pintados por Goya passaram pertinho de ouro a treparem pelos braços da gassa, e as peles não faltam enquanto pode estar provado serem estes os dois filhos da criação que mais fiam sem a pele para a dar às espanholas...

E, entretanto, a nossa fama de bons rapazes através as fronteiras... Um amigo meu, há pouco chegado de Espanha, contou-me, ingenuisimo, que numa revista em cena num teatro de Madrid, quando se dá de peles, o empresário, em grãdio dos espectadores, exclama: «Alô! Alô! Alô!», e o «brigado de peles! Seguro que há estado em Lisboa.

e gália de meta tigel: que Linda figura estes a fazer! Evocai os manes dos vovos antepassados, comparei e vêde como o português de outrora, tenório, pimpão e castigador, se transformou, por sortilégio dos negócios de guerra, das licenças para exportação, num pobre-dialo baboso, gárg e pagante, explorador de negócios, destruído pelas Lojas, Marujas e Conchitas, ante a galva surda das portagens que já não são mais secretamente com o seu 1640! Andais a adoptar a palermice sen-

timental do amigo Banana, aquele que, num «dancing», quando a espanhola que se movia no quadrado de luz lhe atirou um sorriso profissional e um cravo rubro que trouzera na boca, disse, com o ar mais feliz dêste mundo, a um amigo que estava com ele a beber, que se queria casar. Eu nunca tive tanta sorte com espanholas como deade que me saíram aqueles quarentos contos na lotaria...

Pois pudera, amigo Bananal! Pois pudera!

Casacos de peles e pulseiras de dez contos em troca de sorrisos e de lusoês? Franqueizinha, franqueizinha, parece que não foi isso que a gente combinou no tratado de comércio peninsular... NELSON DE BARROS

Um encontro com Emil Ludwig

(Continuação da página 23)

vel para negociar, eu queria até beira do abismo. Pôde falar-me do caso da Abissinia. Esse caso foi a conclusão inevitável duma carreira. A conversa com o jornalista prolongouse durante algum tempo, perdendo-se em pormenores e intrusões. Duhamel queria saber notícias. Ludwig pagaria por qualquer preço a dar razão ao seu Goebbe, que queria oferecer ao companheiro de viagem a quem o prendiam tantos laços de simpatia intelectual.

Os acontecimentos não tardaram a dar razão ao seu Goebbe, e a descobria documentada do jornalista e a credulidade superior do filósofo, Mas Duhamel teria, certamente, lucrado com a leitura do Goethe, mais suggestiva do que a do Goethe, Kampff. Não se encontraria um antidoto para a sua boa-fé na frase sempre verdadeira: «O grande erro, que o testemunho actual de vinte milhões de mortos veio dar uma confirmação inavêl entre a descobria que o testemunho actual de os prussianos. Repara que êtes julgam sempre não são mais expertos do que os outros.

## O mistério de Estaline

(Continuação da página 35)

— É um penho... em vez de usar fórmula consagrada — «Estaline diz: No tempo em que era membro da Comissão Executiva do Comité Central, escrevi de colaboração com a direcção da revista Estaline, um livro intitulado «A recreação da História», que marcou o revivimento das antigas instituições e tradições russas. Para marcar as posições de Estaline e Zhdanov, uma autoridade em assuntos soviéticos escreveu: «Estaline simboliza o período da luta revolucionária. Zhdanov simboliza o período do socialismo entre a revolução e a nova fase do comunismo. Pouco antes da guerra acabar, Estaline delegou em Zhdanov a assinatura do armistício com a Finlândia e enviou-o a Helsinki para chefiar a comissão de controle aliado.

## A TEMPO!

Tôdas as manhãs — se tiver o cuidado de tomar ao deitar a sua pastilha de LAXOBAC, a sua accção é certa. Quando tomar «Laxobac» as suas funções inteiramente serão cronometradas. Tanto as crianças como os adultos gostam de «Laxobac», que só sabe Chocolate.

**LAXOBAC**  
Em tôdas as farmácias a Escluzões 5850 e 12800 cada caixa. Lembre-se do nome.



# Janarar e a poesia

(Continuação da página 43)

antipatia, à espera da resolução definitiva. Porém, ao vê-lo levantar-se, a corroborar a sua negativa e manifestar a necessidade de ir deitar-se, que já se ia fazendo tarde, detou-lhe um olhar calmo de graúdo.

— Madalena, vê lá dentro, a limpar as mãos ao avental de serapilheira, preguntando:

— Então, já não vais, Jerónimo?

— É preciso, sr.ª Madalena. Amanhã é dia de trabalho. O sr. Lopes tá muito precisa apanhar...

— Ah! Por mim, não se preocupes — opôs o velho. — Esquante o vinho de guerra, vou mesmo a festejar os meus anos.

Jerónimo correspondeu com o mesmo forçado entusiasmo do Lopes, mas manteve a sua decisão de ir embora.

— Até amanhã. Muito obrigado a todos.

— Não tens que agradecer. Esta casa é tua — declarou o velho.

— Venha por cá mais vezes — disse a Madalena. — Somos muito seus amigos...

— Obrigado, grande. Muito obrigado. Até amanhã, sr. Lopes.

— Até amanhã, adeus rapaz.

Quando chegou à rua, respirou fôlego. Tinha feito uma bonita figura, não restava dúvida. Desprezara a companhia do Aparício, perder em casa a fé de um amigo, a amiga de Clara, para ouvir aquela palermice do Lopes! Podia limpar as mãos à parede. Pôde e a certificar, verdadeiramente, de desejo de afastar-se o mais rapidamente possível da casa do velho colega. Era preciso ouvir ainda a Madalena, muito suavemente, a pedir-lhe: «Venha por cá mais vezes».

Jerónimo. Somos muito seus amigos... Que fossem todos para as profundezas do inferno. Contudo era crescia-lhe mesmo, no peito, forte indignação, como pessoa que reconhecia, ao cabo de longa coqueira, a lógru em que caía. Agora percebia muito bem o seu Jôgo, frequentes amabilidades e ofertas, convívios e soliditudes... Queria-o para marido de Fernanda. Porém, dessa estranha

ela tem livre. Não casaria, não casaria nunca, que o juramento feito à memória da mãe era amarra para a sua vida toda. Por não desejar mundo imitar a irmã, por outro nem que quebraria o sagrado juramento, indignava-se a deturbação habilidosa do velho. Se queria um genro, que o mandasse fazer à olaria. Lembrou-se a figura da rapariga, sumida por detrás dos óculos, pôs a rir para a si mesmo. Casara com uma rapariga de gançalhos no nariz, muito, muito menos atinda que com qualquer outra! Breve se apresentariam os sacramentos trônicos que estava a desenvolver sobre a filha do Lopes.

Fernanda não tinha pouca nem muita culpa do sucedido. Ele havia percebido bem a sua confusão quando o velho lançara aquela bofetada. A rapariga não pensava naquilo, talvez nem sequer gostasse dele... Intimamente, agora, desculpava-se de toda a intromissão no desejo do pai. A Madalena, tão pouco. Mas, sobre esta, não tinha muita confiança na sinceridade das suas atenções. Certamente, ela, por detrás das palavras, encobria o mesmo desejo do marido, de não manifestar, se se conservava calada, fóra mais certezas, uma vergonha que se por faria de vontade.

Em seu parecer, acabou por achar que as palavras de Lopes mereciam, mais risco que desconfiança, e por confirmar tal conclusão, voltou a rir lá para os seus bochechos. O que tinha a fazer era ir direitinho para casa e regalar-se com uma boa soneca. Logo a seguir, porém, lhe assaltou a lem-

brança dos seus vizinhos. Já estavam a dormir ou iria encontrá-los no mesmo salicré de lençóis, da noite anterior. Não lhe agradava muito ter de assistir ao mesmo espectáculo sonoro, gemer de lábios, repletar de bellos e resplandecentes. Correu-lhe o corpo um estremecimento de frio e, ao mesmo tempo, sentiu-se fartanhado por tristiza inexplicável.

Diante duma igreja aberta, onde se ouviam os cânticos:

«O Roque estará lá dentro». Olhou para um lado e para o outro, à procura de «Fadistas» e não encontrou suficiente para comprovar a presença do calcetelo no templo. Não viu sinal de gato sequer por ali próximo.

Mas abalco, encostados às grades, apenas dois vultos falavam em voz baixa. Teria gésto em encontrar o velho, para dar à fígura um pouco, acompanhá-lo talvez algum tempo na sua peregrinação de santidade pelas ruas, ouví-lo falar do seu tempo. Era um bom amigo, com quem se entendia as mil maravilhas. Havia de ir procurá-lo, muito em breve. No domingo, quando fosse visitar o Castanheira e a mulher, tiraria umas horas para passar com o velho calcetelo.

Alargou ainda mais o passo. A cama ia saber-lhe se tinha comido nem bebido muito, mas sentia-se pesado. Outra vez pensou nos vizinhos e os ouviu no mesmo gésto da véspera. Frier aborrecido, porque não tinham a coragem de se lembrarem dispartadas e fome de prazer.

Pôde a pensar como poderia encontrar madrinha, com sincero desejo de ser prestável à pobre senhora, mas também para não cair em cogitações de esquecer os sentidos. Entretanto, perfeitamente, uma pergunta lhe assaltou: «He avivou no tóutigo a propósito da companheira de Clara: «Será magra, bonita e morena?».

Levantou os ombros, manteve o mesmo passo apressado, mas, dentro de si, a pergunta ficou viva, espera da resposta. Contou por uma rua estreita e mal iluminada, para ganhar tempo, sempre com os olhos no chão. A uma hora, o Aparício e a amante já estavam provavelmente no ninho, aproveitando a noite à sua maneira. «Que tenhas tu com isso? Coisa nenhuma». Esta explicação, porém, não o satisfaz. A sua vida de solteiro, a sua vida, não pesou-lhe em chelo na alma, mas reagiu. As mulheres, como os cigarros, só para serem fumadas. «Apetite agora não manda!...» Mal-ditas irritantes, as perguntas que ouvia dentro de si. Farciam brassa a esquecer-lhe o sangue e rissos a troçá-lo. «Será magra, bonita e morena?». Fossen para as profundezas do inferno, as mulheres, todas as mulheres, a Fernanda e a amiga da Clara também.

Não devia demorar-se, não devia perder tempo. As imagens do Aparício e de Clara, muito unidos, no quente, não lhe deixavam a cabeça. Também as duas teimosas perguntas o perseguiram: «Será magra, bonita e morena?». «Então, agora o apetite não manda!...».

Conseguiu a sentir que abateu lhe doía, inquanto pelo corpo, do peito aos pés, um fogo quente o envolvia, e tomou um dígito, para fugir à inquietação que o havia assaltado. Fumou, com volúpia, e conseguiu de bom e melhor, lentamente, estacou. Um fio de voz murmurava dum portal. Era uma mulher abalco de seios abultados, a perguntar-lhe: «Então, o meu amor não quer demorar-se um bocadinho?». Foi com ela, como um doído.

# A granada, o amor e a poetisa

(Continuação da página 35)

dolorosa mágoa. E não achou palavras para lhe responder.

— Duve, Geny — continuou Tony com voz forte. — Estamos só. Juramos que não dizes a ninguém o que te vou dizer?

— Juro.

— Acreditas no amor?

— Não.

— Porquê?

— Porque (e a sua voz teve quasi um soluço) tenho-o procurado — e nunca o encontrei.

— E se eu te disser que gosto de ti...

— Geny ficou-se a olhar o primo. Tinha os olhos quentes, avelhados — um ligeiro rubor cobriu-lhe as faces. Nervosa, levantou-se da cadeira. E até sumia raze, baixinho, o céu:

— Também me gostas de ti...

— Sim, quando não reparavas em mim...

— E agora... diz-me... agora... Também me desprezas? Também fazes como as tuas irmãs? Sim... vai à amadurecer...

— Poderás dizer que o Tony exterior, este Tony bonco, dos balles, dos chás, dos ebrides, morreu. Mas tu és uma poetisa. Comprendes que o homem em um mundo dentro da alma, é esta minha alma está viva, crente, amorosa, como nunca esteve. Eu fiz-te um homem, não é?

— Não! Eu sofri, chorar. Vi a morte cercando vides — e compreendi que o homem colhe para além deste mundo. Entrudo ignobil onde nos divertimos: a vida do espírito que nos dá felicidade. Tu deves compreender, Geny? Eu era um bonco — hoje sou um homem! Se gostaste de mim — agora... Perdo-me: sou louco em estar a torturar-te.

Geny, tapando os olhos com as mãos para encobrir duas lágrimas segrou:

— Sim, Tony, gostei de ti — e ainda gosto mais...

\*\*\*

Quando, à tarde, as manas vieram do cinema e perguntaram por Tony a criada disse que ele tinha saído com a Geny e a mamã a fazerem compras.

E ficaram de boca aberta quando, ao jantar, o J. Hernes, L. M., anunciou o casamento de Geny com o Tony, que, de barba feita e sem os truques da perna de borriacha, estava um perfeito rapaz.

E desataram todos a rir (menos as beldades, claro), com aquela mania do Tony aparecer aos tíos feito molhado, com barba de três meses.

# 3 NATAIS

(Continuação da página 27)

Avôzinha, pedindo a Deus para viver ainda outro Natal...

Como a vida foge e nos leva a felicidade...

Um ano... outro ano... a tenção de maiores terras... e nasce Menino Deus nos Templos ricos... Natal da cidade! E tudo mais grandioso!

Oh ouro nos presépios e pedras e sédas nos Altares! E até a figura de Cristo, que foi barbudo e nôbre, e rejeitos grandezas e tesouros, se ergue em prat na sua cruz de suplente

Yai pelas ruas uma ófida de luz que enluta. Há brincados e prendas, e muitas luzes na Arvore do Natal! E há janarar! E há castos de prazer, onde o champagne saltando a jorras, faz esquecer o próprio Natal, e lhe rouba a sua travésio de sagrado dia!

E a vida tantas vezes nos engana castis, impiedosa, e nos encorruca como se fássemos deas!

Natal desloação!

Natal dos que nasceram para o destino castigar... não se sabe porque!

Nem riquezas, nem luzes, nem carinhos, nem sequer as quatro paradas divinas cast para encobrir ao Mundo que ri as lágrimas, se chegam neste dia!

Um ano... Outro ano!... O egru duma porta!... Este frio!... Maldo seja o frio!... Natal de gelo! Natal de solidade!... Farpas brancas, de genda... farpas negras, de emersura!...

Um ano!... (Como quem fope aporçado de médo). Outro ano!... (Cuidado de joelhos, numa ofitica prece).

Nô! Meu Deus! Não me detreza viver outro Natal!

\*\*\*

COM BONUS

BRILHANTES

ou RELÓGIOS de bolso e de pulso com garantia

Se vende barato e a casa

**CORREIA & MOURA, L.ª**

Rua do S. Paulo, 186 — LISBOA

**COMPANHIA ALCOBIA**

— MOVEIS — ESTOFOS — DECORAÇÕES

Nos seus salões de exposição e venda encontrará V. Ex.ª

**Mobiliário de Bom Gosto e do Melhor Fabrico**

— RUA IVENS, 13

(Esquina da rua Capelo)

TELEF. 2 6441

Telefones P. B. X. 2 0559 - 2 1615

**CASA DAS MALAS**

Fundada em 1887

**JOAQUIM DA SILVA & CA (FILHOS)**

Manufactura de Malas em todos os géneros. Carteiras, Pastas e Artigos de viagem, Malas armadas "Qashkash" Hartman

110, Rua da Prata, 114 — 180, Rua do Ouro, 182

OFICINAS: Largo de S. Martinho, 8-11 (EDIFÍCIO PRÓPRIO)

**LISBOA**

**MONTEPIO GERAL**

ASSOCIAÇÃO DE SOCORROS MÚTUOS FUNDADA EM 1840

Gr- Cruz de Ordem do Benemerência

SEDE EM LISBOA, Rua do Ouro, 219 a 241

FILI- L NO PORTO, Avenida dos Aliados, 90

FUNDOS PERMANENTES E DE RESERVA: 388.741 CONTOS

Elegua as seguintes operações:

Empréstimos hipotecários, à taxa de 4% ao ano.

Empréstimos a título de crédito, à taxa de 4% ao ano.

Empréstimos a metais e pedras preciosas, à taxa de 6,5% ao ano.

Aluguer de côres fortes.

Guarda de valores nas suas casas fortes.

Compra de coupons nas melhores condições de mercado.

**ACEITA DEPÓSITOS NA SUA CAIXA ECONÓMICA**



# O MILAGRE DA CHUVA



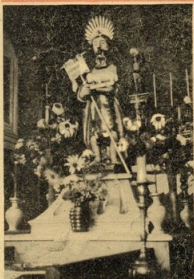
São João do Deserto



**E**NTRÉ Penela e Lousã — a cinco quilómetros de Penela, a dezóito da Lousã — por consequência em plena região da Beira, fica uma ridente vila que se chama Espinhal. Não será uma vila opulenta, mas é alegre, faz a sua vida e moureja, de consciência tranqüila, na boa paz do Senhor. O seu próprio nome — Espinhal — está longe de ser um nome aveludado, mas possui, em troca, um aroma puro e silvestre de urze e de pinheiro bravo. Ora próximo do Espinhal, no alto duma serra que tem o seu nome, entre dois penhascos que, a distância, dão idéias dum regaço hirsuto, branqueja uma pequenina capela conhecida, muitas léguas em volta, pela capela de São João do Deserto — porque nela se encontra, sózinho, quasi sempre afastado do bulício do mundo e dos homens, um São João ingenuamente patriarcal. A imagem, talhada em pedra por um sanjeiro humilde, nada tem, artisticamente, que a recomende; mas o povo da vila e das redondezas consagra-lhe um culto piedoso; todos os anos, a 24 de Junho, ali vai rezar e cantar; e é crença geral que este São João, com as suas barbas, a sua túnica e o seu cordeirinho branco, além de casar os rapazes e as raparigas (o que, aliás, sucede a todo o São João que se preza), guarda o milagroso poder de, nas largas estiações, fazer com que a chuva caia do céu sobre os campos ressequidos. Para isto é necessário, porém, que o povo vá em penitência à capela, oiça missa e, depois, descido o São João do seu altar, o traga preciosamente pelos péseros caminhos da serra, até à igreja da vila. Pode o sol de fogo calcinar a terra, pode o seu ardente secar, como um hálito de inferno, a fresca georgica da natureza — a chuva cairá se aquêle venerável São João, por fora de pedra, por dentro de arminho, quiser fazer o milagre. E — doce e piedoso santo! — ele não deixará de o fazer, se o trouxerem em procissão. Os próprios vultos do *Flores Santorum* têm — Deus lhes perdoe — as suas vaidades humanas. Pois bem. Até meados de Outubro, como sabem, a seca foi este ano pavorosa. A terra estiolava abrasada de calor. Quasi não havia uma gota de água. Homens e animais morriam de sede. A fome igualmente ameaçava. Só São João, aquêle bondoso São João do Deserto, podia fazer o milagre! E foram-no buscar. Procissão surpreendente pela montanha verde-negra, com a irmandade, o pendão, o andor, os sacerdotes, e atrás o povo, rezando, implorando, coberto de pó, os pés ragados de mato bravo. Do alto da serra até chegar à igreja a procissão durou horas. Acorreram centenas, milhares de pessoas. Nesse dia ninguém trabalhou muitas léguas em redor. Mas o milagre aconteceu. Não tardou muito tempo que não começasse a chover. Mais uma vez São João fóra infalível. Grossas bátegas principiarão a ensopear a terra; a chuva veio às catadupas; houve mesmo inundações (veja-se o que aconteceu em Lisboa), e se não levam o São João do Deserto, de novo, para a sua capelinha da serra, teríamos — quem sabe? — um novo dilúvio. Dizia um velho frade que mesmo os milagres devem ser comidos. São João talvez se excedesse! Mas éle já pensou que, já que não há abundância de muitas coisas, ao menos de água houvesse fatura...



A capela de São João, no alto da serra do Espinhal



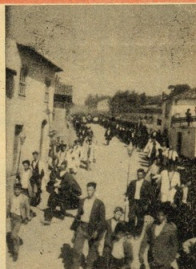
O São João do Deserto em dia de festa em sua honra...



A procissão descendo o monte, numo vago nuvem de póeira



Por montes e vales



A procissão assomando a entrada da vila





Um aspecto das escritórios, vendo-se ao fundo um dos sócios, o sr. Samuel Sequeira

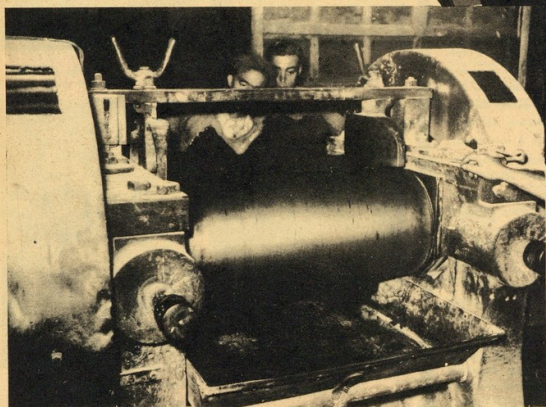


O sr. Samuel R. Sequeira, sócio-gerente da Sociedade Manufactureira de Artefactos de Borracha Limitada.



O sr. Alberto Dias da Silva, sócio-gerente da Sociedade Manufactureira de Artefactos de Borracha, Ltd.ª.

Aqui a borracha é passada neste enorme cilindro



Um aspecto da fábrica em laboração



UMA  
FÁBRICA  
QUE  
PROGRIDE!...



O visitarmos a conhecida e conceituada Fábrica de Borracha «Monsanto», propriedade da Sociedade Manufactureira de Artefactos de Borracha, L.ª, em Lisboa, na Avenida 24 de Janeiro, junto ao Parque Florestal de Monsanto, servida por uma esplêndida rede de estradas e também pela majestosa auto-estrada, podemos verificar as suas magníficas instalações comerciais e fabricas, que produzem os mais variados artefactos de borracha, desde artigos para calçado, desportos, bazar, domésticos, sapatos para campo e praia, até a mais complexa e variada confecção de produtos para fins imprescindíveis destinado às indústrias de transportes: automóveis, caminhos de ferro e navegação, estabelecimentos do Estado, como: Câmaras Municipais, Arsenais, Bombelros, Ministério da Guerra, etc., etc.

Fomos cordialmente recebidos pelos seus proprietários e sócios-gerentes srs. Samuel R. Sequeira e Alberto de Andrade Dias da Silva, fundadores da firma em 30 de Março de 1836, que muito amavelmente facilitaram a nossa reportagem.

Entrevistado o sócio-gerente Sr. Samuel Sequeira, «doublé de grande industrial e «gentleman», homem culto e de acção, orientador da estrutura comercial e industrial da firma, cujos méritos e créditos são sabidamente conhecidos, disse-nos:

— Não obstante a empresa, a que metemos ombros, ter-nos proporcionado pejeias árduas e por vezes desanimadoras, não pouparamos esforços, para bem servir a nossa clientela, angariar amigos dedicados e seleccionar colaboradores diligentes e animados, com o fim de honrar e fazer progredir a nossa firma.

Como obra social, fazendo sacrificios pessoais, nunca deixámos de manter permanentemente o nosso quadro de pessoal, satisfazendo todas as regalas, muito embora houvesse razões imperiosas para reduzir os dias de trabalho.

Pena foi que, motivado pelo exigio e desproporcionado contingente de borracha virgem, atribuido à nossa fábrica, pelas cerciões criadas, não tivéssemos conseguido «mais e melhor».

Lamentamos também não ter podido fabricar os nossos produtos em quantidades suficientes, de modo a satisfazer inteira e prontamente todas as exigências dos nossos clientes, em consequência da lacuna deixada pela não importação, impostos pela guerra, mas as exigias condições não permitiram, mais uma vez, satisfazer cabalmente. Assim mesmo, no período mais crítico para a indústria e comércio de transportes, — problema não mais crítico para a indústria e comércio de transportes, — problema n.º 1 do País, — a nossa fábrica coube o dever de redimir todos os esforços para a produção de pastas para rechapar e recauchutar pneus, fabrico de acessórios, juntas, tubos e um variado sem número de peças especiais para veículos a gasolina ou a gasogénio, abandonando a produção doutros artigos, por o exigio e desproporcionado contingente não o comportar. O mercado deve, por tal facto, agradecer-nos à Indústria Nacional. E justissimo ajudá-la...

Ajudando-a é ajudar a Nação e os seus Trabalhadores.

Ouvimos a seguir o sócio-gerente Sr. Dias da Silva, pessoa de fino trato e colaborador precioso na administração da firma, que disse: — Para completar o pensamento do meu sócio e amigo, direi que é necessário terminar de uma maneira inofensiva a protecção a uns, em detrimento doutros, haver o interesse do Estado e a boa-vontade da Nação em coadjuvar as iniciativas particulares. Assim, a Fábrica de Borracha «Monsanto», teria a oportunidade, estou certo, de apresentar novidades e produtos que, pelos seus preços e qualidades, rivalizariam com os similares estrangeiros, defendendo, simultaneamente, a Economia Nacional...

Espançados, os nossos dois interlocutores, encerraram a entrevista, aguardando o despontar de melhores dias, sob o seu lema: BEM SERVIR!

SANTOS CRUZ



Um detalhe dos armazéns onde se guardam os artigos de borrocho para expedição





# FESTA NA ALDEIA



Este sorriso lindo quer dizer  
que a Maria vai à festa e  
está contente!

**Q**UE bom! Até parece que o sol brilha mais! Há festa na aldeia, que o povo também quer divertir-se! Isto não vai só com trabalho, que, depois, a gente cansa e nem o trabalho nos sabe bem!

Depois, as raparigas precisam de arranjar receita — e os velhos precisam de matar saudades!

Há festa na aldeia, raparigas! Vistam os seus fatos mais bonitos, melhores que os de domingo, que domingos dá-nos Deus um tódas as semanas e festas a Sociedade só nos dá uma por ano!

Há festa na aldeia, rapazes! Aproveitem, que a vida são dois dias, e quando por vocês derem já estão casados, cansados e pais de filhos!

Há festa na aldeia, velhotes! Não falem, que a mocidade precisa de vos ter ali perto, para manter o respeito e ter-se a alegria, que, quando é demais, chega a ir por fora, como o vinho novo sai do casco!

Há arraiá, e baile e toca a banda da Sociedade e vem a música de Palhaço, que é ali perto e nunca falta a confraternizar com os músicos e o povo da outra aldeia!

Há festa, gente da minha terra!

Raparigas, rapazes, gente nova, gente de cabelos brancos — alegrem-se todos!

Há festa na aldeia!

Fotos João Martins



Logo de manhã cedo começam a formar-se grupinhos e a combinar os pares...



E quando o baile começa, já não se dança «por acaso»... Cada rapariga dança com o seu rapaz — porque sim...

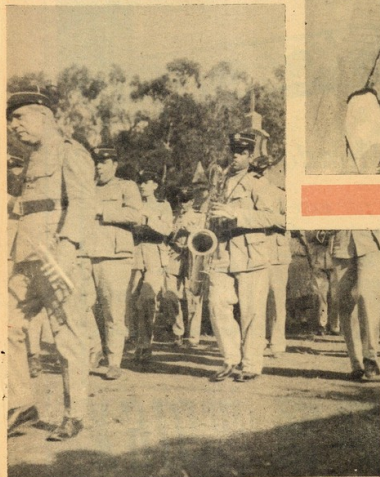




O povo confraterniza e o «harmonia», entre os festeiros, ainda é maior que entre os músicos.



Este não dança. E está ali, de olhar fixo, vendo o redopiar dos pares.



Mas logo chega a música doutro aldeão próximo, que vem tomar parte na função, e tudo se acalma.



As vezes, o ciúme também entra no baile — e estraga tudo! Então os músicos fogem do coreto, os raparigos desaparecem como por encanto e os rapazes e os varapaus ficam sózinhos — a resolver o caso!



Que saudades dos meus tempos! Ah, se eu ainda tivesse vinte anos!



# CONSIDERAÇÕES SOBRE AS ARMAS ANTI-ATÔMICAS

Logo no início da era atômica, se falou exuberantemente na utilidade e utilização de armas anti-atômicas. Chegou mesmo a afirmar-se a existência das mesmas, por exemplo, a grande anti-atômica. Mais adiante diremos o que se nos oferece quanto a este pormenor.

Quais seriam as armas capazes de anular os efeitos de outra arma que, aparentemente, constituiu uma surpresa?

Como poderia anular-se o projectil atômico, a bomba atômica que, mereceu uma local humorística, classificando tal engenho como o exército único no ano de 1957?

Ao considerar portanto as armas anti-atômicas é fundamental recordar a estrutura da bomba atômica. Essa, em seus pormenores, deve ser privilégio de bem poucos, todavia foi dado saber a todos quantos leram e compreenderam o que sobre o caso se disse que, é primordial nessa arma a existência do eletrão U-235 que, considerações vastas, feitas já aqui de certo e noutras partes, nos dispensam de recapitular a matéria...

Sabido é que se trata de urânio e que esse urânio-235 simboliza aquilo que em física nuclear se chama um isótopo. Recordando, também sabido é que dois números aplicados por altura daquelas notícias sensacionais, representam — 235 e 238 — respectivamente o peso de dois átomos de urânio e ainda o número de prótons e neutrões, existentes no núcleo dos átomos dos elementos considerados, antes citados. E, também se sabe que a isotopia provém do facto de um mesmo elemento ter no seu núcleo, diferente número de neutrões em relação ao elemento vulgar. São estes que fazem variar o peso do átomo sem lhe alterarem todavia as propriedades, químicas, que, caracterizam. No caso do urânio já tão conhecido, temos primeiro um átomo de urânio com mais três neutrões do que outro.

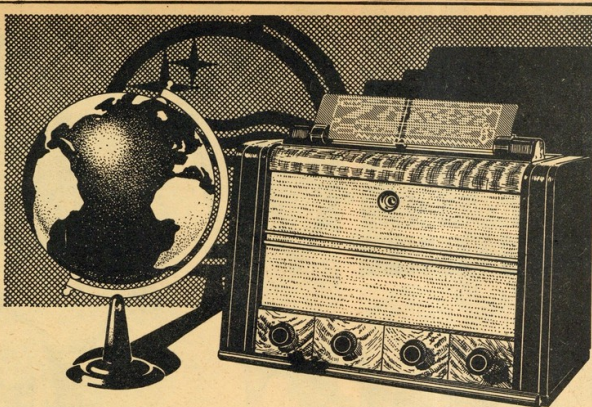
A cisão do átomo de urânio, utilizada naturalmente na bomba atômica torna forçosa, uma vez admitida, a existência duma fonte de partículas capazes de provocar tal cisão. Quere dizer, passando a uma linguagem grosseira, para que a tal massa de urânio se torne perigosíssima é necessário um estímulo, isso poderá ser um ciclotrão? Qualquer outra coisa que não possamos imaginar. Pois quanto ao ciclotrão, bastante citado e expulso no início da era atômica, julgamos ter fortes razões, agora, para não o admitir. Mas isto não é assunto para aqui.

Queríamos dizer que o urânio só, é inofensivo pelo menos sob este aspecto. Ao contrário de outras matérias, explosivos, para cuja deflagração o simples choque basta, neste caso é necessário, sim, também um choque mas choque de pequenas partículas para o que um choque, uma percussão, tomados no sentido mais usual, nada parece aproveitar.

Esta arma, a bomba atômica, aparece-nos mais requintada, essencialmente científica, produto imediato das locurações dos físicos e dos químicos e não produto dum arsenal mítico e não produto dum arsenal de guerra por certo militarista, onde se empregam tantas vezes termos científicos pouco os conhecendo quem os utiliza.

Finalmente, como construir e como utilizar a tal arma anti-atômica? Qualquer projectil atingindo a bomba atômica poderá inutilizá-la, demontar os seus elementos constituintes de certo antes que a desagregação do urânio se tenha iniciado? De contrário poderemos atribuir a esse projectil, a sorte que teve, segundo relato dos jornais, aquela tão empreitada no Novo México. Enquanto por exemplo, a V-1 ou a V-2, atingidas em pleno espaço, dariam origem tal vez a uma explosão, ao ser atingida a carga que transportasse, no caso duma V-1 ou duma V-2 atômicas, tal facto não aconteceria. Os efeitos que, para um explosivo sensível a percussão e com a notável bomba atômica, seriam trágicos e inevitáveis, poderiam já anular-se, desmantelando (passo o termo) a bomba atômica em pleno espaço. A massa atômica em pleno espaço. Já, a primeira vista, tornasse inútil. No entanto, lembremo-nos da existência dos tão falados raios cósmicos, mais do que penetrantes do que os bem penetrantes raios gama que se revelam na desintegração do rádio e, fiquemos por aqui, visto que o aprofundamento de tal matéria é incompatível com estas páginas.

JOSE DA SILVA



## Disponha do Mundo !

O PHILIPS "916 X" é por excelência o pósto para amadores de ondas curtas. — Ótima captação. — A música e a palavra são ouvidas com perfeição absoluta. Receptor destinado aos ouvintes de sentido e gosto apurados.



916 X

Receptor de grande categoria da Nova Série Holandêsa 1946

# PHILIPS TIPO 916 X

À venda nos revendedores autorizados da

**PHILIPS PORTUGUESA, S. A. R. L.**

e em exposição:

LISBOA  
Avenida da Liberdade, 3

PORTO  
Avenida dos Aliados, 101

COIMBRA  
Rua Simões de Castro, 152



OUVIR UM  
**Luxor**  
é um sonho!



Não precisa juntar...

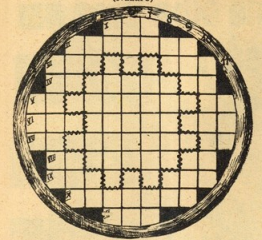
COMPRE TUDO A PRESTAÇÕES NA

**Continental Bloco L<sup>da</sup>**  
RUA DA PATALUS, 21 TELEF. 2552 LISBOA



# PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA N.º 49 (Concursos)  
Por Francisco Conceição Santos  
(Nazaré)



ENUNCIADO

**HORIZONTAIS:** 1—Pequena argola. 2—Historiador grego, nascido em Megalópolis na Arcádia, entre 210 e 208 antes de Jesus Cristo, autor de uma História geral do seu tempo e de que só restam cinco livros inteiros. 3—Caixa de madeira, ordinariamente revestida de couro, e tendo a tampa convexa; partícula afirmativa. 4—Artigo; poeta, cantor, entre os gregos antigos (plur.); o mesmo que o. 5—Símbolo abreviativo, para representar a relação da circunferência ao diâmetro, isto é: 3,1416; apelido; o mesmo que a. 6—Faço voar; investigar (fig.); entenda. 7—Prefixo latino, que entra na composição de algumas palavras portuguesas e que designa reiteração, reciprocidade, restituição, volta ao estado anterior, etc.; molusco terrestre, da família dos beldicidos; estás. 8—Contração de preposição e de artigo; falou por mim; andará. 9—Fruto da videira; andal. 10—Famoso satírico italiano, licencioso e malévolo, autor de *Diálogos célebres* (1492-1527). 11—Triture.

**VERTICAIS:** 1—Igual. 2—Célebre poeta e crítico francês, nascido em Paris, autor das *Sátiras*, da *Arte poética*, etc. Foi amigo íntimo de Corneille, Molière, Racine e La Fontaine (1638-1711). 3—A parte mais larga dos membros dianteiros das reses (plur.); escavação. 4—Conjunção que indica alternância; o mesmo que *lutam*; modo. 5—O mesmo que o; decoração teatral; preposição indicativa de lugar onde. 6—Emblema da realeza em França; tenham divisas; ligo. 7—Prefixo designativo de oposição ou de inervação; natural da Póndia; frequentava. 8—Nome de letra (plur.); cururo; prefixo privativo, que indica umas vezes *supressão* ou *negação*, outras exprime ideia de posição interior ou superior. 9—Partícula, que, no antigo dialecto do norte da França, significava *sim*; passado. 10—O mais illustre dos poetas cómicos franceses. 11—Contração de preposição e artigo (plur.).

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 48

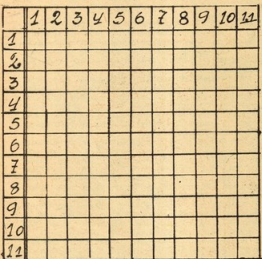
**HORIZONTAIS:** 1—Antas; marca. 2—Ibéria. 3—Da; abeto; em. 4—Ola; eco; ira. 5—Ra; paro. 6—Dinamarca. 7—Mica; euro. 8—Ena; plo; sal. 9—La; srebro; ml. 10—Cromada. 11—Omega; setiva.

**VERTICAIS:** 1—Ardor; melão. 2—Aldina. 3—Ti; alica; co; abra; erg. 5—Seber; proa. 6—Recambem. 7—Mito; obas. 8—Aço; pre; ode. 9—Ra; lacus; al. 10—Ecraram. 11—Armão; oliva.

# PALAVRAS CRUZADAS

NOVA MODALIDADE

PROBLEMA N.º 1  
Por Enj. Raposo



**HORIZONTAIS:** 1—Meditaram. 2—Metal precioso de cor amarela; crivo. 3—Segunda e primeira letra, respectivamente, do alfabético; péso de um centímetro cúbico de água destilada atmosférica. 4—Juro excessivo; criara ovos. 5—Reques-tam. 6—Pref. design. de três; raul; três em letra arredada. 7—Indicaram a cura. 8—Frego para ferradura ou para fixar na cruz; os pés e mãos



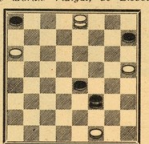
# DAMAS

(Secção portuguesa)

FINAL DE JOGO N.º 19

Por Francisco A. Henriques  
(Almeirim)

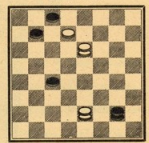
(Dedicado ao primeiro compositor admista: Edmundo Simões da Moraes Vidalga, de Lisboa)



Jogam as brancas e ganham.

PROBLEMA N.º 42

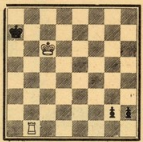
Por Orlando Augusto Lopes  
(Chamusca)



Jogam as brancas e ganham.  
(Mate em 7)

# XADREZ

ESTUDO  
Por J. Moravec



Jogam as brancas e empatam.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 22

1. D-8. Efeitos de duas voltas por reforço sobre c5 e e4.

R. P. X

dos suplicados; torna solitário. 9—Pron. pessoal; tiras de fgado, temperadas e fritas; também. 10—Fronteira; relva. 11—Apareceteia.

**VERTICAIS:** 1—Egrandeceria. 2—4 letras de sruas; camilho; ladeados de casas ou árvores. 3—Dus consonantes; agredida; nome de letra (pl.). 4—Burla; aeroplano. 5—Ramaelhes pequenoz. 6—Cauda; prega; destila. 7—Residua. 8—Encolerizava; queimel. 9—Batráquido; acarcido; nota musical. 10—Car; apelido dum grande «boxeur» português, ex-campeão de um título, o qual lhe fóra arrebatado há pouco tempo. 11—Inculturais ideias suas a.

DIRIGIDO POR AUGUSTO TEIXEIRA MARQUES

Toda a correspondência deve ser enviada para a Rua Marquês, 54 da Bandeira, 106, 3.ª LISBOA

# CHARADAS

NOVÍSSIMAS

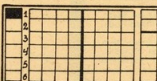
Por Nicolau F. Telo de Moraes  
(Viseu)

- Quando procurava o tesouro teve uma afluência do pobre mineiro. — 2-1
- O pó não dá sempre preziosos bens serviços ao príncipe dos demónios. — 2-1
- Se queres vencer o benefício não tenhas cometido do homem que usar uma pequena lança. — 1-1
- Derrama uma pequena porção dum líquido sobre as ondas porque se não fizeres isso achas-te num labirinto. — 2-1
- Com essa cantiga não te vés livre da ligação que tens com o secretário do arriano. — 3-1
- 6) homem baboso ou mesmo curioso nunca pode dar o alarme. — 2-1

# PALAVRAS TROPOLÓGICAS

PROBLEMA N.º 5

Por Augusto Teixeira Marques  
(Lisboa)



ENUNCIADO

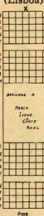
- Fruto da romãzeira; uso geral. 2—Vi com cuidado; tereno não se malha e secam cereais. 3—Lavros governa. 4—Repto; corpo flutuante, preso a uma corrente, para indicar o caminho a seguir pelos navios. 5—Propriedade extensa; afecto. 6—Enlago; ligeiro.
- Nota*—O presente problema é dedicado pelo autor ao seu amigo, senhor Dr. Eurico Simões Serra, director geral dos Serviços Jurisdiccionais de Menores (Ministério da Justiça), assim como esta página.

# PILHA DE PALAVRAS

PROBLEMA N.º 5

Por Maria de Lourdes Nogueira  
Teixeira Marques Freire

(Lisboa)



ENUNCIADO

- Pescada pequena. 2—Imposto sobre transportes. 3—Vaso para ordenhar. 4—Amarçar com pena. 5—Relativo ao fígado. 6—Sensação visual secundária. 7—Fragmento de leinha mítica. 8—Custo. 9—Homem que trabalha nas marinhas do sul. 10—Gola pendente e larga. 11—Resumido. 12—Inexistente. 13—Inflamação das articulações. 14—Amanhã. 15—Delícia. 16—Covil de feras. 17—Enoplar. 18—Impossibilitado. 19—capote curto com capuz, usado pelos mouros.

RESOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 3



# MAÇADA GEOGRÁFICA

Por Augusto Teixeira Marques

(Dedicado ao distinto médico português Dr. Manuel Ramos Pinto)

- |     |             |
|-----|-------------|
| 1—  | M . . . . . |
| 2—  | A . . . . . |
| 3—  | O . . . . . |
| 4—  | U . . . . . |
| 5—  | E . . . . . |
| 6—  | L . . . . . |
| 7—  | R . . . . . |
| 8—  | A . . . . . |
| 9—  | M . . . . . |
| 10— | O . . . . . |
| 11— | S . . . . . |
| 12— | P . . . . . |
| 13— | . . . . .   |
| 14— | N . . . . . |
| 15— | T . . . . . |
| 16— | O . . . . . |

ENUNCIADO

1—Vila do concheiro do Selval. 2—Fovação e estação de Caminhos de Ferro da linha de Sintra. 3—Cidade de França e capital do departamento do Loire-Inferior. 4—Cidade de França e capital do departamento de Gironde, à beira do rio Garonna. 5—Cidade de Itália, construída sobre as lagoas do Adriático. 6—Aqueduto alemão da Oceania. 7—Fovação do concheiro de Torres Vedras, onde há um astio de Inválidos Militares. 8—Grande ilha da Oceania e domínio inglês. 9—Ilha do Mediterrâneo, entre a Sicília e a África (pertence aos ingleses). 10—Península montanhosa, entre o mar do Japão e o mar Amarelo. 11—Uma das cinco partes do mundo e berço da civilização actual. 12—A Cordilheira entre a França e a Espanha. 13—Cidade do Peru. 14—Região da América, situada ao S.E. dos Estados Unidos. 15—Rio de Portugal que nasce na Serra de Albaratrach em Espanha. 16—República Federativa da América do Norte, dividida em 27 Estados, 3 territórios e 1 distrito federal. *Nota*—Cada ponto (•) equivale a uma letra. Depois de Espanha os pontos terem sido substituídos pelas respectivas letras está resolvido o problema.

# QUAIS AS ELEVAÇÕES MAIS ALTAS DO MUNDO?

Rectificado

No nosso n.º 234, de 8/11/945, a 4.ª resposta não foi publicada completa, pelo que a damos a seguir:  
4.—de 6 a 8.000 metros: o Annapurna, o Chimborazo, o Aconcagua, na América; o Taghorn, o pico Kaufmann, o planalto de Faghi, o Senerazov e o Davalghai, na Ásia.



# IDEIAS E IMAGENS

por Antônio Ruas

Os sacerdotes representam princípios rígidos, ideais muito altos, certamente uma muralha de dogmas, e por isso o seu papel deve consistir em instruir e a guiar espiritualmente o mundo. Se governam, se têm de vir do espiritual para o temporal, são forçados a torcer os princípios e a sua crença, e daí uma deformação moral que faz com que os regimes teocráticos sejam os mais injustos, os mais prepotentes e os mais imorais de todos os sistemas.

\*\*\*

O ideal são os tipos religiosos. Há homens religiosos muito bons e há homens religiosos muito maus. Para uns a religião é um código moral subtil, e para os outros é mera superstição. São crentes, porém o Deus deles é um Deus pagão, que é preciso praticar os rituais, oferendas, com práticas, com missas, frequentando-lhe assiduamente a casa, celebrando todos os seus ritos, assistindo a todas as suas cerimônias. Estes crentes são uns invertidos mentais, que invertem o sentido da religião. Consideram como um fim aquilo que é apenas um meio. Havirá qualquer coisa de substancial dentro deles. Apesar de duros ou inorais, tratam no seu espírito uma luta intensa, procurando adorar sem saberem como. São homens antigos, que vêm de tempos recuados, antepassados da selva ou de tempos orgânicos, que da Divindade apenas têm esta noção: que é inconmensuravelmente forte.

O que eles adoram não é o Deus justo, misericordioso, mas o Deus Todo-Poderoso.

Ainda há os hipócritas. Mas esses nem são religiosos nem supersticiosos. Fingem, representam uma força para servirem determinados fins. São horríveis.

\*\*\*

Com a psicanálise talvez se dê o mesmo que com o método indutivo apregoado por Bacon, apesar de já referido por Aristoteles, mas tão antigo como o mundo porque é inerente à natureza humana. Parece-me que sempre se praticou neste mundo a psicanálise. Freud, o que fez foi trazê-la para a tela da discussão, e isto numa época em que a medicina ligava pouca importância aos desvios do inconsciente. As teorias do mestre vêm ao, na sua maioria, desgrazadas. A instância sobre a libido é uma coisa horrível. A interpretação dos sonhos um desvario.

A psicanálise cura? Decerto que tem curado. Não há, por assim dizer, processo nenhum novo que não cure. Daí os medicamentos estarem sujeitos às modas, como os vestidos das damas. Mas parece que a moda psico-analítica está a passar. Tem curado e também descurado, agravado padecimentos em vez de os eliminar, como tudo neste mundo.

A melhor cura psico-analítica dizem que está na confissão católica, motivo porque os processos freudianos, segundo dizem, não tiveram grande voga nas nações que reverenciam o Papa.

Da psico-análise nasceu a auto-análise, nasceu, é claro, apenas como processo, pois que ela é tão antiga, pelo menos, como o cristianismo. Mas é, em certos casos, um dos venenos mais perigosos que vieram ao mundo. São espíritos superiores e religiosos é que podem auto-analisar. Um espírito mesmo que seja superior, mas não religioso, pode assim sair, na hipocôndria, talvez seja esta a razão de muitos suicídios.

A maior condenação da psicanálise é esta: lida com os instintos e por isso é contrária ao profundo sentido espiritual do cristianismo.

\*\*\*

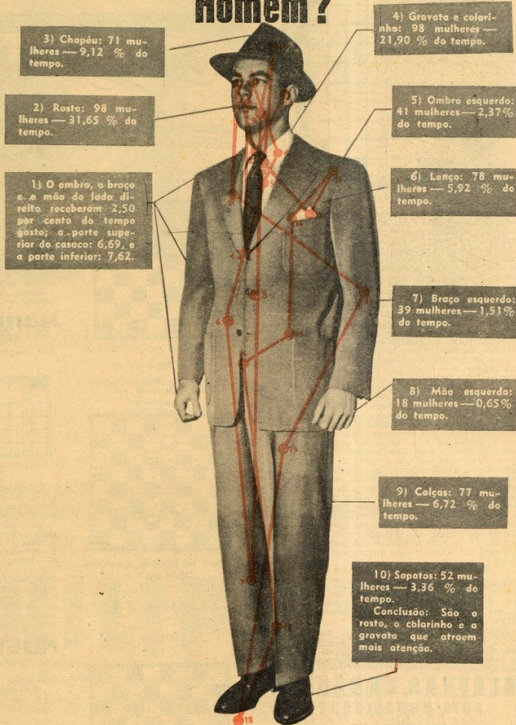
Não é a razão que cria, é a imaginação e, muitas vezes, a inspiração, que talvez seja uma espécie de medianidade. Os grandes poemas não são arrazoados, são imaginativos. As grandes obras de pintura, de escultura, de arquitectura são filhas da imaginação. As grandes descobertas ou são imaginativas ou são inspiradas.

A razão o que faz é rotular a criação. Estabelecer-lhe parâmetros, regras, normas que, a maior parte das vezes, impedem o seu desenvolvimento e cerram as portas a criações posteriores.

É em virtude das peias que a razão, pde à criação que as grandes obras de arte quase nunca são apreciadas pelas gerações que as presenciaram. Isto deuse-

(Continua na página 48)

## Confidencialmente, minha senhora... Quere saber como olha para um Homem?



COMO é que uma mulher olha para um homem? Olha primeiro para os sapatos, para as mãos ou para a gravata? Onde é que os olhos femininos se detêm durante mais tempo? No rosto ou no lenço de albatre?

As respostas a estas perguntas são hoje reveladas por intermédio de «Vida Mundial Ilustrada», com base em informações colhidas durante um «test» feito a 100 americanas pela «Store For Men of Marshall Field», de Chicago. O mapa à direita, mostra os resultados deste inquérito.

Em baixo, uma das inquiridas está sentada diante da câmara. Os raios de luz focados em direcção às meninas dos olhos reflectem todos os movimentos inconscientes e involuntários dos olhos. Os raios de luz impressionam uma câmara de filmar que se move a uma velocidade de duas imagens por segundo.

Assim, os registadores cinematográficos captam o curso do olhar e o tempo que a inquirida gasta a observar cada parte da figura que tem na sua frente.

Os rectângulos revelam o número de mulheres entre as 100 inquiridas que fixaram a vista em cada área, e a percentagem média de tempo que gastam em cada uma. Os pontos numerados e ligados por traços mostram o curso normal do olhar seguido pelos 100 pares de olhos. Em média, uma mulher gasta 16,15 segundos a lançar três golpes de vista sobre a figura masculina que lhe apresenta-





MOUTON DORÉE E IEMENS



GINETE

## Os Grandes Armazéns do Chiado

Apresentam as últimas novidades em confecção de PELES

Executam-se encomendas por medida em todos os géneros de PELES.

Remessas contra reembolso para qualquer terra do País.

Os nossos preços são iguais para toda a parte, tanto em LISBOA como no PORTO ou em qualquer das nossas Filiais. Todos os nossos modelos são muito elegantes.

SÓ EMPREGAMOS PELES DE BOAS QUALIDADES!



RAPOSAS AZUL OU «ARGENTÉE»



GOLA E REGALO EM RAPOSA «ARGENTÉE»



MADUREIRA  
RUA DO CARMO, 47  
LISBOA

SM



«COUPON» DO NÚMERO  
DE NATAL DE «VIDA  
MUNDIAL ILUSTRADA» - 1945

00000

EXTRAÇÃO  
A 31 DE DEZEMBRO DE 1945  
A validade deste coupon termina no  
prazo de 90 dias.

\* REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: RUA DA EMENDA, 69, 2.ª \* LISBOA \* TFL. 2 5844 \*  
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO: OFICINAS GRÁFICAS BERTRAND (IRMÃOS), L.ª \* T. DA CONDESSA DO RIO, 27